



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**



THAYANNE RAÍSA SILVA E LIMA

**SAUSSURE: A ESCRITA E A TRADUÇÃO DOS CONCEITOS DE
LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA**

UBERLÂNDIA

2014

THAYANNE RAÍSA SILVA E LIMA

**SAUSSURE: A ESCRITA E A TRADUÇÃO DOS CONCEITOS DE
LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Linguagem, texto e discurso

Orientadora: Prof. Dra. Eliane Mara Silveira

UBERLÂNDIA

2014

THAYANNE RAISA SILVA E LIMA

**SAUSSURE: A ESCRITA E A TRADUÇÃO DOS CONCEITOS DE
LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Linguística Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguagem, texto e discurso

Orientador(a): Profa. Dra. Eliane Mara Silveira

Banca Examinadora
(Fevereiro/ 2014)

Profa. Dra. Eliane Mara Silveira – UFU (Orientadora)

Profa. Dra. Paula Godoi Arbex - UFU

Profa. Dra. Marlúcia Maria Alves – UFU

Aos meus pais,
grandes incentivadores da minha formação.

Agradecimentos

Primeiramente, a Deus, base de tudo em minha vida.

À minha mãe Elenísia, pelo carinho e pela admiração.

Ao meu pai, Paulo, pelo suporte e orgulho.

Ao meu irmão, pelas conversas descontraídas nas horas de intervalo.

Ao Rômulo, pela paciência e pelo amor.

À minha família em geral, tios, tias, primos, pelo apoio.

Às amigas do Grupo Fabiana França, pelas risadas e momentos de descontração.

Aos amigos do Pathwork, indispensáveis à minha paz de espírito.

Aos amigos que me apoiaram e fizeram questão da existência dos meus momentos de lazer.

À minha orientadora Profa. Dra. Eliane Mara Silveira, pelo apoio nessa investida acadêmica e pela confiança em meu trabalho.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure, Stefânia, Micaela, Michele, Karen, Marcen, Allana e Álisce pelas discussões e pela ajuda.

Aos membros da banca examinadora Profa. Dra. Paula Godoi Arbex e Profa. Dra. Marlúcia Maria Alves, pelas sugestões na banca de qualificação e pelo acolhimento na banca de mestrado.

Aos professores do programa de Pós-Graduação, pela ampliação dos meus conhecimentos.

À CAPES, instituição fomentadora deste trabalho.

“A mente que se abre a uma nova ideia jamais
voltará ao seu tamanho original” (Albert Einstein)

RESUMO

Fundada por Ferdinand de Saussure (1857-1913), a linguística moderna repercutiu por todo o mundo a partir da publicação da obra póstuma do autor, o *Curso de Linguística Geral*. Entre os conceitos que regem essa ciência, há três deles que são capitais na delimitação do objeto da linguística e de grande importância no trabalho do linguista genebrino; são eles: linguagem, língua e fala. Esses conceitos adquirem forma no trabalho de Saussure, cujos manuscritos traçam um percurso de construção desses que foram nomeados por Tulio de Mauro (1967) de tripartição conceitual. Linguagem, língua e fala passam por vários momentos de elaboração e tomam a forma reconhecida mundialmente no *Curso de Linguística Geral*, composto a partir das aulas ministradas por Saussure na Universidade de Genebra, em 1907. A partir disso, o livro de Saussure foi conhecido em todo o mundo por meio de traduções para diferentes línguas ao longo dos anos. A tripartição conceitual, que possui conceitos essenciais para a linguística, começa a apresentar dificuldades de compreensão em suas traduções. Neste trabalho nos dedicamos a dois momentos diferentes: o primeiro em que trabalhamos com os termos linguagem, língua e fala a partir da construção e distinção de seus conceitos; e o segundo, com suas traduções, especialmente com duas traduções controversas desses para o inglês. Assim, no primeiro capítulo abordamos o processo de escrita dos conceitos de linguagem, língua e fala, e utilizamos alguns manuscritos saussurianos de 1891 a 1908 e, ainda, relacionamos essa escrita com a última forma em que os conceitos foram apresentados no *Curso de Linguística Geral*. No segundo capítulo, analisamos como a tripartição conceitual foi traduzida para diferentes línguas, com enfoque, de forma geral, nas línguas que apresentaram complicações com a tradução dos três termos e, de forma específica, em duas traduções que mostraram controversas traduções dos respectivos termos para o inglês. Além disso, destacamos alguns pressupostos teóricos que embasam nossa pesquisa em relação aos impasses de traduções enfrentados pelos dois tradutores da obra de Saussure para o inglês. No terceiro capítulo, apresentamos como os conceitos de linguagem, língua e fala estão dispostos no *Curso de Linguística Geral* e como a tradução desses três termos para o inglês pode proporcionar uma imprecisão terminológica que acarreta complicações à definição e distinção de conceitos tão importantes para a linguística.

Palavras-chave: Saussure, manuscritos, Curso de Linguística Geral, tradução, linguagem, língua e fala

ABSTRACT

Founded by Ferdinand de Saussure (1857-1913) the modern linguistics has attracted the whole world attention after the publication of Saussure's posthumous work, the *Course on General Linguistics*. Among all concepts ruling this science, there are three that are crucial to the delimitation of the linguistics' object and of great importance in the work of the genevan linguist, which are: *langage*, *langue* and *parole*. These concepts took shape in Saussure's work, as we can for instance observe in his manuscripts one of their processes of construction which was renamed by Tullio de Mauro (1967) as conceptual tripartition. *Langage*, *langue* and *parole* underwent many moments of elaboration and took their mostly known shape in the *Course on General Linguistics*, from the classes that the genevan linguist taught at the University of Geneva, starting from 1907. Since then, Saussure's book has been well known worldwide in translations to different languages. The conceptual tripartition, that owns concepts which are essential to the linguistics, has nevertheless become difficult to understand in many of the translations. We organized this work into two different moments: the first one, in which we work with the terms *langage*, *langue* and *parole* in what concerns the construction and distinction of their concepts; and the second moment, which is dedicated to the translations, especially the two controversial translations to English. Thus, in the first chapter we will work with the process of writing the concepts of *langage*, *langue* and *parole*, by using some saussurian manuscripts from 1891 to 1908 and we will also relate these manuscripts to the way those concepts are approached in the *Course on General Linguistics*. In the second chapter, we will discuss how the conceptual tripartition has been translated to different languages. We will focus, in a broader way, on the languages to which the translation of the three terms were difficult, and, in a more specific way, on two of the translated version of the book where the translations of the terms to English are controversial. Besides that, some theoretical assumptions are also presented to support our research regarding the difficulties with translations faced by the two translators of the Saussure's posthumous work to English. In the third chapter, we will show how the concepts of *langage*, *langue* and *parole* are disposed in the *Course on General Linguistics* and how the English translation of these three terms can provide a terminological imprecision that leads to complications in the definition and distinction of concepts that are so

important to the linguistics. This way, we will dissert about the process of writing and the translation of the saussurian's tripartition concepts, as well as the importance they have to the understanding of Saussure's work and also the critics about the two controversial translations of these concepts to English.

Key words: Saussure, manuscripts, Course on General Linguistics, translation, *langage*, *langue* and *parole*.

SUMÁRIO

Nota introdutória.....	12
Capítulo 1. A escrita dos conceitos de linguagem, língua e fala.....	14
1.1. Introdução.....	14
1.2. Nos manuscritos <i>Trois premières conférences à l'Université</i>	16
1.3. No manuscrito <i>Caractères du Langage</i>	27
1.4. No manuscrito <i>Notas para o Curso II</i>	32
1.5. No <i>Curso de Linguística Geral</i>	36
Capítulo 2. Tradução dos conceitos de linguagem, língua e fala.....	40
2.1. Introdução.....	40
2.2. As traduções do <i>Curso de Linguística Geral</i> no mundo.....	41
2.3. As controversas traduções de linguagem, língua e fala para o inglês.....	46
2.4. Pressupostos teóricos da tradução.....	56
Capítulo 3. Um <i>CLG</i> com e sem linguagem, língua e fala.....	68
3.1. Introdução.....	68
3.2. Um <i>CLG</i> com linguagem, língua e fala.....	69
3.3. Um <i>CLG</i> sem linguagem, língua e fala.....	79
Considerações finais.....	93
Referências.....	96

NOTA INTRODUTÓRIA

Visamos, neste trabalho, a uma reflexão sobre os conceitos de linguagem, língua e fala de Ferdinand de Saussure (1857-1913) em momentos diferentes: primeiro, no momento da escrita desses termos, quando Saussure trabalha com os conceitos de linguagem, língua e fala em seus manuscritos; segundo, no momento da publicação deles, quando os três termos são apresentados no livro *Curso de Linguística Geral*; e terceiro, no momento da primeira e segunda tradução do *CLG* para o inglês.

Sempre em contraste com a edição de 1916 e da tradução dos termos linguagem, língua e fala em 1959/1983, investigamos como esse processo de escrita pode ter se perdido nas traduções da tripartição conceitual saussuriana, assim como as dificuldades de compreensão dos termos linguagem, língua e fala e sua ligação à fundação da linguística moderna.

Para tanto, buscamos, no primeiro capítulo, situar o trabalho de Saussure relacionando-o com os três termos acima indicados, primeiramente com os manuscritos intitulados *Trois Premières Conférences* e o *Caractères du Language*, datados de 1891 e, depois, com os manuscritos que apresentam as notas de Saussure para o segundo curso ministrado por ele em Genebra, em 1908, intitulado *Notes pour le cours II (1908-1909): Dualités*.

Ainda, o primeiro capítulo aborda como foi esse processo de escrita dos conceitos de linguagem, língua e fala, procurando especialmente entender o caminho percorrido por Saussure na formulação dos conceitos a partir de 1891 e, também, como foram ensinados aos seus alunos no segundo curso de Linguística Geral, em 1908. Também mostramos, nesse momento, como esses conceitos se definem no *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma de Saussure, organizada e editada por Bally e Sechehaye a partir de notas dos estudantes que assistiram aos três cursos ministrados pelo genebrino. Observamos na análise dos manuscritos que os termos linguagem, língua e fala se apresentam de forma bastante diferente em 1891 e 1908, e ainda há um desenvolvimento das formulações desses termos quando comparamos os conceitos nos manuscritos com a obra de Saussure publicada em 1916.

Se no primeiro capítulo procuramos analisar o processo de escrita dos três termos de Saussure, assim como compará-los ao compêndio final no qual eles são termos chave para a compreensão da teoria saussuriana, no segundo capítulo, buscamos

mostrar como as traduções dessa tripartição conceitual podem gerar complicações na compreensão do objeto da linguística que Saussure levou anos para construir.

Desse modo, no segundo capítulo levantamos um breve histórico das traduções do *Curso de Linguística Geral* no mundo, no intuito de destacar alguns impasses encontrados pelos tradutores de diferentes traduções da obra de Saussure, assim como ressaltar que há em várias línguas obstáculos encontrados na tradução de linguagem, língua e fala; no inglês, por exemplo, há duas traduções controversas entre si e, além disso, há diversas críticas relacionadas a elas e à compreensão da tripartição conceitual saussuriana no mundo anglo-saxão; questão que analisamos de forma mais aprofundada neste trabalho. Constitui-se, ainda, o segundo capítulo, de alguns pressupostos teóricos que abordam as diferentes formas de tratar as dificuldades encontradas pelos tradutores de diversos tipos de texto, de forma geral, e das duas traduções da obra de Saussure, de forma específica.

Por fim, ao longo do terceiro capítulo, levantamos uma análise acerca de como esses três termos se apresentam como fundamentais tanto para a demarcação do objeto da linguística, como para a fundação da linguística moderna. Neste sentido, mostramos um pouco da recepção dos três termos na versão francesa do livro, à luz de alguns estudiosos de Saussure que pesquisaram o tema em questão.

Além disso, demonstramos como linguagem, língua e fala estão expostos no *Curso de Linguística Geral* a partir de uma leitura que permite a distinção entre os três termos; e, em contraste, indicamos alguns pontos das duas traduções da obra em inglês que parecem comprometer a distinção entre os termos. Portanto, apresentamos diversos trechos em que a distinção entre linguagem, língua e fala é imprescindível para a compreensão da teoria saussuriana concomitantemente com a tradução que parece comprometer a distinção entre esses três termos.

CAPÍTULO 1. ESCRITA DOS CONCEITOS DE LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA

1.1) Introdução

O processo de escrita dos conceitos de linguagem, língua e fala, analisado a partir dos manuscritos de Saussure, indica como os três termos saussurianos passaram por momentos diferentes de desenvolvimento e trabalho.

Focalizamos aqui, primeiramente, os emaranhados de considerações presentes nos manuscritos a partir de 1891 e o momento em que a tripartição conceitual foi apresentada no *Curso de Linguística Geral*¹ em 1916. Esses dois momentos evidenciam como esse trabalho do autor começa a ser criado, bem como ele toma novos rumos até chegar à demarcação do objeto da linguística.

As investigações que utilizam os manuscritos de Saussure começam logo após sua morte. Primeiro, Bally e Sechehaye – editores do *CLG* – tiveram acesso a alguns manuscritos entregues a eles pelos filhos de Saussure. Depois, em 1955, centenas de folhas escritas pelo genebrino foram catalogadas na Biblioteca de Genebra, onde as encontramos ainda hoje. Em 1996, uma segunda leva de manuscritos foi também catalogada e arquivada nessa biblioteca; há também alguns manuscritos catalogados na Universidade de Harvard. Dessa forma, tendo-os como referência de estudos, vários pesquisadores comparam os ensinamentos do *CLG* com o conteúdo desses escritos. Podemos encontrar esse tipo de trabalho em Engler (1968), Godel (1969), Silveira (2007), Sofia (2010), entre outros, por exemplo, cujos trabalhos refletem sobre as formulações encontradas nos escritos de Saussure que demonstram, na maioria das vezes, estar em consonância com as elaborações editadas por seus alunos no *CLG*.

Os manuscritos de Saussure estão compreendidos em mais de 30 mil páginas, das quais utilizamos uma pequena parte para a análise da construção dos termos e conceitos que, ao serem traduzidos para o inglês, foram criticados por linguistas e estudiosos de Saussure. Referimo-nos a duas críticas feitas por Harris (1983), uma relacionada à tripartição conceitual de linguagem, língua e fala de Saussure, e outra ao conceito de forma e substância, que também utiliza o conceito de língua.

¹ Doravante *CLG*.

No início do século XX, a partir das aulas de Saussure, houve a repercussão do objeto da linguística e, assim, linguagem, língua e fala foram conhecidos a partir das demarcações estabelecidas entre eles. Normand nota um aspecto interessante de Saussure quando se trata de definir o objeto da linguística; vejamos:

Saussure pede ao linguista que escolha o ponto de vista a partir do qual interrogará os fenômenos [...] Saussure parte do fato de que, diferentemente de outras ciências que têm objetos previamente estabelecidos, na Linguística isso não ocorre, já que a linguagem se apresenta ao pesquisador em faces diferentes como som e como ideia, como estrutura sintática etc. Então, na Linguística, o objeto não preexiste à teoria com a qual ele vai ser analisado. Ao contrário, é à luz de um ponto de vista que o objeto deve ser construído. O objeto da linguística é, assim, denominado língua, o primeiro aspecto da *linguagem*. (NORMAND, 2012, p. 10) (grifo da autora).

A autora ainda constata que “estes [conceitos] são elaborados com o cuidado de operar as demarcações fundadoras, eles vão definir o ponto de vista que o linguista deve adotar e que, simulando aquele do locutor, distancia-se do que Saussure chama de “ciências conexas” (história, sociologia...)” (NORMAND, 2009, p. 49). Logo, a partir dessa demarcação, os três termos, linguagem, língua e fala, tornaram-se essenciais no desenvolvimento da teoria saussuriana.

Saussure está, portanto, comprometido nesse trabalho de criar limites entre esses três termos, pois eles têm presença constante. A frase célebre no início do *CLG* em que Saussure afirma demarcar um objeto “ao mesmo tempo integral e concreto da Linguística” (SAUSSURE, [1916], p. 15) confirma sua preocupação, pois ele discorre em todo o capítulo III de seu livro sobre essas demarcações.

Para chegar à demarcação dos limites entre linguagem, língua e fala, Saussure trabalhou vários anos escrevendo sobre um objeto para a linguística e formulando uma abordagem bem diferente daquela presente nos estudos da linguagem da sua época, ou seja, a noção de sistema. Ao refletir sobre a conceituação de língua como sistema, Normand ressalta que:

Essa definição de base, repetida várias vezes, não é, à primeira vista, uma grande novidade. Que todos os elementos de uma língua se articulam, determinam-se reciprocamente, é bem conhecido desde sempre pelas gramáticas, que se empenham, precisamente, em descrever (através de classificações, quadros e paradigmas) as relações características de uma língua ou outra. O termo comum é tomado, no entanto, por Saussure em uma acepção mais precisa, de certo modo técnica: explicitado como *funcionamento* ou *mecanismo*, ele remete a uma característica julgada fundamental das *unidades linguísticas*: a de que é impossível apreendê-las fora do sistema específico em que elas são tomadas, pois é nele que está seu modo de realidade. (NORMAND, 2009, p. 50)

Os três termos foram abordados de uma forma diferente na obra do genebrino; um exemplo disso é o caso de o termo língua ser considerado em seu “funcionamento”, e sua caracterização como sistema, segundo Normand. A autora ainda acrescenta que a partir dessas concepções Saussure passa a conceber o papel do linguista, como segue: “decorre daí, para a conduta do linguista, uma consequência importante, que geralmente passa despercebida: a escolha de partir do sistema é recusar ou, em todo caso, evitar partir da comunicação.” (NORMAND, 2009, p. 50).

Neste sentido, observamos esse processo de escrita dos conceitos de linguagem, língua e fala, com especial atenção à complexidade presente na operação de distingui-los, em um primeiro momento e, depois, voltamos para a observação do *CLG* para nos ocuparmos desses termos na conceituação que marcou a linguística.

Trabalhamos, portanto, com os manuscritos de 1891, momento em que há um emaranhado dos conceitos de linguagem, língua e fala ainda indistintos; passamos para um momento mais avançado da distinção entre os termos observando os manuscritos de 1908; e, por fim, apresentamos como os três termos aparecem na obra póstuma de Saussure, além de analisar como é a relação e interdependência entre esses três termos chave no *Curso de Linguística Geral*.

1.2) Nos manuscritos *Trois premières conférences à l'Université*

Investigados por Silveira (2007, 2011), esses manuscritos² datados de 1891 foram catalogados e arquivados por Robert Godel na Universidade de Genebra, os quais contam com 59 folhas escritas e foram objeto de investigação no trabalho de diversos linguistas:

O conjunto de manuscrito nomeado ‘Trois conférences’ foi, inicialmente, abordado por Godel, seu catalogador, em publicação de 1969. Foi transcrito/editado por Engler, em publicação de 1974 e, depois, por Matsuzawa, em 2006. Em 2002 a transcrição/edição de Engler foi publicada novamente por ele e por Bouquet. Silveira é a primeira a apresentar uma reprodução de algumas folhas desse manuscrito, que é objeto de análise do seu trabalho em 2003-2007. (SILVEIRA, 2011, p. 3)

O primeiro manuscrito, intitulado por Godel como *Primeira conferência na Universidade de Genebra*, possui 30 folhas e, de acordo com Chidichimo (2009)³ é

² Os manuscritos *Trois premières conférences à l'Université* incluem três manuscritos: Primeira, Segunda e Terceira conferência de Genebra. Nesta análise utilizaremos somente os dois primeiros por possuírem mais elementos que contribuem para este trabalho.

³ O autor trabalhou com o caderno de Albert Sechehaye que assistiu ao curso de Ferdinand de Saussure.

bastante provável que esse manuscrito, seguido de outros dois nomeados como Segunda e Terceira conferência, trata-se de um curso ministrado por Saussure denominado “Fonética do grego e do latim”; segundo ele: “cada caderno possui na primeira página a data, o título *Fonética do grego e do latim, curso do senhor professor Ferdinand de Saussure* e o número do caderno na sucessão do curso⁴” (CHIDICHIMO, 2009, p. 279).

Apesar de os títulos dos manuscritos e do curso não fazerem sequer referência aos termos aqui analisados, o trabalho de Silveira (2007) mostra a pertinência dessas folhas manuscritas para a questão pesquisada nesse momento, ou seja: a escrita dos conceitos de linguagem, língua e fala. Referindo-se ao manuscrito abaixo, a autora afirma:

Essas perguntas⁵ incidem, portanto, sobre: *langage, parole e langue*, isto é, sobre como definir o objeto da linguística. Questão que atravessa todo o manuscrito cujas rasuras, cujos incisos e cuja errância deixam à mostra a dificuldade de elaboração. Dificuldade que está na necessária suspensão do sentido que essas palavras têm no discurso ordinário e do sentido que elas deveriam tomar na constituição da ciência linguística. É o que percebemos quando nos voltamos para a expressão que antecede essas perguntas rasuradas: *la science du langage*. (SILVEIRA, 2007, p. 135).

É assim que tomaremos a análise de Silveira (2007) como ponto de partida e a ela acrescentaremos as observações que permitam compreender o percurso de Saussure na escrita desses conceitos fundamentais para a fundação da linguística, bem como o destino desses conceitos nas traduções para o inglês⁶.

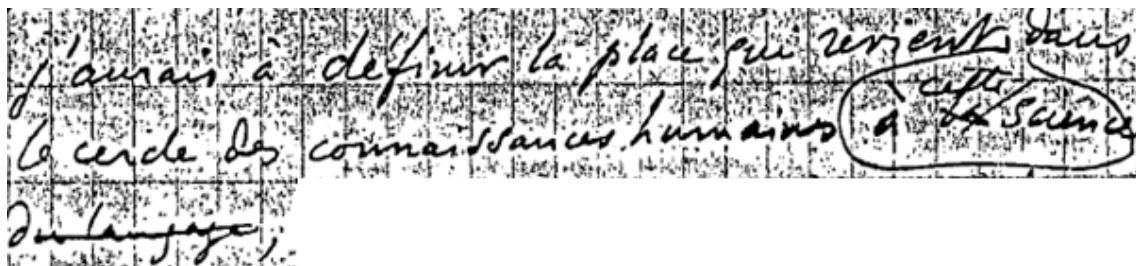
Notamos que logo na primeira folha desse manuscrito⁷ nos deparamos com a palavra *langage* suprimida pelas rasuras de Saussure:

⁴Tradução nossa de: “Chaque cahier porte sur la première page la date, le titre *Phonétique du grec et du latin, cours de M. le prof Ferdinand de Saussure* et le numéro du cahier dans la succession du cours.

⁵ As perguntas a que a autora se refere estão em um fragmento na página 19 em que Saussure pergunta sobre a linguagem e a fala.

⁶ Como veremos no capítulo 2.

⁷Aproveitamos o momento para agradecer a gentileza de Silveira (2007) em ter cedido cópias dos manuscritos de Saussure obtidos durante sua estada na Biblioteca de Genebra em 1999.



8

[...] j'aurais à définir la place qui revient dans le cercle des connaissances humaines à ~~la~~^{cette} science du langage;⁹ (SAUSSURE, Primeira Conferência em Genebra¹⁰, 1891, f. 1) (transcrição nossa)

Há nesse excerto uma primeira hesitação do autor em inserir a palavra linguagem, ou seja, ele apaga a proposta de “[...] uma ciência da linguagem”, e deixa somente o conceito “[...] dos conhecimentos humanos a essa ciência” (SAUSSURE, PCG, 1891, f. 1). Desse modo, podemos inferir desse fragmento uma primeira oscilação de Saussure quanto ao objeto da linguística.

Nessa mesma direção, Silveira (2007) assegura que há na folha 5 um trecho bastante rasurado e que apresenta um conjunto de perguntas que demonstram uma tentativa de Saussure de definir o objeto da linguística:

O último parágrafo da p. 5 das notas para a “Première Conférence” não foi incluído na edição de Bouquet e Engler; trata-se de um trecho rasurado primeiro com riscos na horizontal e em seguida com riscos na diagonal. Nesse parágrafo que se inicia por frases interrogativas, encontramos os termos que constituem o terceiro grupo: *langue* (3a-p. 5), *langage* (3b – p.5), *parole* (3c-p. 5): “Le langage? Mais la parole? C’est une chose que nous oublions généralement parce que (...) Le langage ou la langue c’est donc la même chose, ceci n’était rien d’autre que la généralization de cela” (SILVEIRA, 2007, p. 135).

Vale observar nesse trecho que Saussure ainda não tinha bem definida a distinção entre língua e linguagem, e ainda acrescenta o terceiro termo da sua tripartição conceitual: a fala. Apesar de o fragmento estar rasurado por ele, podemos ler o seguinte:

⁸Traremos alguns fragmentos dos manuscritos de Saussure quando nos for útil para a compreensão da nossa reflexão, utilizaremos os trechos seguidos de uma transcrição diplomática sem rigor, isto é, sem procurar representar rigorosamente a forma original do manuscrito. Para tanto, quando não compreendermos uma passagem vamos inserir colchetes sem preenchimento []; quando uma palavra estiver abreviada acrescentaremos nos colchetes a palavra inteira; as rasuras serão indicadas por um tachado; e os incisos serão sobrescritos.

⁹Tradução nossa: “[...] eu teria que estabelecer o lugar correspondente no círculo dos conhecimentos humanos a essa ciência ~~da linguagem~~ [...]”.

¹⁰Doravante PCG.

~~Le langage? Mais la parole? C'est
une chose que nous oublions généralement
parce que le langage ou la langue
c'est la même chose, ceci n'était rien
d'autre que la généralisation de cela.~~

*Le langage? Mais la parole? C'est
une chose que nous oublions généralement
parce que le langage ou la langue
c'est donc la même chose, ceci n'était rien
d'autre que la généralisation de cela [...] (SAUSSURE, PCG, f. 5).¹¹
(transcrição nossa)*

Saussure refere-se ao termo *parole* que ainda não aparecera no manuscrito, porém, no próximo parágrafo, já na folha 6, tem-se a formulação de uma frase em que não há referência ao termo fala, observemos:

*le langage ou la langue peut-il passer
pour un objet qui appelle par
lui-même, l'étude?*

*Le langage ou la langue peut-il passer
pour un objet qui appelle par
lui-même, l'étude? (Ibidem, f. 6).¹² (transcrição nossa)*

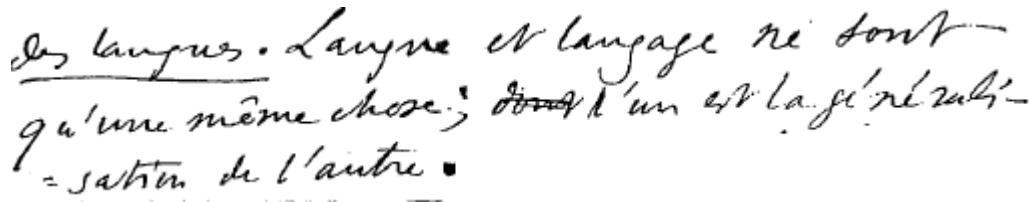
Silveira (2007) verifica que nas folhas 6 e 7 desse manuscrito: “o texto parece estar a serviço de desvencilhar a natureza da linguagem da natureza do homem para que a primeira esteja em condições de requerer a sua autonomia científica” (SILVEIRA, 2007, p. 136). Entretanto, é preciso observar que os termos linguagem, língua e fala parecem estar em um momento de elaboração em que Saussure constrói perguntas acerca deles, e depois escreve uma frase diferente da formulação antes escrita. Essa não distinção, ou talvez o início de uma distinção, também é apontada por Silveira (2011) quando indaga:

¹¹Tradução nossa: “A linguagem, mas a fala? Isso é algo que costumamos esquecer geralmente porque a linguagem ou a língua essa não era nada além que a generalização dessa”.

¹²Tradução nossa: “Pode-se considerar a linguagem ou a língua como um objeto que pede por si mesmo, esse estudo?”.

[...] gostaríamos de nos perguntar a respeito do estatuto da rasura, seria ela somente o traçado sobre uma palavra ou poderíamos considerar que esse movimento de Saussure de ‘borrar’ uma distinção que ele já havia começado a fazer também se constitui uma rasura? (SILVEIRA, 2011, p. 6).

Examinemos o excerto a seguir:

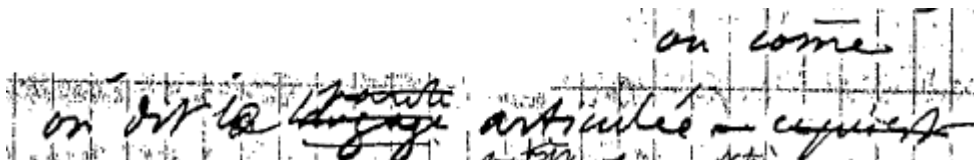


*Langue et langage ne sont
qu'une même chose;
l'un est la générali-
=sation de l'autre (Ibidem, f. 8).¹³ (transcrição nossa)*

Segundo Silveira, esse fragmento representa um segundo momento em que Saussure aborda os conceitos de língua e linguagem, no entanto, dessa vez, os conceitos aparecem sem rasuras. Assim, a afirmação “Língua e linguagem são apenas uma mesma coisa; uma é a generalização da outra” não condiz com os ensinamentos saussurianos abordados nos cursos de linguística ministrados no início do século XX, em que o autor faz uma distinção clara entre tais termos, vejamos: “Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem” (SAUSSURE, [1916], p.17). O conceito do manuscrito, portanto, caracteriza língua e linguagem de uma forma ainda bem diferente da que conhecemos no *CLG*. Neste aspecto, concordamos com Vinhais (2011, p. 4), ao afirmar que “[...] os três termos, fala, língua e linguagem ainda estavam num emaranhado, isto é, apenas num *a posteriori* Saussure delimitaria seus conceitos, ou pelo menos, suas diferenças”.

Lembramos o que Silveira (2007) ressalta acerca das rasuras desse manuscrito: “[...] o que se rompe retorna como repetições ou mesmo integrado no texto, o que já aponta para um deslocamento na elaboração de Saussure” (SILVEIRA, 2007, p. 125). Entretanto, no caso do fragmento acima, ele optou por retornar ao mesmo assunto – de refletir sobre língua – ao mesmo tempo em que omite o termo *parole* antes evidenciado, e passa a discorrer sobre o termo *langage*. Ao seguirmos nesta mesma folha, encontramos o seguinte trecho em que o autor escreve:

¹³Tradução nossa: “Língua e linguagem são apenas uma mesma coisa; uma é a generalização da outra”.



[...] ou come
on dit le langage^{parole} articulée ~~ce qui est~~ (SAUSSURE, PCG, f. 6).¹⁴
(transcrição nossa)

Notamos que o autor rasura a palavra *langage*, que está destacada em seu texto por um sublinhado; também vemos a palavra *parole* em um inciso logo acima dela, que também está riscada, o que demonstra que para Saussure, novamente, essa distinção ainda não existia. Desse modo, o autor parece não optar por nenhuma das duas palavras na elaboração desse trecho do seu manuscrito. Entretanto, também pensamos que esse sublinhado poderia demonstrar uma maior importância dada por ele ao termo linguagem; tal fato não pode ser afirmado por não sabermos quando as rasuras foram feitas, ou se o sublinhado representa um destaque atribuído pelo autor no momento da escrita do manuscrito, ou posteriormente a ele. Destacamos, desse modo, que o genebrino deixa vestígios de que a tripartição conceitual ainda não era definida em seus estudos, mas estava em construção; todavia, em notas posteriores e em sua obra póstuma, a distinção entre os três termos é bastante discutida como veremos a seguir.

É possível perceber, nesse manuscrito da primeira conferência, um movimento de construção dos três termos objetos desta investigação. Concordamos com outros autores, como Silveira (2007) e Vinhais (2011), que Saussure se mostra incerto sobre o termo que seria mais adequado para a construção de suas frases; ele deixa muitas delas incompletas e até retira algumas do seu corpo de texto, o que nos indica tratar-se de um claro momento de elaboração dos termos e conceitos de linguagem, língua e fala.

O manuscrito *Segunda Conferência na Universidade de Genebra* – disposto logo em sequência da primeira conferência, contendo 13 folhas – foi transcrito por Godel (1969) e se tornou uma referência de um dos primeiros momentos em que Saussure aborda conceitos sobre a analogia, como mostra Silveira (2011) ao ressaltar que “em boa parte dessa segunda aula temos, como vimos, o tema tratado no capítulo IV – *A Analogia*, da terceira parte: *Linguística Diacrônica*, do *Curso de Linguística Geral*” (SILVEIRA, 2011, p. 9)

Mais uma vez, procuramos salientar nesse manuscrito o momento em que Saussure aborda a conceituação de linguagem, língua e fala. Destacamos que a palavra

¹⁴ Tradução nossa: “Ou como se diz, a linguagem ~~fala~~ articulada essa que é”.

língua aparece muitas vezes no manuscrito, mas ainda não é caracterizada como a que conhecemos no *CLG*, ou seja, como “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 17). Ela aparece no sentido das línguas existentes no mundo, em que Saussure pensa nas suas transformações e deixa a impressão de procurar algo que lhes seja comum, assim como o movimento que lhes é recorrente. O linguista demonstra preocupar-se com a seguinte questão:

*Mais il est temps de nous demander ~~peu sont~~
 autant qu'en prenant quelque exemple isolé, en
 quoi consistent les changements qui se pro-
 =duisent avec une nécessité si constante en toutes
 les langues, ~~de~~ de quelle nature sont ces ~~modifications~~
^{remaniements} ~~perpetuelles~~, ~~et~~ à quelles causes elles se rattachent,
 et si elles ont le même caractère dans ~~l'imperte~~
~~toutes~~ les langues ?*

Mais il est temps de nous demander, []
 autrement qu'en prenant quelque exemple isolé, en
 quoi consistent les changements qui se pro-
 =duisent avec une nécessité si constante en toutes
 les langues, de quelle nature sont ces ~~modifications~~,
^{remaniements} ~~perpetuelles~~, à quelles causes elles se rattachent,
 et si elles ont le même caractère dans []
 les langues?¹⁵ (SAUSSURE, Segunda Conferência em Genebra¹⁶, 1891, f. 7)
 (transcrição nossa)

Como constatado por Silveira (2011), há nesse momento uma procura em passar do particular para o geral, como segue:

Retomem a interrogação de Saussure no início da folha 7 e verão que a sua proposta é passar dos exemplos isolados que caracterizam as cinco primeiras folhas do manuscrito para as causas do fenômeno, assim como investigar se essas têm as mesmas características em todas as línguas. Ou seja, é passar do

¹⁵Tradução nossa: “Mas é tempo de nos perguntarmos, sem pegar nenhum exemplo isolado, em que consistem as mudanças que se produzem com uma necessidade tão constante em todas as línguas, de que natureza são essas ~~modificações~~, ^{remanejamento} ~~perpetuos~~, a que causas se remetem, e se têm o mesmo caráter [] nas línguas”.

¹⁶Doravante SCG.

fenômeno – cujas nomeações são repetitivas e oscilantes nessas duas folhas – para seu funcionamento. Passar do exemplo específico para a lei geral. (SILVEIRA, 2011, p. 9).

Notamos que Saussure procura o que há de geral nas línguas ou nas suas “modificações perpétuas”, formulação que podemos encontrar disposta no *CLG* quando ele postula sobre um objeto para a linguística, afirmando que uma das tarefas seria: “procurar as formas que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história” (SAUSSURE, [1916], p. 13).

Na segunda folha desse manuscrito Saussure insere em suas anotações a palavra língua em um novo contexto, observemos:

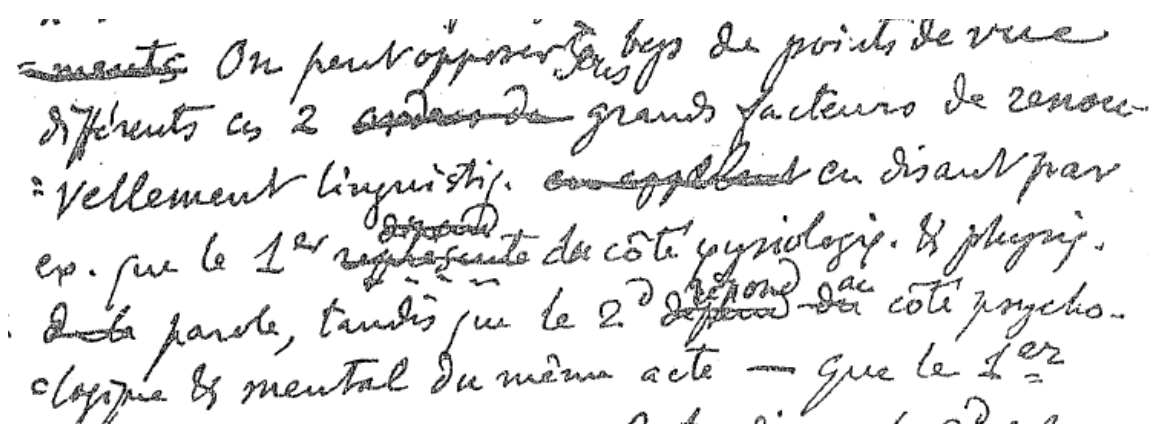
Nous arrivons ainsi au seconde
~~point de vue dans lequel se présente~~ ^{principe universel, de valeur universelle []}
 l'histoire des langues; ~~qui est le point~~ ^{c'est ainsi}
 de vue ~~du mouvement~~ ^{de la langue} ~~du tem~~ ^{dans le temps}, [...] ¹⁷ (SAUSSURE, SCG, 1891, f.2)
 (transcrição nossa)

Saussure acrescenta - em um inciso - o termo língua no seguinte contexto: nesse momento existe o que ele chama de “princípio de valor universal” sobre a história das línguas e insere logo depois dessa frase o fragmento “é o ponto de vista do movimento do tempo”, contudo os trechos: “é o ponto” e “do movimento” estão riscados, logo em seguida há o fragmento “movimento no tempo” e ainda em um inciso acima, entre as palavras “movimento” e no “tempo”, a informação “da língua”, portanto, em sua redação final, sua opção foi escrever “movimento da língua no tempo”.

¹⁷Tradução nossa: “Chegamos assim ao segundo ~~ponto de vista no qual não se sente~~ ^{princípio universal de valor} universal [] a história das línguas; ~~que é o ponto~~ ^{é portanto} de vista ~~do movimento do tem~~ movimento da língua no tempo”.

Seguindo aqui o mesmo princípio de análise de Silveira (2007), é possível depreender que essas rasuras parecem demonstrar esse movimento da elaboração de Saussure na construção do objeto da linguística ao inserir o termo língua no que estava escrevendo, isto é, era importante para o autor que se falasse somente do movimento *da língua* no tempo, por isso ele hesitou, reescreveu, e inseriu em um inciso o termo língua.

Vemos que Saussure também considera o termo fala quando, na folha 8, por exemplo, ele começa a discorrer sobre as mudanças linguísticas, e descreve duas possibilidades diferentes: a mudança fonética e a mudança analógica. Nesse momento ao dar relevância aos dados da fala ele afirma que:



~~ments~~ On peut opposer ~~les~~ ^{deux} de points de vue
différents ces 2 ~~aspects~~ ^{grands} facteurs de renou-
vellement linguistiq. ~~en appelant~~ ^{en disant} par
ex. que le 1^{er} ~~représente~~ ^{représente} ~~du~~ ^{du} côté physiologie. & physiq.
~~de la parole~~, tandis que le 2^d ~~représente~~ ^{représente} ~~du~~ ^{du} côté psycho-
logique & mental du même acte — que le 1^{er}

On peut opposer sous beaucoup de points de vue
différents ces 2 [] grands facteurs de
renouvellement linguistique ~~en appelant~~ ^{en disant} par
exemple que le 1^{er} ~~représente~~ ^{représente} ~~du~~ ^{du} côté physiologie et physique
~~de la parole~~, tandis que le 2 [] ~~représente~~ ^{représente} ~~du~~ ^{du} côté psycho-
logique et mental du même acte — que le 1^{er} ¹⁸ (SAUSSURE, SCG, 1891, f.
8) (transcrição nossa)

Na primeira conferência, o termo fala apareceu de forma bastante sutil em uma rasura, porém, nessa segunda conferência esse termo toma um aspecto mais notável; *parole* aparece aqui em uma forma próxima ao que conhecemos do CLG, como, por exemplo, quando Saussure reflete sobre o ato individual, reconstruindo o circuito da fala, e ressalta, diante de uma figura, que esse ato representa o seguinte:

[...] nossa figura permite distinguir sem dificuldades as partes físicas (ondas sonoras) das fisiológicas (fonação e audição) e psíquicas (imagens verbais e conceitos). De fato, é fundamental observar que a imagem verbal não se

¹⁸Tradução nossa: “Pode-se opor sob vários pontos de vista diferentes esses dois [] grandes fatores de renovação linguística ~~chamando~~ ^{chamando} dizendo por exemplo que o primeiro ~~representa~~ ^{depende} do lado psicológico e físico ~~da~~ ^{da} fala, enquanto que o 2 [segundo] ~~depende do~~ ^{depende do} lado psicológico e mental do mesmo ato — que o primeiro”.

confunde com o próprio som e que é psíquica, do mesmo modo que o conceito que lhe está associado. (SAUSSURE, [1916], p. 20).

Todavia, ainda não havia nesse momento um conceito como o definido em sua obra póstuma, na qual há comparações de *parole* com os outros dois termos da tripartição conceitual. Também é possível notar nessa conferência a presença de vários exemplos da língua falada, abordando críticas ao que Saussure denomina “tirania da escrita”, ou seja, dados da fala também são notáveis em seus estudos, como mostra o próximo fragmento.

Deparamo-nos, assim, com vários exemplos de mudanças fonéticas, em que Saussure observa essas transformações da fala, como a seguir:

*C'est ainsi par ex. que per-
sons nous doutons guère ~~se doute~~ que quatre, lettre,
+ Double, chambre / et tous les mots finissant par
table / cons. + re ou cons. + le, sont presque
arrivés au moment où re & le auront
complètement disparu;*

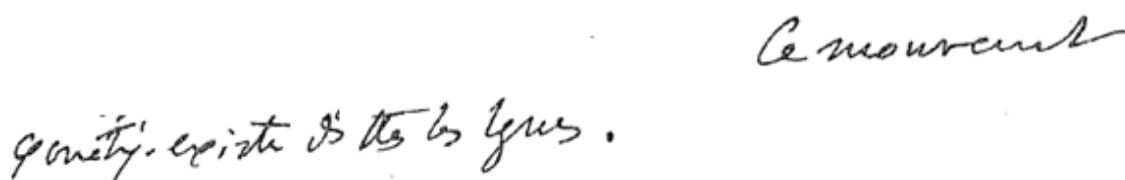
*C'est ainsi par ex. [emple] que per
=~~sonne ne dou~~^{nous ne doutons guère} que quatre, lettre.
~~chambre,~~^{double, table} et tous les mots finissant par
cons.[onne] + re ou cons.[onne] + le, sont presque
arrivés au moment où re et le auront
complètement disparu ;¹⁹ (SAUSSURE, SCG, 1891, f. 5) (transcrição nossa)*

O tema “mudanças fonéticas” é retomado no *CLG*, mas de uma forma mais explícita, uma vez que os conceitos de língua e fala estão elaborados no livro, delimitados e distintos entre si. Saussure acrescenta que “A essa separação da fonação e da língua se oporão, talvez, as transformações fonéticas, as alterações de sons que se produzem na fala, e que exercem influência tão profunda nos destinos da própria língua” (SAUSSURE, 1916, p. 26). Tal declaração corrobora o fato de que naquele momento de escrita do manuscrito havia a preocupação com as transformações fonéticas e as mudanças na língua, entretanto, no *CLG* Saussure distingue língua e fala,

¹⁹Tradução nossa: “É assim por exemplo que ~~ninguém duvida~~^{nós não duvidamos nem um pouco} de que quatre, lettre, chambre,^{double, table} e todas as palavras que terminam em consoante + re ou consoante + le, estão quase atingindo o ponto onde re e le terão desaparecido completamente”.

e coloca os dois termos em diferentes estudos, como ele mesmo propõe, no capítulo IV da Primeira Parte, uma Linguística da Língua e uma Linguística da Fala. Contudo, apesar de reconhecer a necessidade dessas duas diferenças linguísticas, o autor também admite que “esses dois objetos [língua e fala] estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça” (SAUSSURE, [1916], p. 27), confirmando, desse modo, a relação existente entre os dois termos.

Essa questão das mudanças e das transformações linguísticas, as quais Saussure discute quase em toda a segunda conferência, comprova uma procura por uma generalização dos fatos linguísticos, uma vez que ele escreve frases como:



*Ce mouvement
phonétique existe dans toutes les langues*²⁰ (SAUSSURE, SCG, 1891, f.12)
(transcrição nossa)

Essa observação ratifica o que verificou Silveira (2007 e 2011), isto é, que havia uma busca do que era geral entre as línguas, o que, mais tarde, faria com que Saussure chegasse à definição de língua. É notório, em contrapartida, que esse manuscrito se parece muito com o capítulo IV da Terceira Parte do *CLG*, em que Saussure discorre sobre as mudanças e a analogia; desse modo, a contraposição entre língua e fala é mais uma vez destacada pelo genebrino, notemos:

Tudo é gramatical na analogia; acrescentemos, porém, imediatamente, que a criação, que lhe constitui o fim, só pode pertencer, de começo, à fala; ela é a obra ocasional de uma pessoa isolada. É, nessa esfera, e à margem da língua, que convém surpreender primeiramente o fenômeno. Cumpre, entretanto, distinguir duas coisas: 1º a compreensão da relação que une as formas geradoras entre si; 2º o resultado sugerido pela comparação, a forma improvisada pelo falante para a expressão do pensamento. Somente esse resultado pertence à fala. (SAUSSURE, [1916], p. 192).

A analogia nos ensina, portanto, **uma vez mais**, a separar a língua da fala; ela nos mostra a segunda como dependente da primeira e nos faz tocar com o dedo o jogo do mecanismo linguístico (*Ibidem*, p. 192) (grifo nosso).

Não encontramos todas essas explicações do *CLG* nos manuscritos, porém, as formulações presentes nessa parte do manuscrito - em que Saussure aborda o tema das mudanças e da analogia - também deram base para a distinção e demarcação de língua e

²⁰Tradução nossa: “Esse movimento fonético existe em todas as línguas”.

fala. Tal diferenciação entre esses dois termos é fundamental para o momento em que Saussure postula sobre a analogia; por conseguinte, todas essas ideias consideradas nos manuscritos contribuíram para a criação desse objeto integral e concreto da linguística moderna, assim como para indicar delimitações entre os outros termos da tripartição conceitual.

Percebemos, dessa forma, que em 1891, momento em que foram escritas essas duas primeiras conferências, foi possível ver um começo da escrita dos conceitos de linguagem, língua e fala, e, assim, o início da procura pelo objeto da linguística. Portanto, Saussure se ocupou em escrever sobre a tripartição conceitual evidenciando seu interesse em uma nova forma de estudar linguística, ou seja, buscando um objeto para a linguística. Contudo, suas hesitações e rasuras – observadas nos excertos dos manuscritos – conduziram-no a refletir sobre questões de linguagem e, assim, o “objeto língua”²¹ apareceu com bastante ênfase nessas conferências. Há nelas uma busca constante em pontuar sobre os estudos da linguagem e, como resultado dessa busca, os termos linguagem, língua e fala aparecem entre rasuras, tentativas de conceituação e delimitação, assim como surge o início da linguística moderna.

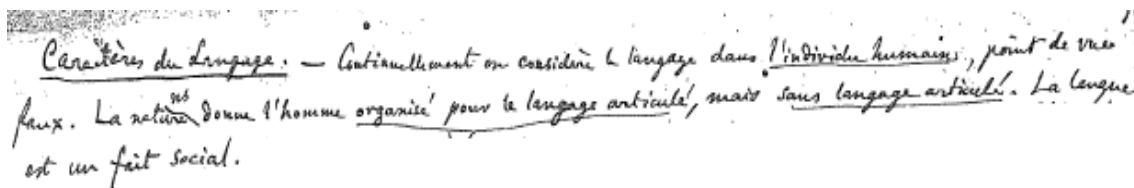
1.3) No manuscrito *Caractères du Langage*

Esse manuscrito, intitulado *Caractères du Langage*, disposto em somente uma folha, é analisado por Godel em 1957, que em uma nota²² explica por que ele acredita que este foi escrito em 1891. Engler (1962) também trabalha com esse manuscrito para investigar sobre a arbitrariedade do signo em um artigo presente no *Cahier Ferdinand de Saussure* – revista que reúne artigos sobre Saussure e sua teoria – e apresenta uma transcrição dele.

A primeira frase do manuscrito é *Caractères du Langage* e está destacada com um sublinhado pelo próprio autor. Saussure, então, começa a discussão com uma crítica sobre o que ele considerava sobre a linguagem, a saber:

²¹Entre aspas, pois nesse momento ainda não se tratava de um objeto.

²²A nota afirma o seguinte: A comparação das geleiras, observado aqui na margem em desenho, também foi utilizado em N 1.1 [referência dos manuscritos das três primeiras conferências], como imagem da história da língua (GODEL, 1957, p. 40) (tradução nossa).



Caractères du Langage. - Continuellement on considère le langage dans l'individu humain, point de vue faux. La nature ^{nos} donne l'homme organisé pour le langage articulé, mais sans langage articulé. La langue est un fait social.

Caractères du Langage. - Continuellement on considère le langage dans l'individu humain, point de vue faux. La nature ^{nous} donne l'homme organisé pour le langage articulé, mais sans langage articulé. La langue est un fait social.²³ (SAUSSURE, *Caractères du langage*²⁴, 1891, f.1) (transcrição nossa)

Somente nesse trecho da introdução é possível ver uma construção que se aproxima do que encontramos no *CLG*. Observamos, por exemplo, que o autor descarta a linguagem considerada no indivíduo humano e afirma que a língua é um fato social, considerações que ficam evidentes na obra póstuma de Saussure. Nela o genebrino afirma que “Whitney vai longe demais quando diz que nossa escolha [de usar o aparelho vocal como instrumento da língua] recaiu por acaso nos órgãos vocais; de certo modo já nos haviam sido impostas pela Natureza” (SAUSSURE, [1916], p. 18). Ou seja, assim como Saussure aponta no manuscrito, a natureza estabelece que o homem deva utilizar o aparelho vocal para manifestar a língua. Além disso, o autor acrescenta que “poder-se-ia dizer que não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua [...]” (*Ibidem*, p.18). Já no que diz respeito à afirmação de que a língua é um fato social, podemos ler no *CLG* o seguinte: “Em nenhum momento, e contrariamente à aparência, a língua existe fora do fato social, visto ser um fenômeno semiológico” (*Ibidem*, p. 92). Essas considerações revelam uma semelhança entre o manuscrito e o *CLG* e assim detectamos um começo de postulações que se aproximam das concepções apresentadas na obra póstuma saussuriana e que ainda não havíamos encontrado nas três primeiras conferências.

No parágrafo seguinte do manuscrito, a afirmação de que a língua é social aparece da seguinte forma:

²³Tradução nossa: “Caracteres da Linguagem - Continuamente, considera-se a linguagem no indivíduo humano, um ponto de vista falso. A natureza ^{nos} dá o homem organizado pela linguagem articulada, mas sem linguagem articulada. A língua é um fato social”.

²⁴Doravante CL

Le fait social de la langue pourra se comparer aux us et coutumes (Constitution, droit, mœurs, etc.). Plus éloignés sont l'art et la religion, qui sont des manifestations de l'esprit où l'initiative personnelle a un rôle important, et qui ne supposent pas l'échange entre 2 individus.

Le fait social de la langue pourra se comparer aux us et costumes (constitution, droit, mœurs, etc.). Plus éloignés sont l'art et la religion, qui sont des manifestations de l'esprit où l'initiative personnelle a un rôle important, et qui ne supposent pas l'échange entre 2 individus.²⁵ (SAUSSURE, CL, 1891, f. 1) (transcrição nossa)

No CLG há uma explicação que se assemelha ao fragmento apresentado acima, como segue: “Mas o que é a língua? [...] É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, [1916], p. 17). Percebemos, dessa maneira, que a língua definida como social está presente tanto nos escritos de Saussure quanto em sua obra póstuma. Localizamos as palavras constituição e convenção, a primeira presente no manuscrito e a segunda no CLG, ou seja, já em 1891 o autor defendia esse caráter social e arbitrário da língua.

Logo a seguir, no manuscrito, Saussure discute sobre as divergências que há entre os “usos e costumes”:

²⁵Tradução nossa: “O fato social da língua é comparável aos usos e costumes (constituição, direito, padrões, etc.). Mais afastadas estão a arte e a religião, que são manifestações do espírito em que a iniciativa pessoal tem um papel importante e que não supõem a troca entre dois indivíduos”.

1. Le langage, propriété de la communauté comme les « usages », répond dans l'individu à un organe spécial préparé par la nature

2. Si les coutumes l'existence de coutumes ^{est peut-être} est peut-être nécessaire dans toute société. Rien en revanche ne s'oppose matériellement à ce que celles qui sont établies dans tel peuple ne soient changées.

2. Se faire comprendre est une nécessité absolue dans toute société, avoir des règles.

1. Le langage, propriété de la communauté comme les « usages », répond dans l'individu à un organe spécial préparé par la nature.²⁶

2. Si les coutumes l'existence de coutumes ^{en général} est peut-être nécessaire dans toute société. Rien en revanche ne s'oppose matériellement à ce que celles qui sont établies dans tel peuple ne soient changées.²⁷

2. Se faire comprendre est une nécessité absolue dans toute société, avoir des règles²⁸ (SAUSSURE, CL, 1891, f.1) (transcrição nossa)

Dessa forma, ele coloca as definições de linguagem e língua em dois tópicos, o primeiro é esse do fragmento anterior, que está no manuscrito antecedido pelo número 1 sem nenhuma rasura; no entanto, o segundo tópico, que faz reflexões sobre a língua, aparece em três linhas rasuradas, depois em somente uma linha rasurada novamente, por fim, temos seis linhas com poucas rasuras sobre o tópico que veremos na figura abaixo.

Essas rasuras mostram que Saussure passava por um momento de construção teórica a respeito das características da linguagem, uma vez que há no fragmento dois momentos em que o autor interrompe seu raciocínio. No primeiro fragmento rasurado ele aborda os pontos de divergência desses “usos e costumes” e, assim, ele escreve seu segundo tópico que está rasurado; logo adiante, no segundo fragmento, há considerações sobre o tópico novamente, mas, do mesmo modo, Saussure parece não chegar ao resultado que deseja e, portanto, somente na terceira vez ele aparenta estar satisfeito com o que escrevia, pois não rasura o excerto.

²⁶Tradução nossa: “A linguagem, propriedade da comunidade como os “usos”, corresponde, no indivíduo, a um órgão especial preparado pela natureza”.

²⁷Tradução nossa: “Se os costumes a existência de costumes, ^{em geral}, é talvez necessária em qualquer sociedade. Nada, no entanto, vai se opor materialmente a que aquelas que se estabeleceram em um dado povo sejam alteradas”.

²⁸Tradução nossa: “Ser compreendido é uma necessidade absoluta em qualquer sociedade, ter regras”.

Depois de todas essas rasuras, ele escreve sobre o que caracteriza a língua, como mostra o excerto abaixo:

2. La langue est par excellence un moyen, un instrument, tenu à remplir constamment et immédiatement ^{sa fin et effet} son but : se faire comprendre. Les usages d'un peuple sont souvent de une fin (ainsi les fêtes), ou un moyen très indirect. Et comme le but du langage, qui est de se rendre intelligible, est de nécessité absolue dans toute société humaine dans l'état où nous les connaissons, il en résulte que l'existence d'un langage est le propre de toute société.

La langue est par excellence um meio, um instrumento, tenu à remplir constamment et immédiatement ^{sa fin et effet} son but : se faire comprendre. Les usages d'un peuple sont souvent une fin (ainsi les fêtes), ou un moyen très indirect. Et comme le but du langage, qui est de se rendre intelligible, est de nécessité absolue dans toute société [] humaine, dans l'état où nous les connaissons, il en résulte que l'existence d'un langage est le propre de toute société.²⁹ (SAUSSURE, CL, 1891, f. 1) (transcrição nossa).

Verificamos, assim, que o primeiro fragmento do tópico 2, rasurado por Saussure, discute sobre costumes; o segundo, também rasurado, trata sobre comunicação; e o terceiro – decidido por ele como definitivo, pois não apresenta nenhuma rasura – aborda questões sobre a comunicação, usos e costumes e ainda retoma o tópico sobre os objetivos da linguagem. Neste sentido, vemos novamente uma retomada de Saussure que especifica melhor a língua.

Logo abaixo do tópico 2, deparamo-nos com o seguinte trecho:

Développer:

1. Existence nécessaire du langage de la communauté humaine.
2. Continuité absolue de ~~la langue~~ la langue.

Développer:

1. Existence nécessaire du langage dans toute communauté humaine.
2. Continuité absolue de ~~la langue~~ la langue³⁰ (SAUSSURE, CL, f. 1) (transcrição nossa)

No fragmento temos a palavra “Développer:” e, logo abaixo, a descrição de dois pontos que o autor ainda parecia pensar em desenvolver, são eles: a necessidade da

²⁹Tradução nossa: “A língua é, por excelência, um meio, um instrumento, obrigado a realizar constantemente e imediatamente ^{seu fim e efeito} seu objetivo: se fazer compreender. Os usos de um povo são, muitas vezes, um fim (como as festas), ou um meio muito indireto. E como o objetivo da linguagem, que é se tornar inteligível, é de absoluta necessidade em toda sociedade [] humana, no estado em que as conhecemos, daí resulta que a existência de uma linguagem é característica de toda sociedade”.

³⁰Tradução nossa: “Desenvolver. 1. Existência necessária da linguagem em toda comunidade humana. 2. Continuidade absoluta da ~~linguagem~~ da língua”.

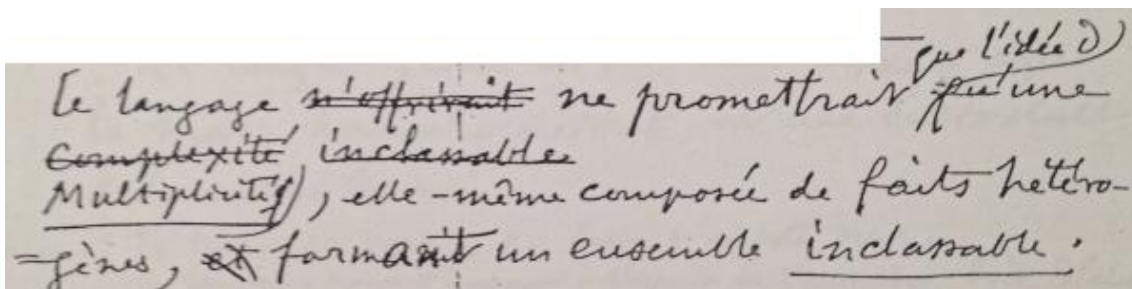
linguagem na comunidade e a continuidade da língua. Primeiro, há novamente uma escolha em utilizar o termo *langue* e não o termo *langage* (que está rasurado acima), o que pode indicar uma direção terminológica optada por Saussure. Segundo, vemos a palavra “desenvolver” seguida de dois pontos, que confirma que as características da linguagem, as quais ele procurou abordar nesse manuscrito, ainda estavam em desenvolvimento e precisavam ser repensadas posteriormente.

Notamos, então, que há várias formulações nesse manuscrito que abordam os termos linguagem e língua, contudo o termo fala não aparece nesse momento, indicando-nos que ainda havia um distanciamento da delimitação desses três conceitos de Saussure. Lembramos que, nesse momento, há uma distinção entre linguagem e língua, e não somente uma caracterização de linguagem, apesar de o autor apresentar sua intenção em discutir sobre os traços deste último termo, uma vez que o manuscrito começa com as palavras “características da linguagem” sublinhadas. Há instantes em que aparece o termo língua entre essas características, e até mesmo de uma forma conhecida presente também no *Curso de Linguística Geral*, isto é, Saussure utiliza um conceito para caracterizar o outro, e se vale de todos os termos do trio - linguagem, língua e fala - para conceituá-los e demarcá-los entre si.

1.4) No manuscrito *Notes pour le cours II (1908-1909): Dualités*

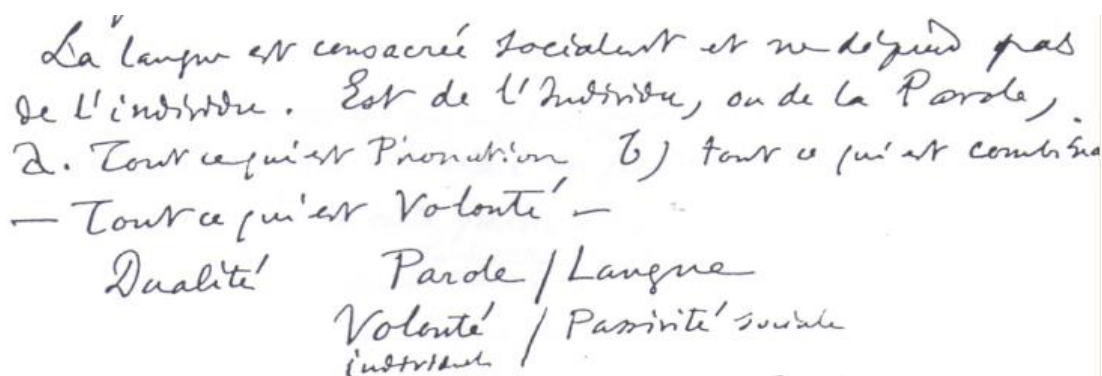
Passemos agora à análise de um manuscrito escrito por Saussure 17 anos mais tarde intitulado *Notes pour le cours II (1908-1909): Dualités*³¹, datado de 1908-1909, época do segundo curso ministrado por Saussure na Universidade de Genebra. Engler trabalhou com esses manuscritos em sua edição crítica do *CLG*, os quais também foram transcritos e editados novamente por ele e Bouquet em 2002. Nessas notas, conseguimos observar uma aproximação das formulações que encontramos no *CLG*, e essa semelhança nos demonstra que os escritos retratam as anotações feitas por Saussure para as suas aulas na Universidade de Genebra. Desse modo, deparamo-nos aqui com o primeiro momento em manuscritos saussurianos sobre a tripartição conceitual de uma forma bastante próxima ao *CLG*. Notemos, por exemplo, o que o autor afirma sobre a linguagem:

³¹Notamos que esses foram escritos anos depois das três primeiras conferências, e que as datas coincidem com o momento em que Saussure ministrava aulas sobre Linguística Geral em Genebra, curso que se tornou conteúdo do Curso de Linguística Geral.



Le langage ~~n'offrirait~~ ne promettrait^{que l'idée d)} qu'une Multiplicité^{complexité inclassable}, elle-même composée de faits hétérogènes. ~~et~~ formant un ensemble inclassable.³² (SAUSSURE, Notas para o Curso II³³, 1908, f.1) (transcrição nossa)

Nesse momento, a linguagem é caracterizada como heterogênea, ou seja, exatamente da mesma forma como definida no CLG, a saber: “Enquanto a linguagem é heterogênea; a língua assim delimitada é de natureza homogênea” (SAUSSURE, [1916], p. 23). Depois Saussure aborda o conceito de língua:



La langue est consacrée socialement et ne dépend pas de l'individu. Est de l'individu, ou de la Parole,
a) Tout ce qui est Phonation b) Tout ce qui est combinaison
- Tout ce qui est Volonté -
Dualité Parole/Langue
Volonté individuelle/Passivité sociale³⁴ (SAUSSURE, NC, 1908, f.2)
(transcrição nossa)

Nesse fragmento é apresentado um discurso semelhante ao do *Curso de Linguística Geral*, como afirmações de que a língua é social e de que a fala é individual,

³² Tradução nossa: “A linguagem ~~forneceria~~ prometeteria ^{apenas a ideia} uma Multiplicidade ^{complexidade, inclassificável}, ela própria sendo composta de fatos heterogêneos. e formando um conjunto inclassificável”.

³³ Doravante NC.

³⁴ Tradução nossa: “A língua é consagrada socialmente e não depende do indivíduo. É do indivíduo, ou da fala: a) Tudo o que é Fonação b) tudo o que é combinação
– Tudo o que é Vontade -
Dualidade Fala/Língua
Vontade individual/Passividade social”

por exemplo, que são conceitos essenciais para a construção do objeto da linguística geral. Para melhor compreendermos essa relação entre esses três manuscritos e o *CLG*, vejamos como os conceitos de linguagem, língua e fala são apresentados na obra póstuma de Saussure:

A linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence, além disso ao domínio individual e ao domínio social; (SAUSSURE, [1916], p. 17)

Ela [a língua] é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. (*Ibidem*, p. 22)

Mas o que é a língua? [...] É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (*Ibidem*, p. 17)

A fala é, ao contrário [da língua], um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (*Ibidem*, p. 22).

Entendemos, portanto, que nos manuscritos das três primeiras conferências e das características da linguagem há uma grande distância acerca do que conhecemos no *CLG*; no entanto, nesse segundo manuscrito há uma maior aproximação do que se lê posteriormente no livro de Saussure. Em outras palavras, em 1891 ainda há várias frases confusas e hesitações sobre os conceitos dos três termos, contudo, em 1908 esses termos se apresentam de uma forma mais elaborada e distinta. Tal movimento comprova a hipótese de que Saussure levou vários anos para construir demarcações entre os conceitos.

Neste sentido, confirmamos que, ao compararmos as formulações de Saussure nos manuscritos *Notas para o Curso II* com o que temos no *CLG*, podemos notar o quanto os termos e conceitos nessas notas se aproximam da explicação encontrada em sua obra póstuma. Saussure inclusive usa a mesma palavra “heterogênea” para caracterizar a linguagem nesse momento, assim como utiliza a palavra “social” para definir a língua.

Lembramos, entretanto, que essas semelhanças não eram tão explícitas nos manuscritos mais antigos de Saussure. No manuscrito *Primeira Conferência de Genebra*, por exemplo, Saussure escreve que “a linguagem ou a língua são apenas uma mesma coisa: uma é a generalização da outra” (SAUSSURE, PCG, f. 5), construção completamente diferente da encontrada tanto nessas notas como no *CLG*, o que nos leva a admitir, portanto, que esse movimento de escrita dos conceitos que analisamos

durante todos esses anos foi, de 1891 a 1908, tomando novos rumos até chegar à demarcação do objeto da linguística moderna.

Os três manuscritos apresentados nos conduziram a diferentes questões sobre o trabalho de Saussure ao conceituar os termos linguagem, língua e fala. Primeiro, percebemos em seus escritos uma busca constante em caracterizar os três termos em questão, já que o autor os insere em seus escritos, rasura-os, reescreve-os, procedimentos que refletem um processo de elaboração. Segundo, notamos que esse trabalho de delimitação e conceituação da tripartição conceitual se deu ao longo de vários anos, isto é, Saussure trabalhou bastante para que as demarcações entre linguagem, língua e fala fossem feitas para que ele pudesse estabelecer o objeto da linguística.

Em 1891, linguagem, língua e fala se apresentavam em um emaranhado de elaborações, em que, muitas vezes, Saussure parecia hesitar entre os três termos, rasurando-os e até trocando-os uns pelos outros. Em 1908, esses termos foram descritos em um esboço, isto é, linguagem, língua e fala se conceituam de uma forma mais próxima do *CLG*, uma vez que as palavras heterogênea, social e individual relacionavam-se aos três termos em questão. Ao fim do terceiro curso e, depois, na edição do *CLG*, podemos ver um último momento em que a tripartição conceitual toma uma forma mais demarcada e delimitada³⁵.

Esse trabalho de escrita dos três termos chave da teoria de Saussure foi, desse modo, reconhecido anos mais tarde como a definição de um objeto para a linguística, como descrito a seguir:

Vários argumentos apoiam, no *CLG*, esse ponto de vista de criação do objeto da linguística: a *língua* tem definição autônoma, é vista como sistema, é norma para todas as manifestações da linguagem, portanto, pode ser estudada cientificamente. (NORMAND, 2012, p. 10).

Vejamos, a seguir, como o conceito de língua é associado e relacionado aos conceitos de linguagem e fala; além de como essa tripartição conceitual se faz necessária para a compreensão da teoria saussuriana fundadora da linguística moderna.

³⁵ Veremos essa questão mais especificamente no capítulo 3.

1.5) No *Curso de Linguística Geral*

O *Curso de Linguística Geral* editado por Bally e Sechehaye foi, então, publicado em 1916. A tripartição conceitual toma suas características nesse momento e, no *CLG*, os autores utilizam algumas notas dos alunos, alguns manuscritos de Saussure, outras anotações dos alunos referentes ao segundo curso³⁶ e algumas criações próprias dos editores (cf. COELHO, 2011). Dessa forma, temos a edição do livro fundador da linguística moderna e as delimitações entre linguagem, língua e fala ficam registradas iniciando-se no terceiro capítulo da introdução desse livro.

A definição e a demarcação da língua começam nesses primeiros capítulos, no entanto, como investigado por Silveira (2009), “destacamos o IV capítulo da segunda parte “O valor linguístico” como central na trama de elaborações saussurianas e fundamental para continuarmos contando a história dessa busca de respostas sobre a natureza da língua” (SILVEIRA, 2009, p. 48). Verificamos, assim, que apesar da grande importância dos primeiros capítulos da primeira parte, no capítulo IV da segunda parte há ainda uma busca para determinar a natureza da língua, além de como ela opera, isto é, Saussure retoma as delimitações antes abordadas para definir a teoria do valor.

Ora, se o *CLG* demonstra a língua como seu principal tema de estudo, para que precisamos dos conceitos de linguagem e fala? Observemos que no capítulo III da primeira parte é possível notar por que a língua tem esse destaque no estudo de Saussure e, conseqüentemente, como linguagem e fala aparecem como importantes em sua teoria também. Primeiro, o capítulo começa com a proposta de apresentar o que seria o objeto integral e concreto da linguística, a partir disso, seguem-se explicações sobre a linguagem:

A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro. (SAUSSURE, [1916], p. 16)

A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é um produto atual e um produto do passado. [...] Seria a questão mais simples se se considerasse o fenômeno linguístico em suas origens; se, por exemplo, começássemos por estudar a linguagem das crianças? Não, pois é uma ideia bastante falsa crer que em matéria de linguagem o problema das origens difira do das condições permanentes; não se sairá mais do círculo vicioso, então. (*Ibidem*, p. 16)

Neste sentido, por não se tratar de um objeto concreto, a linguagem, em sua totalidade, é descartada como objeto da linguística. Depois, o livro traz a seguinte

³⁶ Como vimos nas notas do segundo curso é lá que Saussure aborda algumas delimitações de língua e fala.

afirmação: “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (*Ibidem*, p. 16). Começam assim no CLG as conceituações duplicadas, ou seja, Saussure utiliza um termo para conceituar outro, criando, nesse momento, uma inter-relação entre os termos linguagem e língua, vejamos:

Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (SAUSSURE, [1916], p. 17).

Da análise do fragmento acima, compreendemos que a linguagem continua a ser definida como algo que não pode ser objeto da linguística e, ao mesmo tempo, está em contraposição ao objeto que tem as características “integral e concreta”: a língua. Desse modo, a linguagem por não ter uma unidade, por ser heteróclita e multiforme não pode ser o objeto da linguística, entretanto, a língua é uma parte essencial da linguagem que permite o exercício de sua faculdade nos indivíduos.

Logo em seguida no livro, Saussure afirma: “para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, necessário se faz colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala” (*Ibidem*, p. 19). Assim, o circuito da fala é explicado e o termo fala é conceituado pelo genebrino pela primeira vez:

Todos [os indivíduos] reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos.
Qual a origem dessa cristalização social? Qual das partes do circuito pode estar em causa? [...]
A parte física pode ser posta de lado desde logo. Quando ouvimos falar uma língua que desconhecemos, percebemos bem os sons, mas devido à nossa incompreensão, ficamos alheios ao fato social.
A parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos *fala* (*parole*). (*Ibidem*, p. 21).

Depois, novamente, apresentam-se definições inter-relacionadas entre si, ou seja, os termos linguagem, língua e fala são conceituados sempre em dois e, portanto, é nesse momento que se faz necessário saber distinguir os termos entre eles, como segue abaixo:

Ela [a língua] é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. [...] Ela é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la. (SAUSSURE, [1916], p. 22)
A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente. (*Ibidem*, p. 22)
Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea (*Ibidem*, p. 23)
A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo. (*Ibidem*, p. 23).

A distinção entre “as línguas” e “a língua” também está disposta no *CLG*. Com ela, assim como nos manuscritos, Saussure objetiva diferenciar o objeto que está pronto para o linguista, ou seja, a diversidade de línguas existentes, daquele que não é dado a ele de antemão, e que só pode ser obtido a partir da generalização do que for observado:

O objeto concreto de nosso estudo é, pois, o produto social depositado no cérebro de cada um, isto é, a língua. Mas tal produto difere de acordo com os grupos linguísticos: o que nos é dado são as línguas. O linguista está obrigado a conhecer o maior número possível delas para tirar, por observação e comparação, o que nelas exista de universal. (*Ibidem*, p. 33)

Dessa forma, vemos que o termo língua se diferencia não apenas dos conceitos de linguagem e fala. Há também uma distinção importante entre “a língua” e “as línguas”, visto que estas consistem nos fatos observáveis que levam o linguista ao conhecimento da língua, enquanto objeto de estudo da Linguística.

Nas formulações presentes no *Curso de Linguística Geral* é notório que a definição do objeto da linguística – apontado por Saussure como algo difícil de fazer – também tem seu processo de escrita. O genebrino faz as definições da tripartição conceitual com o intuito de definir o objeto da linguística, atentando-se a distinguir linguagem e fala de seu objeto; assim como com a intenção de determinar as características de cada um dos três termos para que língua seja entendida como o “primeiro lugar no estudo da linguagem” (SAUSSURE, [1916], p. 18).

Todas essas características da língua, assim como essa nova forma de estudar linguística, marca o momento em que a linguística passa a especificar o seu objeto, resultando, portanto, na fundação da linguística moderna. Tal fato fez com que o *CLG* repercutisse em todo o mundo por intermédio de traduções para várias línguas, porém os tradutores encontraram impasses no momento da tradução desse livro, principalmente, em relação à terminologia saussuriana. Desse modo, no próximo capítulo, investigaremos a tripartição conceitual saussuriana a partir das dificuldades da

tradução dos conceitos de linguagem, língua e fala do *CLG* em várias línguas e na língua inglesa especificamente.

CAPÍTULO 2. TRADUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DOS CONCEITOS SAUSSURIANOS

2.1) Introdução

Nos manuscritos *Trois Première Conférences* foi possível observar que Saussure criticava a forma como eram conduzidos os estudos da linguagem na época. Nesses manuscritos, e nos seguintes que se encontram em nosso primeiro capítulo, notamos o processo de escrita de novos conceitos e, em suas rasuras e reescritas, vimos um movimento em que surgiam novas formulações. Posteriormente, com a publicação do *CLG*, percebemos o momento em que os conceitos de linguagem, língua e fala são apresentados à comunidade linguística com demarcações e conceituações ainda não conhecidas nos estudos da linguagem.

Dessa forma, identificamos o seguinte movimento: houve a construção desses novos termos – que em nosso trabalho focamos na elaboração a partir de 1891 - e, depois, em 1916, quando houve a primeira publicação do *CLG* que fez com que esses termos, agora essenciais na fundação da linguística moderna, repercutissem no mundo. Essa repercussão se deu de forma abrangente, o que resultou em várias traduções do *CLG* para diferentes línguas.

Os tradutores, entretanto, apresentam várias dificuldades que encontraram ao traduzirem o livro póstumo de Saussure. Vale dizer que os termos linguagem, língua e fala se tornaram um dos grandes percalços dos tradutores, pois, como vimos, o extenso trabalho de Saussure em definir o objeto da linguística reflete o quanto as demarcações desses três termos é importante para seu trabalho em linguística geral.

Assim, primeiramente apresentamos neste capítulo como se deu a repercussão do *Curso de Linguística Geral* em um quadro geral no mundo e nos detivemos às dificuldades enfrentadas pelos tradutores do livro em diversas línguas diferentes. Em segundo lugar, trabalhamos com as soluções criadas pelos tradutores no que tange à tradução da tripartição conceitual para que seja investigado qual é o fundamento das críticas feitas às duas traduções do *CLG* para o inglês; além disso, para que possamos avançar na reflexão das críticas feitas a essas duas traduções do *CLG*, abordamos alguns pressupostos teóricos da tradução relacionando-os com as possíveis estratégias utilizadas por Baskin e Harris em seu trabalho de tradução da obra póstuma saussuriana para o inglês.

2.2) As traduções no mundo

Bally e Sechehaye editaram e publicaram o *CLG*, em 1916, apresentando os conceitos saussurianos que conferiram um objeto à linguística moderna. A repercussão desse livro foi extensa. Em 1928, doze anos após sua publicação em francês, o livro foi traduzido em japonês e, a partir disso, seguiram-se traduções para mais de vinte línguas diferentes, até os dias atuais. Em ordem cronológica segue a língua das traduções e seu ano de publicação: japonesa (1928), alemã (1931), russa (1933), espanhola (1945), inglesa (1959), polonesa (1961), italiana (1967), húngara (1967), servo-croata (1969), sueca (1970), portuguesa (1971), vietnamita (1973), coreana (1973), albanesa (1977), turca (1976-78), grega (1979), chinesa (1980), tcheca (1990) e a romena (1998).

Vários tradutores e comentadores classificam muitos termos e conceitos do *CLG* como os mais complicados de traduzir, como o que Sungdo³⁷ (1990) menciona: “Conhecemos bem os teoremas saussurianos, mas a possibilidade da tradução desses teoremas para outras línguas continua a ser um domínio relativamente intocado.”³⁸(SUNGDO, 1990, p. 74). Além disso, em algumas edições da revista *Cahier Ferdinand de Saussure*, as quais são abordadas adiante, conseguimos encontrar os prefácios de algumas dessas traduções em que a grande maioria de seus tradutores afirma ter enfrentado dificuldades ao traduzir vários desses termos, e encontrou, principalmente, complicações com a tradução dos três termos saussurianos: linguagem, língua e fala.

Apesar de Saussure salientar que devemos definir as coisas e não os termos, visto que “as distinções estabelecidas nada têm a rezear, portanto, de certos termos ambíguos, que não têm correspondência entre duas línguas” (SAUSSURE, [1916] p. 22), os tradutores não conseguiram seguir o conselho do genebrino e acabaram enfrentando complicações com a terminologia da tripartição conceitual na tradução.

Dessa forma, entre essas mais de vinte traduções aqui citadas, ressaltamos aquelas em que seus tradutores e comentadores apontam sobre a dificuldade encontrada por eles nesse trabalho de tradução.

Utilizamos, assim, um compilado de paratextos, ou seja, textos paralelos que nos servem para os exames dos impasses de tradução, que auxiliam na tarefa de investigar

³⁷ Sungdo publicou um artigo no *Cahier Ferdinand de Saussure* comentando as traduções do *CLG* em chinês e japonês.

³⁸ Tradução nossa de: “On connaît bien les théorèmes saussuriens; mais la possibilité de la traduction de ces théorèmes dans d’autres langues demeure un domaine relativement vierge”.

as dificuldades enfrentadas pelos tradutores do *CLG* em diferentes línguas, visto que, segundo Genette, os paratextos contêm:

Título, subtítulos, intertítulos; prefácios, preâmbulos, apresentação, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim; epígrafes; ilustrações; dedicatórias, tira jaqueta [cobertura], e vários outros tipos de sinais acessórios, [...], que propiciam ao texto um encontro (variável) e às vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor mais purista e o menos inclinado à erudição externa nem sempre pode dispor tão facilmente quanto ele gostaria e pretende. (GENETTE *apud* ARAÚJO, 2010, p. 1).

Tais paratextos foram escritos ou pelos próprios tradutores do *CLG* ou por comentaristas das traduções³⁹, que relatam o estilo de escrita presente nesse livro, o processo tradutório seguido pelo tradutor, as dificuldades encontradas no momento da tradução e as críticas em torno da terminologia da tradução.

Começamos com Wen, tradutor do *CLG* em chinês, que expõe em seu prefácio que lhe foi sugerido que o processo de tradução do livro de Saussure deveria ser feito a partir da compreensão e assimilação do espírito de Saussure (WEN, 2007, p. 215). Além disso, na versão em russo do *CLG*, seu tradutor, Toddes (1982), apresenta a dificuldade encontrada por ele ao fazer a tradução do *CLG*: “[...] achei algumas particularidades difíceis de traduzir”⁴⁰ (CUDAKOVA; TODDES, 1982, p. 69). Esses relatos nos indicam o impasse que existia em entender os conceitos saussurianos; nos prefácios dos tradutores há quase sempre uma afirmação de alguma particularidade da tradução que gerou complicações em seu trabalho de traduzir.

Sungdo revela que a tradução da terminologia saussuriana é o grande problema dos tradutores (SUNGDO, 1990, p. 76). De acordo com ele, o tradutor não deve ser orientado pelas línguas e seus usos próprios, assim como na tradução do discurso científico não pode ser utilizada uma equivalência neológica de forma livre, o tradutor nesse caso precisa fazer escolhas subjetivas porque nenhum termo pode corresponder exatamente e somente a um termo da língua traduzida (*Ibidem*, p. 76). Ele ainda acrescenta que as dificuldades da tradução às vezes se constituíam exatamente pela falta de conhecimento da obra, mas em outros casos até se conhecia o discurso de Saussure, contudo, era complicado conseguir a tradução de seus termos (*Ibidem*, p.77).

³⁹ Trabalhamos principalmente com prefácios dos próprios tradutores das traduções do *CLG* que foram traduzidos para o francês e publicados na revista *Cahier Ferdinand de Saussure*.

⁴⁰ Tradução nossa de: [...] je l'ai cru particulièrement difficile à traduire.

Encontramos, por exemplo, uma complicação relacionada à tradução de Sungdo, em que um linguista japonês chamado Tokieda passa a defender que o objeto da linguística deveria ser a fala, vejamos:

A crítica de Tokieda contra as ideias saussurianas tinha como objetivo justificar de repente seus próprios conceitos de *langage* e da linguística segundo a qual deveria ter como objeto a *parole*, e não a língua, como em Saussure. [...] ⁴¹ (SUENAGA, 2003, p. 179).

No entanto, a partir de várias pesquisas, Suenaga (2003) percebe que a interpretação de Tokieda estava ligada a um problema na tradução do *CLG* para o japonês; ele afirma: “Tokieda confunde as noções de língua e linguagem, bem distinguidas em Saussure, devido à palavra japonesa “gengo” em que a tradução de Kobayashi atribuiu à “*langue*”, e que também abrange o sentido de “*langage*”⁴² (SUENAGA, 2003, p. 180).

Os termos linguagem, língua e fala são quase sempre mencionados como difíceis de traduzir nos prefácios e no *Cahier Ferdinand de Saussure*. Romm, por exemplo, um dos tradutores do *CLG* em russo, envia uma carta para Bally e Sechehaye relatando os problemas que encontrou na tradução desses três termos, e assegura poder considerá-los a parte mais difícil de traduzir do *CLG*: “A terminologia francesa (língua, linguagem e fala) é, em minha opinião, o ponto mais difícil do livro” ⁴³ (ROMM *apud* CUDAKOVA; TODDES, 1982, p. 69). Vemos aí o quanto os tradutores ficaram preocupados com a tradução da terminologia saussuriana, principalmente no que se refere aos termos linguagem, língua e fala que, além de configurarem um papel importante no *CLG*, foram complicados de traduzir uma vez que a língua francesa permite essa diferenciação entre os três termos, o que não necessariamente ocorre em todas as línguas.

Segundo De Mauro (1967), em holandês, pelo fato do uso oscilante da palavra “*spraak*”, há dois diferentes correspondentes em francês, sendo eles, *parole* e *langage*. No italiano *langue-langage* são perfeitamente traduzidos, respectivamente, por *língua-*

⁴¹ Tradução nossa de: “La critique de Tokieda sur les idées saussuriennes avait l’objectif de justifier du coup ses propres concepts du langage et de la linguistique selon lesquels il faudrait que l’objet de la linguistique soit la parole, non pas la langue, comme chez Saussure”.

⁴² Tradução nossa de: “Tokieda confond les notions de langue et de langage, bien distinguées chez Saussure, à cause du mot japonais « gengo », que la traduction de Kobayashi a attribué pour le français « langue », et qui recouvre aussi le sens de « langage »”.

⁴³ Tradução nossa de: “Sa terminologie française (langue, langage et parole) c’est, selon moi, le point le plus difficile du livre”.

linguaggio, contudo, pela influência do termo inglês *language*, há, muitas das vezes, a utilização do termo *linguaggio* para referir-se à *langue*.

No alemão temos um impasse, pois “a um nível corrente, o termo *Sprache* oscila entre o valor de *langue* e *langage*, o termo *Rede* oscila entre *langue*, *parole* e *discours* [...] isso resulta em uma pluralidade de vezes que falta uma solução geralmente adotada”⁴⁴ (DE MAURO, [1967] 2005, p. 423); De Mauro também acrescenta nessa análise diferentes autores alemães que optaram por termos distintos ao falarem da tripartição conceitual saussuriana, o que pode acarretar mais diversidades na questão da compreensão dos três termos.

No português não há ainda trabalhos publicados que critiquem a tradução dos termos linguagem, língua e fala; todavia, na *Jornada Internacional Ferdinand de Saussure*⁴⁵, houve uma apresentação das autoras Finatto e Ciulla, em que elas demonstraram em seu trabalho algumas adversidades com a tradução do *CLG* do francês para o português. As autoras tratam de uma complicação na compreensão das substituições arbitrárias, como segue,

“Un état de langue donné est toujours le produit de facteurs historiques, et ce sont ces facteurs qui expliquent pourquoi le signe est immuable, c’est-à-dire résiste à toute substitution arbitraire » p. 105

« Um dado estado da língua é sempre o produto de fatores históricos que explicam porque o signo é imutável, vale dizer, porque resiste a toda substituição » p. 86

- Há uma recategorização importante aqui, a da “substituição arbitrária”, para, mais tarde, ser coerente afirmar a mutabilidade do signo, isto é, o signo muda, mas ainda é uma alteração imotivada, ou seja, o princípio continua valendo (nota p. 89). No entanto, em português, “arbitrária” foi omitida e “substituição” passa a se referir genericamente. Ora, “resistir a toda substituição” é bem diferente de “resistir a toda substituição arbitrária”. (CIULLA; FINATTO; 2013, p. 6)⁴⁶

Vemos aqui que na tradução do português não há um impasse de tradução diretamente ligado aos termos linguagem, língua e fala, mas uma vez que comprometemos a definição de signo, comprometemos também a definição de língua.

Para a língua inglesa, o *CLG* foi traduzido em 1959 por Wade Baskin; a partir da insatisfação e de críticas dessa primeira versão da obra de Saussure em inglês, Harris

⁴⁴ Tradução nossa de : “à un niveau courant, le terme *Sprache* oscille entre les valeurs de *langue* et *langage*, le terme *Rede* entre celles de *langue*, *parole* et *discours* [...] il en résulte une pluralité de tentatives qui révèlent l’absence d’une solution généralement adoptée”.

⁴⁵ A *Jornada Internacional Ferdinand de Saussure e os Estudos Linguísticos contemporâneos* aconteceu na cidade de Natal nos dias 9, 10 e 11 de setembro de 2013. As autoras apresentaram uma comunicação.

⁴⁶ A citação em francês as autoras retiram do *CLG* comentado por Tulio de Mauro (1967) e a tradução dela refere-se à da versão do *CLG* em português de 1973.

fez a tradução do livro novamente, em 1983. Ambas as traduções foram criticadas por diferentes tradutores e linguistas estudiosos de Saussure. Autores como Sanders (2000) abordam os impasses encontrados nas controversas traduções e o que elas podem ter prejudicado na compreensão da obra do genebrino.

Portanto, se existem duas diferentes versões do *CLG* em inglês que apresentam dificuldades de tradução, e ainda são alvos de crítica de vários linguistas e tradutores, questionamo-nos: como a tradução pode influenciar na compreensão de alguns conceitos do livro de Saussure para os leitores de língua inglesa? Por questões que abordaremos ao longo do capítulo os tradutores tiveram bastantes complicações, principalmente, no que diz respeito à tradução de linguagem, língua e fala. Os impasses com a tradução pode levá-los a retornar ao processo de Saussure de escrita dos conceitos nos manuscritos e reinventar novas formas de apresentar os conceitos fundadores da linguística moderna? John Joseph⁴⁷ concluiu na *I Jornadas Internacionales de Historia de la Lingüística*⁴⁸ que é difícil escolher qual a melhor tradução a usar, e assim, para ensinar a teoria saussuriana com as versões existentes, os professores têm de reparar as dificuldades de compreensão encontradas na tradução para que os alunos compreendam melhor os teoremas saussurianos.

Tal questão foi interrogada por Harris (2001), que assegura que os termos língua, linguagem e fala podem ser representados com seus termos originais em francês: *langue*, *langage* e *parole*. Para Sanders (2004), no entanto, os leitores podem usar tanto a tradução de Baskin quanto a de Harris. Essas constatações fazem com que, diante das complicações de compreensão apresentadas nas versões em inglês do *CLG*, haja soluções diferentes para tratar os conceitos que necessitam ser bem compreendidos e distintos entre si.

Esses relatos de tradutores e comentadores nos revelam a complexidade de traduzir os termos saussurianos, pois como veremos a seguir tal complexidade implica impasses de compreensão inclusive com o conjunto da teoria saussuriana, e não simplesmente com alguns termos. Sendo assim, os três termos de Saussure foram vistos como os mais complicados no trabalho de tradução do *CLG*, o que pode justificar, portanto, a existência de duas controversas traduções de linguagem, língua e fala quando se trata das traduções para a língua inglesa.

⁴⁷ Professor de Linguística Aplicada da Universidade de Edinburgh.

⁴⁸ A *I Jornadas Internacionales de Historia de la Lingüística* aconteceu na cidade de Buenos Aires nos dias 1, 2 e 3 de agosto de 2012.

2.3) As controversas traduções de linguagem, língua e fala para o inglês

A leitura do *CLG* e consequentemente de sua tripartição conceitual também é tema de estudo de diferentes autores. Os três termos tiveram grande repercussão na sua recepção na América do Norte e na Inglaterra, contudo, houve questões problemáticas envolvendo a leitura da teoria de Saussure que se desenrolaram por vários anos e que ainda existem. Começamos com Ogden e Richards que segundo Gordon “em *The Meaning of Meaning* (1994 [1923]), C.K. Ogden e I.A. Richards rejeitam a complementaridade “langue-parole”, considerando-a como irrealista e desnecessária”⁴⁹ (GORDON, 2006, p. 87-106). A partir disso, os autores americanos passaram por diferentes questões da teoria saussuriana que possibilitavam, cada vez mais, encontrar adversidades conceituais que envolviam a teoria do genebrino. De acordo com Gordon (2006) as definições de signo, objeto, escolha e identidade também são motivos de impasses na teoria saussuriana. No que diz respeito à J. R. Firth, Gordon afirma que:

“a complementaridade de “língua-fala” de Saussure foi difundida aos olhos de Firth em razão de sua abstração e do estatuto privilegiado que ela dá a uma forma coletiva de linguagem. Essa antipatia datada de 1935: “Não há nada como uma língua uma (sic) e nunca teve” (1935:68) (GORDON, 2006, p. 91)”⁵⁰

Segundo Gordon, essa recepção que apresentava a interpretação de Ogden e Richards dos conceitos linguagem, língua e fala chegou até os anos 80, foi somente com Harris e Thibault com seus livros *Reading Saussure* e a segunda tradução do *CLG*, respectivamente, que esse quadro teórico de Saussure muda no mundo anglo-saxão, a saber: “é assim que se abre na Inglaterra nos anos 80 um novo capítulo na recepção do *Cours de Linguistique Générale*” (*Ibidem*, p. 93).

Dessa forma, não podemos atribuir todas as dificuldades de compreensão dos conceitos de linguagem, língua e fala às duas traduções do *CLG* em inglês, pois notamos que a primeira tradução para o inglês já existia em meio a um quadro em que a tripartição conceitual ainda não era bem compreendida. Entretanto, talvez pela indistinção entre os termos, nem uma segunda tradução mostrou-se suficiente para

⁴⁹ Tradução nossa de : dans the meaning of the meaning (1994 [1923]), C.K. Ogden et I.A Richards rejettent la complémentarité « langue-parole », la considérant comme chimérique et inutile.

⁵⁰ Tradução nossa de : la complémentarité « langue-parole » de Saussure était à écarter aux yeux de Firth en raison de son abstraction inhérente et du statut privilégié qu'elle donne à la forme collective du langage. Cette antipathie remonte à 1935: «There is no such thing as une langue une (sic) and there never has been ».

resolver os impasses já existentes. No entanto, entre todas as traduções e as várias línguas em que Saussure foi traduzido, o *CLG* em inglês foi o que obteve maiores críticas e o mais questionado ao longo dos anos. Ademais, pela diversidade de críticas e por uma nova tradução controversa à anterior, as duas versões do *CLG* podem ter contribuído para uma repercussão lenta dos teoremas saussurianos, além de ter sido responsável por possíveis complicações teóricas encontradas nos trabalhos em que a tripartição saussuriana se faz necessária.

Assim, pensamos que essas traduções, em vez de contribuírem para uma repercussão positiva da obra de Saussure, demonstram complicar ainda mais a recepção da linguística moderna advinda de seu livro; o que faz as traduções serem objeto de grande importância para a reverberação da linguística moderna.

Em relação à análise das traduções, vimos que o *CLG* para a língua inglesa foi primeiramente traduzido por Wade Baskin, em 1959. Entretanto, os estudiosos de Saussure criticaram bastante essa tradução. Harris (1983), por exemplo, assegura que “Saussure tem sido, sobretudo, mal servido por seu tradutor inglês e comentaristas”⁵¹ (HARRIS, 1983, p. xiii). Assim, o próprio Harris traduziu o *CLG* novamente para o inglês em 1983. Sua proposta prometia resolver as dificuldades de compreensão apresentadas na primeira tradução e, além disso, anunciava que sua tradução seria bem mais didática e destinada “[...] primeiramente ao leitor que não é um especialista em linguística”⁵² (*Ibidem*, p. xiv).

Mesmo assim a segunda tradução ainda parecia não satisfazer os estudiosos de Saussure, uma vez que Evans (1991) relata sobre sua preferência pela tradução do Baskin:

Eu escolhi usar a tradução do *Cours* de Wade Baskin, em vez da recente tradução de Roy Harris. Enquanto a tradução de Harris é, em muitos aspectos, uma melhoria, em pontos cruciais ela implica uma interpretação em desacordo com o texto original.⁵³ (EVANS, 1991, p. 191)

Ao mesmo tempo, a tradução de Wade Baskin suscitou várias críticas dos estudiosos de Saussure, e muitos linguistas americanos ao citar o genebrino preferiram

⁵¹Tradução nossa de: “Saussure has on the whole been poorly served by his English translator and commentators”.

⁵²Tradução nossa de: “[...] primarily to the reader who is not a specialist in linguistics”.

⁵³Tradução nossa de: “I have chosen to use the Wade Baskin translation of the Course rather than the recent Roy Harris translation. While the Harris translation is in many ways an improvement, at crucial points it imports an interpretation at odds with the original text”.

fazê-lo em sua língua original, como vemos nas obras de Chomsky e Labov, por exemplo:

Modern linguistics is much under the influence of Saussure's conception of *langue* as an inventory of elements (Saussure, 1916, 154, and elsewhere frequently) (CHOMSKY, 1964, p. 23)

1. That linguistic structure is closely associated with homogeneity. (Weinreich, Labov, and Herzog 1968) Saussure says that “tandis que le *langage* est hétérogène, la *langue* ainsi délimitée est de nature homogène” (1962 :32) (LABOV, 1972, p. 186). (grifo nosso)

Ressaltamos que na primeira citação, escrita por Chomsky, a palavra “língua” não está traduzida, ou seja, o autor prefere utilizar a palavra em francês “*langue*”, e, na segunda citação, Labov cita Saussure inteiramente em francês. Além disso, alguns autores destacam que havia mais do que problemas nessa primeira tradução, ela apresentava erros de tradução, como argumenta Harris:

Basta dizer que o catálogo variado de erros de tradução disponível para consulta pública corre toda a gama do trivial às mais grosseiramente enganosas (*langage* traduzida como “speech”). Ao abordar questões sobre Saussure tem sido feitas declarações descaradamente anti-saussurianas como “linguagem é uma forma, não uma substância.”⁵⁴ (HARRIS, 1983, p.xiii)

Neste sentido, atentamos para o fato de que Harris indica erros na tradução do livro de Saussure, os quais revelam ser uma grande complicação para a teoria, pois comprometer a tradução de linguagem, língua e fala implica, como vemos em todo nosso trabalho, em um desencadeamento de equívocos posteriores em futuras definições do *CLG* como mostra o capítulo três.

Todavia, a nova tradução também foi alvo de críticas. Harris foi acusado de ser interpretativo, segundo Evans (1991), como visto anteriormente, e, ademais, em uma de suas publicações após sua tradução do *CLG*, o próprio Harris aponta algumas questões de tradução e toma uma decisão inesperada; vejamos com ele:

Qualquer pessoa que escolhe escrever sobre Saussure em inglês ocupa, imediatamente, vários encargos auto-infligidos. [...] Seja como for, logo chega a um ponto em que qualquer comentador deve recorrer a citar os textos disponíveis em francês. Eu tenho feito isso sempre que me pareceu que a redação original era importante ou imprescindível para o esclarecimento de

⁵⁴Tradução nossa de: “Suffice it to say that the varied catalogue of mistranslations available for public inspection runs the whole gamut from the trivial to the grossly misleading (*langage* rendered as ‘speech’). On crossing the Channel Saussure has been made to utter such blatantly unSaussurean pronouncements as ‘language is a form, not a substance’.”

uma questão específica (que é na maioria das vezes).⁵⁵ (HARRIS, 2001, p.xvi).

Ora, se o próprio tradutor do *CLG* afirma que na maioria das vezes em seu livro ele sentiu necessidade de utilizar os termos em francês, confirmamos, portanto, que as traduções parecem de fato não atenderem à expectativa conceitual que a versão original do texto demandava.

Para explicitar melhor a complexidade de ambas as traduções, elaboramos uma tabela com alguns trechos do *Curso de Linguística Geral* no original em francês e com as respectivas traduções de Baskin e Harris:

Tabela 1 – Traduções de linguagem, língua e fala de acordo com Saussure (1959, 1983)

Original em Francês	Baskin	Harris
Le langage est multiforme et hétéroclite [...] il appartient encore au domaine individuel et au domaine social. (p.25)	Speech is many-sided and heterogeneous [...] it belongs both to the individual and to society. (p. 9)	Language in its entirety has many different and disparate aspects. It belongs both to the individual and to society. (p. 10)
[...] la langue ainsi délimitée est de nature homogène. (p. 32)	[...] language, as defined, is homogeneous. (p. 15)	[...] a language system is homogeneous in nature. (p. 14)
Mais qu'est-ce que la langue? (p. 25)	But what is language [langue]? (p. 9)	What, then, is linguistic structure? (p. 9)
La langue, au contraire, est un tout en soi et un principe de classification. (p. 25)	Language, on the contrary, is a self-contained whole and principle of classification. (p. 9)	A language as a structured system, on the contrary, is both self-contained whole and a principle of classification. (p. 10)
La langue n'est pas une fonction du sujet parlant: elle est le produit que l'individu enregistre passivement. (p. 30)	Language is not a function of the speaker; it's a product that is passively assimilated by the individual. (p. 14)	The language itself is not a function of the speaker. It is the product passively registered by the individual. (p.14)

⁵⁵Tradução nossa de: “Anyone who chooses to write about Saussure in English immediately takes up various self-inflicted burdens. [...] Be that as it may, there soon comes a point at which any commentator must have recourse to citing the French texts available. I have done this wherever it seemed to me that the original wording was important or indispensable for the clarification of a particular issue (which is most of the time)”.

La parole est au contraire um acte individuel de volonté et d'intelligence [...] (p. 30)	Speaking, on the contrary, is an individual act. It is willful and intellectual. (p. 14)	Speech, on the contrary, is an individual act of the will and the intelligence [...] (p. 14)
--	--	--

Observemos, pois, que do lado esquerdo temos excertos do *CLG* que destacam os termos linguagem, língua e fala em francês, seguidos à direita, respectivamente, pelas traduções de Baskin e Harris⁵⁶. Esse quadro nos mostra que os termos em francês foram traduzidos diferentemente tanto em uma como em outra tradução, o que sugere que a proposta de distinção elaborada por Saussure pode ser comprometida, uma vez que os tradutores optam por diferentes termos em inglês para cada termo da tripartição. Notamos, assim, que as traduções podem criar uma imprecisão na terminologia saussuriana ou podem demandar um processo de leitura que requer muita atenção. Em outras palavras, aquela tripartição conceitual proposta por três termos diferentes em francês (*langage*, *langue* e *parole*) se apresenta, pois, com dificuldade na língua inglesa, já que os termos são comumente condensados em *langage* e *langue*.

O termo linguagem foi traduzido por Baskin como *speech*, e verificamos que as definições em vários dicionários propõem que ela seja qualquer um dos três termos da tripartição conceitual: “discurso; linguagem; idioma” (HOUAISS, 1997, p. 279); no dicionário de Vallandro, por sua vez, *speech* é “fala, palavra (faculdade de falar); linguagem; língua, idioma (masc.), dialeto; modo de falar; discurso; conversação” (VALLANDRO, [1965], p. 459). Identificamos que a definição do termo *speech* está, nos dois dicionários, relacionada ao termo linguagem, entretanto, há uma quantidade maior de definições associadas à fala, dialeto, modo de falar, isto é, a definição de linguagem existe, mas o termo oferece diferentes formas de ser traduzido para o português.

No entanto, para o termo utilizado por Harris, *language*, temos as seguintes definições: “idioma, linguagem, estilo, jargão” (HOUAISS, 1997, p. 177), e ainda “linguagem, língua, idioma; estilo; *bad language*, termos inconvenientes, ofensivos” (VALLANDRO, [1965], p. 279); assim, para o termo *language* não há nenhuma

⁵⁶ Escolhemos esses trechos especificamente pelo fato de haver uma definição de cada um dos termos de linguagem, língua e fala; contudo, no capítulo III da introdução do *CLG* o termo língua aparece de três formas diferentes na tradução de Harris, o que nos fez escolher três excertos diferentes do livro em que o termo língua apresentava traduções diferentes para o inglês.

tradução que remeta ao termo fala, como em *speech*, evidenciando-nos, desse modo, que a tradução de Harris parece se aproximar mais do termo *langage* de Saussure.

A partir dessas diferentes definições, podemos ressaltar que o termo *language* pode ter uma significação muito abrangente. O termo *speech* acarreta maiores obstáculos, uma vez que se constitui em suas definições por vários elementos que o definem como “fala”, ou seja, a definição se distancia bastante daquilo que Saussure definiu como linguagem, como destacamos do excerto anterior: “a linguagem é multiforme e heteróclita [...] ela pertence, além disso, ao domínio individual e ao domínio social” (SAUSSURE, [1916], p. 17). Dessa maneira, essas definições dos dicionários se aproximam mais das definições que o linguista propõe para fala, quando é preciso notar que ele assegura, por exemplo, que a fala se trata de “combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal” (*Ibidem*, p. 22).

Para traduzir o termo língua, Baskin usa o termo *language* que, como vimos anteriormente, o termo “língua” do português é uma possibilidade de tradução; ou seja, o tradutor da primeira versão do *CLG* em inglês utiliza um termo que pode ser traduzido como língua e, que, ao mesmo tempo, se difere do termo que ele usou para linguagem, *speech*. Harris, por sua vez, utiliza três termos diferentes: *linguistic structure*, que pode ser traduzido como estrutura linguística; *language system*, em português seria sistema de linguagem, e *a language* ou *the language*. Observamos aqui um momento difícil na tradução, uma vez que o *CLG* em francês apresentava somente uma palavra para todas essas que aparecem na tradução de Harris. Tal fato pode gerar uma imprecisão terminológica que dificulta a distinção entre os termos linguagem, língua e fala, visto que tal distinção apresenta uma característica do trabalho de Saussure e é fundamental para a compreensão de sua obra.

Outro aspecto analisado é que no próprio *CLG* não consta a palavra estrutura, portanto, “estrutura linguística” como tradução de “língua” pode nos levar a entender que há aqui uma interpretação⁵⁷ do autor na sua tradução. Porém, Harris utilizou os artigos definidos e indefinidos (*the* e *a*) do inglês para diferenciar linguagem de língua; desse modo, quando o tradutor se propõe a falar da língua ele sempre usa o artigo definido ou indefinido antes da palavra - verificamos que as traduções *a language* ou *the language* correspondem, respectivamente, a “uma língua” e “a língua” -; enquanto

⁵⁷Como apontou Evans anteriormente, contudo, como veremos no próximo item, a interpretação trata-se de uma característica da tradução.

que para o termo linguagem temos sempre a palavra não precedida desses artigos. Esse recurso de utilizar os artigos evidencia uma forma de diferenciar termos tão parecidos, pois, ao fazer uso de *the* e *a*, percebemos que há uma determinação do substantivo, o que pode facilitar na distinção dos termos língua e linguagem. Segundo Harris, os artigos definido e indefinido são elementos que diferenciam *langage* de *langue*:

Surpreendentemente poucos viram que não é de todo necessário complicar a questão da distinção entre *langage* e *langue*, de modo que há uma importante diferença semântica em Inglês entre usar a palavra *language* com e sem um artigo.⁵⁸ (HARRIS, 1983 p. xiv).

Entretanto, nem sempre quando há o termo língua precedido de um artigo indefinido, na tradução de Harris, há na obra original do *CLG* o termo precedido do artigo indefinido também. Como exemplo, colocamos na tabela a seguir os trechos em francês seguidos da tradução feita por Harris, e observamos que nos três primeiros trechos há uma correspondência de artigos no original e sua tradução, enquanto no quarto trecho, o tradutor opta por não fazer a mesma distinção; assim em francês temos o artigo definido precedido da palavra língua enquanto no inglês temos o artigo indefinido. Fica, portanto, a pergunta de como isso pode influenciar na compreensão dos termos.

Tabela 2 – Traduções de *language* de acordo com Saussure (1983)

Original em Francês	Harris
[...]on pourrait dire que ce n'est pas le langage parlé qui est naturel à l'homme, mais la faculté de constituer <u>une langue</u> (p.26)	[...] one may say that it is not spoken language which is natural to man, but the faculty of constructing <u>a language</u> . (p.10)
En séparant <u>la langue</u> de la parole, on separe du même coup[...] (p.30)	By distinguishing between <u>the language</u> and speech we distinguish at the same time [...] (p.13)
<u>La langue</u> n'est pas une fonction du sujet parlant, elle est le produit que l'individu enregistre passivement; (p.30)	<u>The language</u> itself is not a function of the speaker. It is the product passively registered by the individual (p.14)

⁵⁸Tradução nossa de: “Surprisingly few have seen that it is not at all necessary to make heavy weather of the distinction between *langage* and *langue* provided one respects the important semantic difference in English between using the word *language* with and without an article”.

<u>La langue</u> est um système de signes exprimant des idées[...] (p.24)	<u>A language</u> is a system of signs expressing ideas [...] (p.15)
---	--

A caracterização do artigo definido *la* seguido com o objeto da linguística *langue*, ou seja, *la langue*, tem peso significativo na obra de Saussure. Vejamos com Normand:

La langue, no entanto, é um novo termo técnico desenvolvido por Saussure, e é o objeto essencial de suas investigações. Em francês este uso de *langue* com o artigo definido, *la*, sem nenhum outro modificador é muito incomum, o artigo definido é normalmente utilizado apenas com um adjetivo para nomear um idioma específico, por exemplo, *la langue anglaise*, ‘a língua inglesa’. Com *la langue* Saussure está buscando nomear uma entidade distinta da faculdade geral, *le langage*. É evidente que Saussure não quer dizer a mesma coisa com essas duas expressões gerais.⁵⁹ (NORMAND, 2006, p. 89).

Ressaltamos aqui que a distinção entre *la langue* e *une langue* tem relevância para a obra de Saussure, visto que, quando não há essa diferenciação, o caráter inovador que o genebrino instaura no *CLG* é comprometido; desse modo pensamos que a tradução de Harris pode gerar complicações na compreensão dessa diferença que é tão específica na obra saussuriana. Ademais, Normand afirma que “enquanto vários estudiosos rejeitam a entidade denominada *la langue* como especulativa, ela é essencial para o quadro conceitual de Saussure como um todo”⁶⁰ (NORMAND, 2006, p. 90), reforçando a importância do termo *la langue*.

Além disso, compreendemos que Wolf (1997), ao trabalhar com os termos *a language* e *the language* - no livro em que transcreveu os cadernos de dois alunos que participaram do segundo curso de Saussure em Genebra – percebe a complexidade de trabalhar com os artigos definidos e indefinidos do inglês:

[...] devemos aceitar que o uso francês não tem um equivalente real em inglês, não há outra alternativa a não ser usar o termo ‘the language’(ocasionalmente, seguindo a estratégia de Komatsu e Harris, *op. cit.*, alternando-o com ‘a language’), com a consciência de que podemos, se negociarmos com a ambiguidade do termo teórico, construí-lo como ‘a language’. Além disso, como Saussure parece testar os limites do uso do

⁵⁹ Tradução nossa de: “La langue, however, is a new technical term developed by Saussure, and is the essential object of his investigations. In French this use of *langue* with the definite article, *la*, and no further modifier is very unusual, the definite article being normally used only with an adjective to name a specific language, for instance *la langue anglaise*. ‘English’. With *la langue* Saussure is seeking to name an entity distinct from the general faculty, *le langage*. Clearly Saussure does not mean the same thing by these two general expressions”.

⁶⁰ Tradução nossa de: “While several scholars reject the entity termed *la langue* as speculative, it is essential to Saussure's conceptual frame as a whole”.

francês, essa coincidência pode ajudar o leitor a se acostumar ao conceito que, no momento de sua introdução, foi tão novo quanto o estudo da língua, como em inglês o termo ‘the language [sc. Sistema]’ pode ser agora para os falantes de inglês⁶¹. (WOLF, 1997, p. xvi).

Além do que encontramos para os termos *a language* e *the language*, destacamos outro ponto que também contribui para a complexidade tradutória da teoria saussuriana, isto é, Saussure preocupou-se em distinguir “as línguas” de “a língua” ao afirmar que:

O objeto concreto de nosso estudo é, pois, o produto social depositado no cérebro de cada um, isto é, a língua. Mas tal produto difere de acordo com os grupos linguísticos: o que nos é dado são as línguas. O linguista está obrigado a conhecer o maior número possível delas para tirar, por observação e comparação, o que nelas exista de universal. (SAUSSURE, [1916], p. 33).

Neste sentido, pensamos que essa alternância entre os artigos *a* e *the* do inglês pode comprometer a compreensão da distinção presente na teoria saussuriana e, deste modo, criaríamos mais uma dificuldade para a distinção do objeto da linguística, ou seja, a língua.

E, por fim, o termo fala é traduzido por Baskin como *speaking*, cuja definição do dicionário é “ato de falar, discurso” (HOUAISS, 1997, p. 279) e “falante, que fala; vivo, expressivo” (VALLANDRO, [1965], p. 459), e Harris traduz como *speech*, que, como vimos anteriormente, trata-se de “discurso; linguagem; idioma” e “fala, palavra (faculdade de falar); linguagem; língua, idioma (masc.), dialeto; modo de falar; discurso; conversa”⁶². Ambos os termos se aproximam bastante do conceito saussuriano de fala, porém, como veremos a seguir, as próprias explicações de Saussure relacionam um termo com outro, nos sugerindo, assim, que a partir do momento em que a tradução de um termo pode desviar da compreensão de um conceito, logo o entendimento dos outros termos também ficará comprometido e, dessa forma, todo seu arcabouço teórico pode ficar em risco.

Talvez se notarmos os termos com suas definições – como Saussure propôs ao estabelecer que “definimos as coisas e não os termos” (SAUSSURE, [1916], p. 22) - podemos apreender, por exemplo, que tanto *speech* como *language* se referem ao termo linguagem de Saussure, isto é, a definição sustenta que aquele termo corresponde à

⁶¹ Tradução nossa de: “We must accept that the French usage has no real equivalent in English, there is no alternative but to use the term ‘the language’(occasionally, following the strategy of Komatsu & Harris, op. cit., alternating it with ‘a language’), with the awareness that it can, if we trade on the ambiguity of the theoretical term, be construed as ‘a language’. Moreover, as Saussure appears to have been testing the limits of the French usage, this coincidence can thereby aid in inuring the reader to a concept which at the time of its introduction was itself as new to language study as the English term ‘the language [sc. system]’ might now be to English speakers”.

conceituação de linguagem de Saussure; o que também acontece com os termos língua e fala. Contudo, encontramos adversidades quando esses termos devem ser distintos e delimitados entre si ou quando utilizamos mais de um desses termos em uma só frase, como veremos no capítulo 3.

Essas diferenças resultantes dos termos com certeza influenciaram a compreensão dos conceitos saussurianos. Segundo Sanders “é importante se lembrar da mudança de status do Curso através da intervenção dos anos, pois qualquer (re)tradução precisa levar em conta o impacto e influência do trabalho [da tradução]” (SANDERS, 2000, p. 355)⁶². Em outras palavras, a tradução do *CLG* é bastante importante para os leitores de língua inglesa, assim como as suas “retraduções” que tiveram influência na recepção da teoria saussuriana, pois sabemos que os linguistas que confiaram nas duas traduções podem ter compreendido de formas diferentes os conceitos do genebrino. Perguntamos, portanto, se essas questões podem ter simplesmente feito com que os leitores do *CLG* em inglês ignorassem o trabalho de Saussure por interpretá-lo em meio a uma indistinção entre termos.⁶³

Sanders também admite que “o *CLG* tornou-se um texto canônico que foi conhecido, mas é ainda interpretado e citado erroneamente” (SANDERS, 2000, p. 355)⁶⁴, isto é, a obra era conhecida, mas vários fatores ainda faziam com que os linguistas não compreendessem as ideias saussurianas, e inclusive o citavam erroneamente. Questionamos, assim, como essas diferentes traduções influenciaram na formação de linguistas que leem o *CLG* em inglês, pois de acordo com as comparações entre os termos (demonstradas nos quadros acima) é provável que seus leitores possam não conseguir perceber a distinção entre os termos língua, linguagem, e fala; principalmente quando estudada a partir do *CLG* em que esses três termos ficam correlacionados entre si, ou seja, a não compreensão de um acarreta a não compreensão dos outros.

Para melhor apreendermos as questões de tradução relacionadas às duas versões do *CLG* na língua inglesa, destacamos alguns pressupostos teóricos que podem auxiliar na compreensão de como funciona o trabalho de um tradutor, assim como os obstáculos que devem ser confrontados no momento em que se faz uma tradução.

⁶²Tradução nossa de: “It’s important to bear in mind the change in status of the Cours over the intervening years, because any (re)translation needs to take into account the impact and influence of the work”.

⁶³ De acordo com Harris (2001), havia somente um único trabalho publicado que discutia as questões saussurianas nos EUA, um artigo de Rulon Wells até o final dos anos 50, ou seja, não havia nenhuma referência à teoria de Saussure na América do Norte.

⁶⁴Tradução nossa de: “the *CLG* had become a canonical text which was known but still misunderstood and misquoted”.

2.4) Alguns pressupostos teóricos da tradução

Para que possamos avançar na reflexão das duas traduções do *CLG* em inglês, esse item ajudará na compreensão das opções de Harris e Baskin no momento de tradução, o que nos auxiliará na tarefa de refletir teoricamente acerca das duas versões do *CLG*.

Os trabalhos de tradução vêm há tempos considerando tipos diferentes de abordagens e teorias para que possam ser realizados. A dificuldade de passar para outra língua a ideia mais próxima possível da ideia original de um texto estrangeiro é sempre um desafio para quem trabalha com tradução. O próprio Saussure aponta em duas passagens do *CLG* sua preocupação em relação à equivalência entre os termos no caso da tradução:

Cumprir notar que definimos as coisas e não os termos; as distinções estabelecidas nada têm a reear, portanto, de certos termos ambíguos, que não têm correspondência entre duas línguas. Assim, em alemão, *Sprache* quer dizer “língua” e “linguagem”; *Rede* corresponde aproximadamente a “palavra”, mas acrescentando-lhe o sentido especial de “discurso”. Em latim, *sermo* significa antes “linguagem” e “fala”, enquanto *língua* significa a língua, e assim por diante. Nenhum termo corresponde exatamente a uma das noções fixadas acima; eis porque toda definição a propósito de um termo é vã; é um mau método partir dos termos para definir as coisas. (SAUSSURE, [1916], p. 22).

Ora, se não há correspondências exatas entre duas línguas, a tradução é de fato um problema para quem a faz, isto é, ao trabalhar com tradução deve-se ter em mente que por não haver equivalências exatas entre duas línguas haverá, consequentemente, impasses a serem considerados ao longo do trabalho do tradutor. Nesse mesmo sentido, enquanto discorre sobre a teoria do valor, o autor retoma essa questão de equivalência dos termos:

Se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido; mas não ocorre assim. O francês diz indiferentemente *louer* (*une maison*) e o português *alugar*, para significar dar ou tomar em aluguel, enquanto o alemão emprega dois termos *mieten* e *vermieten*; não há, pois, correspondência exata de valores. Os verbos *schätzen* e *urteilen* apresentam um conjunto de significações que correspondem, *grosso modo*, às palavras francesas *estimer* *juger* (“avaliar” e “julgar”); portanto, sob vários aspectos, essa correspondência falha. (SAUSSURE, [1916], p. 135) (grifos do autor)

Ao considerar essas formulações saussurianas – e de outros linguistas que concordavam com Saussure –, Mounin (1963) elabora uma reflexão acerca da teoria saussuriana em relação à tradução: “o sentido de uma palavra fica na estreita dependência da existência ou da inexistência de todas as outras palavras que têm ou podem ter relação com a realidade designada por essa palavra” (MOUNIN, 1963, p. 33), isto é, como o próprio Saussure destaca, a palavra *temer* é delimitada a partir da sua comparação com as palavras *recear*, *ter medo*, entre outras. Segundo Mounin, esse conjunto de palavras “forma, não um inventário por adição, mas sim um sistema, uma espécie de rede cujas malhas semânticas são todas interdependentes. Deformando-se uma malha, todas as outras se deformam em consequência [...]” (*Ibidem*, p. 33).

A propósito, essa “crítica saussuriana” sobre a tradução leva Mounin a compreender o seguinte:

A crítica saussuriana, quando muito, explica cientificamente por que motivos a tradução ao pé da letra jamais pôde funcionar de maneira satisfatória: porque, as palavras não possuem forçosamente a mesma superfície conceitual em línguas diferentes (*Ibidem*, p. 36).

Sem dúvida, a equivalência entre termos se torna um ponto determinante na tradução, uma vez que as complicações que podem surgir estão ligadas a essa correspondência que muitas vezes não acontece. Além disso, notamos que apesar de a preocupação principal de Saussure não ser postular questões relativas à tradução durante os três cursos de linguística geral, suas observações acerca da teoria do valor e o sistema da língua fazem lembrar questões da tradução, uma vez que abordamos o assunto “equivalência entre termos”. Sobre esse assunto há várias pesquisas de diferentes autores, e destacamos, assim, o que Baker (1992) descreve ao abordar o tema da não equivalência:

A língua-alvo não possui um termo específico (hipônimo). Mais comumente, as línguas tendem a ter palavras gerais (superordenadas) e a falta de palavras específicas (hipônimos), uma vez que cada língua só faz essas distinções de significado ao que parece relevante para seu ambiente particular.⁶⁵ (BAKER, 1992, p. 23).

O inglês, portanto, não possui termos específicos para *langue* e *langage*; há a palavra *language*, uma palavra geral, para abarcar o sentido de duas palavras. A questão

⁶⁵ Tradução nossa de: “The target language lacks a specific term (hyponym). More commonly, languages tend to have general words (superordinates) but lack of specific ones (hyponyms), since each language makes only those distinctions in meaning which seem relevant to its particular environment”.

da correspondência é bastante discutida entre teóricos da tradução. Venuti, por exemplo, reflete sobre a correspondência perfeita entre uma palavra e outra, como segue:

Porque se em quaisquer duas línguas cada palavra em uma fosse para corresponder perfeitamente a uma palavra na outra, expressando a mesma ideia com a mesma gama de significado; se suas declinações mostrassem as mesmas relações, e as estruturas dos períodos coincidissem de modo as duas línguas de fato diferissem somente para os ouvidos: então toda tradução na área da arte e da ciência, ao assumirem que a única questão a ser comunicada fosse a informação contida na expressão ou um pedaço da escrita, seria puramente mecânica como em transações comerciais; e ao deixar de lado os efeitos produzidos por tom e entonação, pode-se afirmar de qualquer tradução que colocou o leitor estrangeiro na mesma relação com o autor e sua obra como foi com o leitor original. Quando isso acontece, no entanto, exatamente o oposto é verdadeiro para todas as línguas que não são tão intimamente relacionadas para se considerar quase como diferentes dialetos de uma mesma língua, e quanto mais longe um do outro em anos de etimologia, mais será visto que nem uma única palavra em uma língua corresponderá perfeitamente a uma palavra em outra língua, nem qualquer padrão de declinações em uma conterá precisamente a mesma multiplicidade de relações da outra.⁶⁶ (VENUTI, 2000, p. 46)

Considerando a enfática posição de Venuti sobre a equivalência na tradução, depreendemos que não pode haver uma correspondência perfeita entre os termos *langue* e *langage* em inglês; em nenhum momento uma palavra dos termos linguagem, língua e fala em inglês abarcaria o mesmo significado que uma dessas mesmas palavras francesas possui; além do mais, de acordo com Mounin, a relação entre significante e significado é complexa e dificulta todo esse processo de correspondência. Assim, ele assegura que:

[...] a língua não constitui *a bag of words*, um saco de palavras, isto é um saco para palavras, onde poderíamos ir colher as palavras de uma em uma, tal como apanhamos de um em um os caracteres tipográficos nos caixotins do tipógrafo: trata-se de uma série de tábuas de sistemas a partir das quais devem ser calculadas as correspondências, para cada caso em particular. (MOUNIN, 1963, p. 36).

⁶⁶ Tradução nossa de: “For if in any two languages each word in the one were to correspond perfectly to a word in the other, expressing the same idea with the same range of meaning; if their declensions displayed the same relationships, and the structures of their periods coincided so that the two languages in fact differed only to the ear: then all translation in the areas of art and science, assuming the sole matter to be communicated was the information contained in an utterance or piece of writing, would be as purely mechanical as in business transactions; and, setting aside the effects produced by tone and intonation, one might claim of any given translation that it placed the foreign reader in the same relationship to the author and his work as was the reader of the original. As it happens, however, just the opposite is true for all languages that are not so closely related as to count almost as different dialects of a single tongue, and the further removed they are from one another in etymology years, the more it will be seen that not a single word in one language will correspond perfectly to a word in another, nor does any pattern of declensions in the one contain precisely the same multiplicity of relationships as in another”.

Tal afirmação nos mostra que a tradução entre duas línguas dispõe de “tábuas de sistemas” diferentes, isto é, se cada língua possui diferentes correspondências entre significante e significado, a tradução se torna, conseqüentemente, um trabalho que deve ponderar diferentes relações constituídas distintamente em cada língua.

Acreditamos, dessa maneira, que essa “tábua de sistema” do francês possui uma relação diferente entre os termos linguagem, língua e fala que pode não ocorrer na “tábua de sistema” do inglês, o que pode acarretar dificuldades na tradução, que não consegue resolver a distinção da tripartição conceitual saussuriana. Tanto na tradução de Baskin, quanto na de Harris, notamos adversidades na distinção dos três termos de Saussure, principalmente, por criar uma imprecisão terminológica que a “tábua de sistema” do francês não possui.

Desse modo, é visível que a tradução falha nessa tarefa de deixar claro os teoremas de Saussure em sua produção póstuma, mas diferentes abordagens teóricas de Tradução podem elucidar em que ponto os tradutores podem ter comprometido a distinção dos termos. Abordaremos, assim, os pressupostos que tratam de tradução técnico-científica e tradução cultural; o intuito é verificar como essas teorias nos auxiliam na tarefa de compreender as dificuldades teóricas que ambos os tradutores do *CLG* em inglês enfrentaram no momento de sua tradução.

Primeiramente, a linguagem técnica, segundo Hoffman é:

[...] a totalidade de todos os recursos linguísticos empregados no âmbito da comunicação restrita a uma área específica, a fim de garantir a compreensão entre as pessoas atuantes nesta área. Tais recursos formam uma sublíngua, à medida que são parte do inventário geral da língua. Sua escolha e ordenação na produção de textos técnicos é determinada primeiramente pela especificidade do conteúdo e, em segundo lugar, pela função comunicativa, ou seja, pela finalidade da declaração, além de sofrer a influência de uma série de outros fatores subjetivos e objetivos presentes no processo de comunicação (HOFFMANN *apud* AZENHA JR, 1998, p. 70)

A essa definição de linguagem técnica abrangemos também uma conceituação de linguagem de manuais, visto que a linguagem presente nesse tipo de texto se trata de uma totalidade de recursos linguísticos “empregados no âmbito da comunicação restrita de uma área específica” (*Ibidem*, p. 70). Segundo Wills, há três campos os quais ele considera de grande interesse para o estudo das linguagens técnicas, e um deles é o campo do “surgimento de uma ciência da terminologia” (WILLS *apud* AZENHA JR, 1998, p. 63).

Azenha Jr acrescenta uma forma de como produzir esse tipo de texto; vejamos com ele:

É claro que o léxico das linguagens técnicas opera em condições passíveis de um maior controle, pois a situação de comunicação é especial: é preciso que emissor e receptor do texto técnico disponham de algum conhecimento específico para que a comunicação efetivamente se concretize; ou então, caso o produtor esteja ciente de que seu receptor não dispõe de um grau de conhecimento comparável ao seu, é preciso que ele derive disso a sua estratégia de produção do texto técnico. (AZENHA JR, 1998, p. 73).

O autor também estabelece uma definição de termos intercambiáveis que deve ser utilizada em traduções de textos técnico-científicos, a seguir:

[...] para serem sinônimos *perfeitos*, dois termos precisariam ser intercambiáveis em *qualquer* contexto. Assim, as palavras “maçã” e “*Pirus malus*” referem-se, ambas, ao fruto da macieira, mas não podemos imaginar que possam ser intercambiáveis em *qualquer* contexto. E ainda que se tratasse da transposição do nome científico (“*Pirus malus*”) de uma cultura para outra, ainda assim seria preciso avaliar se o efeito produzido pelo emprego do termo na língua e na cultura de partida coincide com o efeito produzido pelo termo na língua e cultura de chegada para o tipo de texto em que ele se encontra inserido. (AZENHA JR, 1998, p. 74).

Ao pensarmos no termo *language*, deparamo-nos com um termo que não é intercambiável. Assim, o termo *language* não pode ser utilizado para a tradução de ambos os termos *langue* e *langage*, como encontramos na tradução de Baskin o termo *language* para a tradução de *langue* e na tradução de Harris o mesmo termo para a tradução de *langage*. De fato, os tradutores discordam quando se trata da utilização do termo *language*, e produzem efeitos diferentes na língua e cultura de chegada (nesse caso o inglês). Assim, não sabemos qual tradução é mais adequada, e só podemos afirmar que pelo fato de *language* não ser intercambiável, há complicações nas traduções que podem comprometer a leitura do texto de Saussure.

Todavia, quando consideramos o *CLG* podemos de fato avaliar que há ali um texto de uma área específica, mas o texto técnico-científico parece abranger um tipo diferente daquele que encontramos no *CLG*. Lembremos, portanto, que no texto presente na obra póstuma saussuriana há emprego de uma terminologia, e ela deve ser traduzida de forma que seja compreendida principalmente em relação aos outros termos. No entanto, não há tanta rigidez como quando observamos os tipos de textos que se encaixam na modalidade de tradução técnico-científica, como é o caso de bulas de remédios, manuais de instrução, entre outros. Parece-nos que o texto do *CLG* está inserido em outro tipo de abordagem teórica de tradução.

Em relação à tradução cultural, há elementos da cultura que devem ser levados em consideração. Venuti (2002) esclarece esse ponto quando trata das dificuldades que englobam a tradução, notemos:

A tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras. A seleção de textos estrangeiros e o desenvolvimento de estratégias de tradução podem estabelecer cânones peculiarmente domésticos para literaturas estrangeiras, cânones que se amoldam a valores estéticos domésticos, revelando assim exclusões e admissões, centros e periferias que se distanciam daqueles existentes na língua estrangeira. As literaturas estrangeiras tendem a ser desvinculadas do seu sentido histórico pela seleção de textos para tradução, afastadas das tradições literárias estrangeiras nas quais estabelecem seu significado. (VENUTI, 2002, p. 130)

O autor, ao abordar complicações que podem ser enfrentadas por tradutores culturais, cita o estudo feito por Jones que critica o trabalho de tradução dos textos de Aristóteles:

Ele [Jones] mostrou de forma contundente, que os tradutores acadêmicos impunham a interpretação individualista ao texto grego por meio de várias escolhas lexicais. Da versão de Ingram Bywater de 1909, citou a passagem na qual Aristóteles discute a *hamartia*, o erro de julgamento cometido pelos personagens nas tragédias. Jones leu a tradução inglesa de forma sintomática, localizando “discrepâncias” ou desvios do grego que se revelam o trabalho da ideologia do tradutor, o individualismo romântico. (VENUTI, 2002, p. 134).

Já nessas passagens do texto de Venuti as questões específicas que tratamos no texto do *CLG* não são produtivamente abordadas de um ponto de vista cultural. Neste sentido, percebemos que tanto os pressupostos de tradução técnico-científica, como os de tradução cultural têm relação com as questões de tradução quando consideramos o texto de Saussure; embora nenhuma delas seja capaz de dar o embasamento necessário para a discussão de um texto que é considerado fundador de uma área, uma ciência ou uma discursividade. Ambas as teorizações não nos dão suporte para a problematização da tradução do *CLG*, o que comprova o fato de que a tradução desse tipo de texto pode ser também classificada como acadêmica abrange maiores impasses, e não se encaixa nem em uma discussão técnico-científica, muito menos em uma discussão literária.

Ora, ponderamos assim que os autores enfrentaram complicações na tradução, pois o texto presente no *CLG*, sua terminologia e conceituação cria um trabalho maior para os tradutores que não podem utilizar as teorias tradutórias abordadas acima para resolver seus entraves. Sendo assim, Baskin e Harris criaram estratégias diferentes para que as dificuldades que aparecessem na tradução do *CLG* fossem resolvidas.

No caso de Baskin notamos uma opção por traduzir os termos linguagem, língua e fala de forma que esses não mudassem no decorrer do livro; ele manteve a tradução dos termos desde a primeira vez em que eles aparecem no livro. Segundo De Mauro, Baskin criou “uma solução brilhante que nos faz pensar que ela será definitiva”⁶⁷ (DE MAURO, [1967] 2005, p. 424). No entanto, como vimos anteriormente, a solução brilhante foi criticada e aquela tradução que parecia ser definitiva foi repensada. Houve, anos depois, a tradução de Harris que prometia apresentar-se de uma forma simples para os leitores, mas que apresentava para o termo língua cinco termos diferentes em sua tradução, o que acabou levando Harris a ser acusado de interpretativo⁶⁸.

Chegamos a outro ponto polêmico em relação aos estudos teóricos da tradução, uma vez que, segundo Arrojo “traduzir é inevitavelmente interferir e produzir significados” (ARROJO, 1996, p. 62) e a autora ainda acrescenta:

[...] Este é, indiscutivelmente, o momento do tradutor, como têm apontado teóricos e tradutores contemporâneos interessados não apenas em tornar explícita a inevitabilidade da interpretação e do viés inscritos em toda tradução mas, também, em reivindicar um corte mais do que necessário e oportuno com a tradição essencialista que apenas poucas vezes liberou a tarefa do tradutor de uma inferioridade incômoda e de uma transparência impossível. (ARROJO, 1996, p. 62).

Desse modo, a acusação de Evans (1991) se desarma a partir da observação de Arrojo, visto que, segundo ela, não há possibilidade de um tradutor não fazer inferências ou interpretações no momento de sua tradução. Harris realizou o trabalho de tradutor incluindo nele a sua interpretação de Saussure e, assim, criou termos que seriam, segundo ele, mais fáceis de compreender.

Portanto, houve por parte dos tradutores uma solução em relação à tripartição conceitual, todavia suas estratégias não foram suficientes para criar uma tradução aceitável pelos leitores linguistas de língua inglesa. Hoje, a solução criada pelos linguistas é variar entre utilizar os termos de uma tradução ou de outra – como Sanders observa -, ou fazer uso dos termos no próprio francês – como Harris propõe em seu livro.

Entretanto, essas duas últimas resoluções entram em outro tema bastante abordado por Venuti, sobre as questões presentes numa tradução estrangeirizadora, em que os tradutores usam todos os termos da língua para a qual o texto é traduzido, e

⁶⁷ Tradução nossa de: “[...] une solution brillant dont on peut penser qu’elle sera definitive”.

⁶⁸ Para Evans “interpretar” tem conotação negativa – se aproxima de “errar”.

numa tradução domesticadora, em que os tradutores utilizam os termos na língua original do texto. O autor começa sua discussão destacando que a tradução deve proporcionar uma fluência na leitura, notemos:

Uma tradução fluente é escrita em inglês corrente (“moderno”) em vez de arcaico, que é amplamente utilizado em vez de especializado (“jargonizador”), e que é o padrão em vez do coloquial (“cheio de gírias”). Palavras estrangeiras (“língua artificial”) são evitadas, como são os inglesismos em traduções americanas e os americanismos em traduções inglesas.⁶⁹ (VENUTI, [1995], 2002, p. 4)

Neste sentido, Venuti enfatiza que a tradução domesticadora é utilizada no intento de criar uma transparência; segundo o autor:

Na medida em que o efeito de transparência apaga o trabalho de tradução, isso contribui para a marginalidade cultural e exploração econômica que os tradutores de língua inglesa sofreram durante muito tempo, seu status tão raramente reconhecido, escritores mal pagos, cujo trabalho, no entanto, continua a ser indispensável por causa da dominação global cultura anglo-americana, do inglês. Atrás da invisibilidade do tradutor está um desequilíbrio comercial que subscreve esta dominação, mas também diminui o capital cultural de valores estrangeiros em Inglês, limitando o número de textos estrangeiros traduzidos e submetendo-os à revisão domesticadora. (VENUTI, [1995], 2002, p. 5)⁷⁰

Desse modo, os tradutores enfrentam diversas complicações no sentido de induzir que sua tradução seja domesticadora⁷¹ e, em consequência, apresente menos o seu trabalho. Porém, ao levarmos em consideração o que Arrojo declara sobre a fluência em traduções vemos que essa estratégia é, na verdade, impossível. Talvez numa tentativa de adquirir essa fluência na tradução, os tradutores do *CLG* em inglês apresentaram ambas as traduções de uma forma domesticadora, – ou seja, sem possuir correspondentes em inglês – e numa versão tida como mais adequada na língua inglesa.

Por isso, o termo *language* foi traduzido de formas diferentes por ambos os tradutores, fato que mostra a grande controvérsia entre as traduções. Contudo, no que

⁶⁹ Tradução nossa de: “A fluent translation is written in English that is current (“modern”) instead of archaic, that is widely used instead of specialized (“jargonization”), and that is standard instead of colloquial (“slangy”). Foreign words (“pidgin”) are avoided, as are Britishisms in American translations and Americanisms in British translations”.

⁷⁰ Tradução nossa de: “Insofar as the effect of transparency effaces the work of translation, it contributes to the cultural marginality and economic exploitation that English-language translators have long suffered, their status as seldom recognized, poorly paid writers whose work nonetheless remains indispensable because of the global domination of Anglo-American culture, of English. Behind the translator's invisibility is a trade imbalance that underwrites this domination, but also decreases the cultural capital of foreign values in English by limiting the number of foreign texts translated and submitting them to domesticating revision”.

⁷¹ A discussão sobre tradução domesticadora e estrangeirizadora é muito ampla, não aprofundaremos nela neste trabalho.

tange ao termo *language*, os autores das traduções enfrentam uma particularidade da língua observada por De Mauro, a saber:

O empréstimo de *language* ao francês antigo tem mais correntemente o valor de “idioma” do que de “atividade linguística” e isso pode ser claramente identificado como equivalente de *langue*. [...] as traduções de *langue* e *langage* são mais oscilantes, e foi adotado com sentidos e diversas fortunas os termos *speech* e *speaking*.⁷² (DE MAURO, [1967] 2005, p. 424).

Seguramente, o termo *language* é um termo que implica desafios à tradução. *Language* não pode ser utilizado para a tradução de ambos os termos *langue* e *langage*; ou seja, percebemos que os tradutores discordam quando se trata da utilização do termo *language*. O termo *speech*, segundo a observação de De Mauro, pode ter na tradução de Baskin essa característica múltipla de sentidos, no entanto, na segunda tradução do *CLG* Harris opta por utilizar o termo *speaking* para o termo fala de Saussure, o que também implica uma dificuldade com a multiplicidade de sentidos. Dessa forma, notamos que apesar de uma tradução diferir da outra as complicações entre os termos da tripartição conceitual enfrentam divergências que a própria língua inglesa possui; fato que coloca ambas as traduções numa situação difícil de resolver.

A partir das críticas que a tradução de Harris também recebeu, a grande maioria dos autores de textos saussurianos em inglês começou a utilizar os termos da tripartição conceitual saussuriana no original em francês⁷³. Deparamo-nos, assim, com uma tradução estrangeirizadora, a qual Venuti analisa:

A tradução estrangeirizadora é uma prática cultural dissidente, ela mantém a recusa do dominante através do desenvolvimento de afiliações com valores linguísticos e literários que são marginais em casa, incluindo culturas estrangeiras que foram excluídas por causa de sua própria resistência aos valores dominantes. Por um lado, a tradução estrangeirizadora promulga uma apropriação etnocêntrica do texto estrangeiro inserindo-o numa agenda política cultural nacional, como dissidência; por outro lado, é justamente essa postura dissidente que permite a tradução estrangeirizadora sinalizar a

⁷² Tradução nossa de : “l'emprunt à l'ancien français *language* a couramment la valeur d' « idiome » plutôt que celle d' « activité linguistique », et il a pu être nettement identifié comme équivalent de *langue*. [...] les traductions de *langue* et de *langage* sont plus oscillantes, et on a adopté avec des sens et des fortunes divers les termes *speech* et *speaking*”.

⁷³ É o caso da tradução do livro de Gadet (1989) traduzido para o inglês; do artigo de Normand traduzido e publicado no livro de Normand (2004); do livro do Harris (2001).

diferença linguística e cultural do texto estrangeiro e realizar um trabalho de restauração cultural⁷⁴ [...]. (VENUTI, [1995], 2002, p. 148).

Há, portanto, diversos autores que optam por utilizar uma tradução estrangeirizadora dos termos linguagem, língua e fala. Vemos que ambos os tradutores do *CLG* em inglês decidiram optar pela tradução domesticadora.

As opções dos tradutores foram inúmeras no que se refere à teoria de tradução, e o texto encontrado no *CLG*, ou seja, o texto original em francês mostra-se o alvo das dificuldades enfrentadas pelo tradutor, visto que apresentar as formulações de um autor, exatamente como o original, parece uma ideia impossível, como aponta Arrojo:

Se toda tradução “falha” ao tentar reproduzir a totalidade de seu “original”, é exatamente porque não existe essa totalidade como uma presença plasmada no texto e imune à leitura e à mudança de contexto, mesmo dentro do que chamamos de uma “única” língua, desestabilizando, assim, a concepção logocêntrica de origem e plenitude e, conseqüentemente, a crença na possibilidade de significados estáveis e independentes do jogo linguístico (ARROJO, 1993, p.75).

Realmente é difícil pensarmos que pode haver uma reprodução em inglês do *CLG*, que foi escrito em francês, uma vez que existe a questão de significados instáveis e da inexistência de correspondências perfeitas; ou seja, os termos linguagem, língua e fala não terão correspondentes em inglês e poderão “falhar” na reprodução de seu texto original. Sem a reprodução do original, devemos pensar em aceitar traduções que passem a ideia contida nele, de uma forma que elas nunca serão exatamente como o texto escrito por seu próprio autor em sua própria língua, mas que, pelo menos, se aproximarão das suas concepções e sem descaracterizá-las. Neste sentido, Arrojo discute:

[...] a reflexão sobre tradução abre mão do sonho da transferência intacta do “mesmo” de uma língua para outra, tão passionalmente perseguido pela metafísica do *logos*, e abre-se para a presença ubíqua do outro na (e da linguagem). (ARROJO, 1993, p. 77).

Não podemos esperar de uma tradução que ela retrate de forma exata o texto original. De acordo com Venuti “quanto mais precisamente a tradução adere as curvas e

⁷⁴ Tradução nossa de: “Foreignizing translation is a dissident cultural practice, maintaining a refusal of the dominant by developing affiliations with marginal linguistic and literary values at home, including foreign cultures that have been excluded because of their own resistance to dominant values. On the one hand, foreignizing translation enacts an ethnocentric appropriation of the foreign text by enlisting it in a domestic cultural political agenda, like dissidence; on the other hand, it is precisely this dissident stance that enables foreignizing translation to signal the linguistic and cultural difference of the foreign text and perform a work of cultural restoration [...]”.

figuras do original, mais estranho parecerá para seu leitor”⁷⁵ (VENUTI, 2000, p. 53); lembramos aqui o que o autor ressalta anteriormente ser imprescindível a fluência da tradução, e que essa não seria alcançada se houvesse uma insistência em reproduzir um texto original em outra língua, se todas as suas formas e nuances fossem aplicadas à tradução. Reafirmamos, portanto, as dificuldades quando tratamos da tradução da conceituação da terminologia saussuriana. E como sabemos, para que a fundação da linguística moderna acontecesse, era preciso que houvesse uma teoria diferente daquela vigente na época⁷⁶ e, com ela, também era preciso uma nova terminologia que abarcasse os conceitos daquela nova teoria.

Segundo Arrojo, existe uma “falha” em toda tradução e há, de fato, possíveis traduções para um mesmo texto, o que nos faz pensar que, na verdade, as duas controversas traduções do *CLG* são duas possíveis traduções da obra póstuma de Saussure. Vimos, anteriormente, que Baskin preferiu uma tradução mais conservadora, trabalhando com os mesmos três termos durante toda a tradução da obra de Saussure e se detendo ao uso dos artigos definidos e indefinidos assim como no texto original do *CLG*. Harris foi mais ousado, decidiu criar soluções para a primeira tradução e, portanto, optou por não ter uma terminologia tão rígida; assim, o autor foi ao longo do texto procurando novas formas de tratar a tripartição conceitual seguindo seu julgamento com uma tradução destinada a um leitor menos especialista.

Há tradutores que decidem pela utilização de uma tradução ou de outra, no entanto, observamos em vários artigos escritos em inglês que a grande preferência dos estudiosos de Saussure é utilizar linguagem, língua e fala na sua forma de origem em francês. Não há uma forma melhor de tratar os três termos saussurianos no inglês, mas notamos um trabalho maior dos autores, tradutores, comentadores, entre outros, que estão sempre preocupados em esclarecer os termos que vão utilizar em seu texto. É o caso dos prefácios do *CLG* que analisamos ao longo desta pesquisa, em que antes mesmo de começar sua obra, os responsáveis por ela apresentam em notas de tradutor sua escolha de como será apresentada a tripartição conceitual saussuriana.

Há, assim, três formas de trabalhar com os termos de linguagem, língua e fala, ou seja, ou utilizamos a tradução de Baskin, a de Harris, ou optamos pela tradução estrangeirizadora. Todavia, nos três casos é necessário que os três termos sejam

⁷⁵ Tradução nossa de: “for the more precisely the translation adheres to the turns and figures of the original, the more foreign it will seem to its reader”.

⁷⁶ Nesse caso a gramática comparada e os neogramáticos.

compreendidos na sua imprescindível distinção conceitual. Assim, o maior impasse encontrado é que as traduções não parecem apresentar uma forma no texto em que os três termos de Saussure fiquem distintos e delimitados como eles devem ser; dessa forma, enfrentamos uma questão maior em relação à teoria saussuriana que é a não compreensão dos termos linguagem, língua e fala.

Discorreremos no próximo capítulo a importância dos três termos na obra de Saussure e como eles se configuram como elementos chave da teoria do genebrino; além disso, mostramos como esses termos se apresentaram de forma complexa até mesmo no *CLG* em francês; e, ademais, trabalhamos com o que pode ser comprometido na compreensão da teoria saussuriana se essa tripartição conceitual for equivocadamente compreendida em função de uma tradução que não observa os limites conceituais entre os termos em questão.

CAPÍTULO 3. UM CLG COM E SEM LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA

3.1) Introdução

Os termos linguagem, língua e fala apresentam suma importância no trabalho de Saussure. Foi principalmente no terceiro curso de linguística geral e, consequentemente, na obra póstuma do genebrino - no início do século XX - que esses três termos foram definidos de forma que conseguíssemos notar neles limites que os distinguem e os delimitavam; a partir dessa distinção pudemos ter o objeto da linguística e, consequentemente, a fundação da linguística moderna.

Dessa forma, o capítulo III da primeira parte do *Curso de Linguística Geral* se torna imprescindível na edição desse livro e, assim, Culler assegura que “os capítulos II e III delinearão o papel de Ferdinand de Saussure no surgimento da Linguística moderna e sugeriram por que este é um episódio fascinante na história intelectual recente” (CULLER, 1979, p. 99), o que confirma a relevância em se compreender as definições de linguagem, língua e fala presentes no capítulo.

Vimos não ser este um trabalho fácil e Bouissac ratifica a opinião dos especialistas ao reiterar que “a tradução desse texto para qualquer língua é necessariamente problemática, por ele ser repleto de metalinguagem com redefinições e neologismos”. (BOUISSAC, 2012, p. 203).

Sabemos que os três termos de Saussure são lembrados como um dos grandes impasses da tradução dos conceitos saussurianos. De fato, os encontramos completamente diferentes nas duas traduções do *CLG* em inglês; e ainda pelo fato de os dois livros revelarem controvérsias entre si, uma vez que além das duas versões da tradução dos termos linguagem, língua e fala, há nas traduções o mesmo termo para traduzir diferentes termos do francês⁷⁷. Como vimos com Bouissac, a forma que Saussure trata seus conceitos no *CLG* gera uma dificuldade na compreensão do próprio livro original em francês e traduzi-los para outras línguas pode ser uma tarefa mais complicada, pois, segundo o autor:

[...] traduzir o livro de Saussure envolve uma grande dificuldade de como, por exemplo, proceder diante das distinções feitas por Saussure entre *langue*

⁷⁷ Ver no capítulo 2 que Baskin traduziu linguagem como *language*, enquanto Harris traduziu língua como *a/the language*.

e *parole*, *signifiant* e *signifié*. Se procurar por equivalentes diretos desses termos na língua-alvo, o tradutor estará perdido. (BOUISSAC, 2012, p. 203).

Consequentemente, para que as traduções desempenhem o seu papel, elas precisam, ao menos, garantir que essa tripartição conceitual – essencial à definição do objeto da linguística – se mantenha. Contudo, tendo como referência as críticas feitas a ambas as traduções do *CLG* em inglês, ao que tudo indica, para os leitores de Saussure em inglês esse papel não parece ser bem executado, o que sugere, assim, uma análise do papel que a tripartição conceitual possui no trabalho do genebrino.

Por isso visamos a uma análise de um *CLG* com linguagem, língua e fala, em busca de como esses conceitos foram tomando forma nos três cursos de Saussure e, a partir de sua repercussão no original em francês, tendo prestígio entre linguistas e estudiosos das ciências humanas. Para aprofundarmos mais na discussão do que poderíamos perder com a leitura dessas versões do livro de Saussure em inglês, investigamos as complicações com a tradução da tripartição conceitual apresentadas nessas versões; detemo-nos, assim, com o que chamamos de um *CLG* sem linguagem, língua e fala, ou seja, com a obra póstuma de Saussure em que os limites entre linguagem, língua e fala parecem não estar bem definidos.

3.2) Um CLG com linguagem, língua e fala

Trabalhamos, primeiramente, com o *CLG* dos cadernos dos alunos e, depois, com o *CLG* editado por Bally e Sechehaye, que apresentam as conceituações sendo definidas até chegar à forma com que elas começaram a fazer parte dos estudos da linguística moderna. Lembramos, primeiramente, que o termo língua já nos primeiros manuscritos do genebrino encontrava-se relacionado com os termos linguagem e fala, como por exemplo, na frase conhecida presente no manuscrito “Primeira Conferência de Genebra”: *Langue et langage ne sont qu’une même chose; l’un est la généralisation de l’autre* (SAUSSURE, Três Primeiras Conferências na Universidade de Genebra, f. 8).

Em segundo, nos manuscritos “Caractères du langage” há uma distinção entre linguagem e língua, e não somente de uma caracterização de linguagem, apesar de o autor apresentar sua intenção em discutir sobre os traços deste último termo, uma vez que o manuscrito começa com as palavras “características da linguagem” sublinhadas. Passados alguns anos desde a escrita desses manuscritos, em dezembro de 1906, Saussure assume a cadeira de Linguística Geral na Universidade de Genebra, antes

ocupada por Joseph Wertheimer. Foi então que os cursos de linguística geral - posteriormente editados por Bally e Sechehaye no livro *Curso de Linguística Geral* - começaram a tomar forma na Universidade de Genebra; além disso, foi nesse momento que a tripartição conceitual começou a ser delineada e, conseqüentemente, a distinção entre os três termos mais esclarecida.

Segundo Komatsu⁷⁸ (1996) – editor dos cadernos de alguns alunos de Saussure - os cursos de linguística geral foram ministrados durante cinco anos; o primeiro ocorreu entre 19 de janeiro e 31 de julho de 1907 e tinha seis alunos; o segundo teve início em 5 de novembro de 1908 e término em 24 de junho de 1909, com o total de 11 alunos; o terceiro começou em 28 de outubro de 1910 e terminou em julho de 1911, com o total de 14 alunos. Nesses cursos, Saussure foi delimitando vários conceitos e, conseqüentemente, é possível identificar com as notas dos cadernos dos alunos uma progressão da conceituação de linguagem, língua e fala que constituiu um *CLG* que possui os três termos delimitados e distintos entre si.

O primeiro curso de linguística geral, de acordo com Komatsu, foi “em grande parte a pesquisa pela qual ele [Saussure] foi amplamente conhecido desde a publicação do *Mémoire* em 1879”⁷⁹ (KOMATSU, 1996, p. viii). Porém, logo na primeira frase das notas de Riedlinger notamos que a definição de linguagem é uma das preocupações de Saussure, como segue:

Partindo de um princípio interno pode-se definir a linguística como: a ciência da língua ou das línguas. Mas uma questão surge imediatamente: o que é a linguagem? Agora, mesmo para um linguista que tem uma visão do conjunto da sua ciência é muito difícil determinar a natureza do fenômeno linguístico da língua.⁸⁰ (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, [1907], p. 1).

Há nesse primeiro momento um questionamento acerca do que define a linguagem, além do que o próprio autor revela como tarefa difícil “determinar a natureza do fenômeno linguístico da língua” (*op. cit.*). Apesar de afirmar sobre essa tarefa difícil, logo adiante, na página 23, Saussure define o que é a língua: “a língua é um sistema de signos: o que faz a língua é a relação estabelecida pelo espírito desses

⁷⁸ Também de acordo com o autor, depois da morte de Saussure em 1913, Bally e Sechehaye decidem editar esses três cursos ministrados pelo genebrino a partir das notas feitas por Riedlinger que participou do primeiro e segundo curso; como fonte de notas do terceiro curso Bally e Sechehaye utilizaram uma compilação das próprias notas de Sechehaye, baseadas nas notas de Dégallier, madame Sechehaye e Joseph, que participaram das aulas do terceiro curso.

⁷⁹ Tradução nossa de: “[...] largely reflect research for which he had been widely known since the publication of the *Mémoire* in 1879”.

⁸⁰ Tradução nossa de: “En partant d’un principe intérieur ou pourrait définir la linguistique : la science du langage ou des langues. Mais alors la question se pose immédiatement : qu’est-ce que le langage ? Or même pour un linguiste qui a une vue d’ensemble de sa science il est très difficile de déterminer la nature du phénomène linguistique de la langue”.

signos” (SAUSSURE, 1996, p. 23). Essa noção de signo é mais explicitada no terceiro curso, quando Saussure já considerava a língua como um sistema de signos, formulação que se mostra central no *CLG*.

Ao chegarmos à página 27 do caderno, Saussure faz alguns questionamentos sobre a linguagem e define o que será estudado nesse primeiro curso:

Há muito espaço para hesitação sobre um melhor plano. É mais vantajoso colocar algumas ideias gerais no final do curso, em vez de no início. É por isso que eu não desejo definir a natureza da linguagem. Isso por si só seria o assunto de um curso: seria preciso observar que a linguagem não é um objeto imediatamente classificável. [...] A fim de formar uma ideia da complexidade do assunto, temos que comparar as três principais concepções de linguagem que naturalmente se apresentam e que são insuficientes:

1. Ideia da língua como um organismo sem raiz, <sem meio> como de uma espécie <que tem sua própria vida>, crescente em si: esta é a língua tomada como uma abstração e transformada em uma entidade concreta. Ora a língua <existe apenas em seres concretos> e em coletividades; daí as outras concepções:
2. Consideremos a língua principalmente no indivíduo <Podemos ver na língua uma função natural (como a função natural de comer, por exemplo!), porque temos> um aparelho vocal especialmente destinado à fala <e> murmúrios naturais. Mas qual é essa função natural que pode ser exercida <depois de assumir a forma da sociedade>?
3. A terceira concepção também aproxima a linguagem do seu lado social, coletivo>. É a língua em vez da linguagem (que é a língua no indivíduo) é <uma instituição social. Essa concepção está mais próxima da verdade que as outras, mas é difícil citar outra instituição social comparável a ela: a língua é única como instituição, <como ela era única> como função; <não podemos por a linguagem no meio das coisas humanas>⁸¹ (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, [1907], p. 27).

Nesse excerto identificamos várias informações que posteriormente encontramos no *CLG*, todavia, no livro elas se apresentam com mais elementos (como será apresentado no terceiro curso). Aqui, temos as palavras instituição e coletividade que

⁸¹ Tradução nossa de: “On peut hésiter beaucoup sur meilleur plan. Il est plus profitable de placer certaines idées générales à la fin du cours plutôt qu’au commencement. C’est pourquoi nous ne voulons pas définir la nature du langage. Cela même ferait l’objet d’un cours : on aurait à remarquer que le langage n’est pas un objet immédiatement classable. [...] Pour se faire une idée de la complexité du sujet, il suffit de comparer les trois conceptions principales du langage qui se présentent naturellement et qui sont insuffisantes : 1. Idée de la langue comme d’un organisme sans racine, <sans milieu> comme d’une espèce <ayant sa vie> végétant en soi : c’est la langue prise comme abstraction et dont on fait un être concret. Or la langue <n’existe que dans les êtres concrets> et les collectivités ; de là les deux autres conceptions : 2. On considère la langue surtout dans l’individu. <On peut voir dans la langue une fonction naturelle (comme celle de manger par exemple !), parce que nous avons> un appareil vocal spécialement destiné à la parole, <et des> cris naturels. Mais quelle est cette fonction naturelle qui ne peut s’exercer <qu’après avoir pris la forme de la société ? [3.] Aussi la troisième conception prend le langage par le côté social, collectif>. C’est la langue plutôt que le langage (qui est la langue <chez l’> individu), il s’agit <d’une institution sociale>. Cette conception est plus près de la vérité que les autres, mais que l’on cite une autre institution sociale comparable à celle-là : la langue est unique comme institution , <comme elle était unique> comme fonction, <nous ne pouvons donc pas placer le langage au milieu des choses humaines>”.

caracterizam a língua e, conseqüentemente, uma parte da linguagem; porém, o termo fala não aparece nesse momento como parte da linguagem, ela sequer aparece nas definições de linguagem, no entanto a língua é caracterizada como “no indivíduo”, o que nos indica que há um indício do termo fala que é individual para Saussure. Logo após, o linguista demonstra que para estudar a linguística duas portas se abrem sobre a língua, são elas:

1. <lado estático> há o lado da língua em que cada um possui sua individualidade, no qual existe um senso imediato, o controle; é tudo o que compõe um estado de língua: nós falamos e, portanto, estamos em posição de julgar o que falamos. <podemos julgar uma questão gramatical> Assim, qualquer pessoa pode julgar se em ‘avoir chanté’ ‘avoir’ evoca uma ideia por si só, ou até que ponto <nós> fazemos conexões. 2. Tem o lado em que o instinto é inútil e de cuja existência muitas pessoas nem sequer suspeitam: todo o lado histórico da língua, tudo o que está no passado, <é necessariamente> fora do alcance do nosso senso linguístico imediato, e deve ser aprendido. Formamos na história da língua um link <numa cadeia>; vemos esse link mas não a cadeia.⁸² (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, [1907], p. 27).

Saussure aqui menciona duas partes da língua, a estática e a histórica, o que o fará chegar, posteriormente, à linguística sincrônica e diacrônica do *CLG*. Nesse momento, Saussure decide que seu objeto de estudo nesse primeiro curso será o lado histórico da língua, uma vez que para ele:

[...] será bom começar o estudo da língua pelo ponto de vista histórico, não que ele seja mais importante que <o estático, com o qual ele cria um tipo de antonímia> mas pelo fato de que ele <nos escapa num primeiro momento>, ele parece ser necessário para que completemos nosso conceito da língua⁸³. (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, [1907], p. 28).

Assim, Saussure continua o curso dando ênfase ao lado histórico da língua, entretanto, vez ou outra, notamos alguns momentos em que ele se volta para as definições de língua, como na página 65, em que diz o seguinte:

Tudo o que dizemos, devido às necessidades do discurso e por uma operação específica: é a fala.
Tudo o que está contido no cérebro do indivíduo, o depósito de formas <entendidos e> utilizados e do seu significado: <é> a língua.

⁸² Tradução nossa de : “<côté statique> il y a le côté de la langue où chacun est chez lui, dont il a le sens immédiat, le contrôle ; c’est tout ce qui compose un état de langue : nous parlons et donc nous sommes en état de juger ce que nous parlons. < On peut juger d’une question grammaticale.> Ainsi chacun peut juger si dans « avoir chanté » « avoir » évoque une idée à lui seul ; ou bien jusqu’à quel point faisons <nous> les liaisons. 2. Il y a le côté où l’instinct ne sert de rien et dont beaucoup n’ont même pas le soupçon : tout le côté historique de la langue, tout ce qui est dans le passé, <est forcé d’> échapper à notre sens linguistique immédiat, il faut l’apprendre”.

⁸³ Tradução nossa de : “[...] il sera bon de commencer l’étude de la langue par le pont de vue historique, non pas qu’il soit plus important que <le statique avec lequel il a une sorte d’antonimie> mais parce qu’il <nous échappe à première vue, il> paraît nécessaire de compléter par là notre concept de la langue”.

Dessas duas esferas a esfera da fala é a mais social, a outra é a mais completamente individual. A língua é o reservatório individual; tudo o que entra na língua, ou seja, na cabeça, é individual. Do lado interno (esfera língua) jamais há premeditação nem mesmo meditação, sobre as formas fora do ato, <da ocasião> da fala, exceto uma atividade inconsciente, quase passiva, em todo caso não criativa: a atividade de classificação.⁸⁴ (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, [1907], p. 65)

Observemos no texto uma grande ênfase em caracterizar o social e, principalmente, em criar uma das delimitações entre língua e fala. Contudo, aqui fala é social e língua é individual, conceitos que se modificam a partir do segundo curso.

O segundo curso de linguística geral, segundo Komatsu, possui uma estrutura diferente:

a estrutura do segundo curso é bem diferente da do primeiro e terceiro cursos [...] foi devotado à descrição concreta das línguas indo-europeias. Isso nos mostra, de alguma forma inesperada, que os cursos não foram primeiramente focados na teoria linguística, mas na descrição das línguas. (KOMATSU, 1996, p. vii).

Saussure inicia o segundo curso focalizando as características da língua, mais especificamente, a arbitrariedade presente na língua; assim, ele define: “A língua oferece os mais problemáticos contrastes e paradoxos para aqueles que querem compreendê-la de um lado para outro. Existe algo mais arbitrário que as palavras da língua?” (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, [1908-1909], p. 1).

Torna-se evidente, portanto, que as propriedades da língua são o ponto mais importante dessas primeiras aulas; sua preocupação aqui parece bem mais voltada à distinção entre linguagem, língua e fala. Logo adiante essa delimitação toma forma; vejamos:

Na língua sempre há um lado duplo que se corresponde. Ela é social
individual

Se considerarmos a esfera em que a língua vive, sempre haverá a língua individual e a língua social. <Formas, gramáticas só existem socialmente, mas as mudanças começam no indivíduo> ⁸⁵ (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, [1908-1909], p. 3)

⁸⁴ Tradução nossa de : “Tout ce qui est amené sur les lèvres par les besoins du discours et par une opération particulière : c’est la parole. Tout ce qui est dans le cerveau de l’individu, le dépôt des formes <entendus et> pratiquées et de leur sens : < c’est> la langue. De ces deux sphères la sphère parole est la plus sociale, l’autre est la plus complètement individuelle. La langue est le réservoir individuel ; tout ce qui entre dans la langue, c’est-à-dire dans la tête, est individuel. Du côté interne (sphère langue) il n’y a jamais préméditation ni même de méditation sur les formes, en dehors de l’acte <de l’occasion> de la parole, sauf une activité inconsciente, presque passive, en tous cas non créatrice : l’activité de classement”.

⁸⁵ Tradução nossa de : “Dans la langue, il y a toujours un double côté qui se correspond. Elle est sociale/individuelle. Si on considère donc la sphère où la langue vit, il y aura toujours la langue individuelle et la langue sociale. <Formes, grammaires n’existent que socialement, mais les changements partent d’un individu”.

Depois Saussure delimita linguagem e língua, a saber:

Ainda dentro da mesma dualidade, > se perguntarmos onde é o lugar mais verdadeiro, o mais essencial da língua, é necessário que façamos uma distinção entre: linguagem (= língua considerada no indivíduo; é somente uma capacidade, a faculdade, uma organização pronta para a fala; mas o indivíduo entregue a si mesmo nunca vai chegar na língua) e língua que é uma <coisa> eminentemente social; nenhum fato existe linguisticamente até que ele se torne um fato para todos, seja qual for seu ponto de partida⁸⁶. (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, [1908-1909], p. 3)

E, então, ele elabora a distinção entre língua e fala:

<Definição> Assim a língua é: um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o uso da faculdade da linguagem entre os indivíduos. A faculdade da linguagem é um fato distinto da língua, mas que não pode se exercer sem ela.

<Definição> Por fala designamos o ato do indivíduo de realizar sua faculdade por meio da convenção social que é a língua. Na fala há uma ideia <de> realização do que é permitido pela convenção social.⁸⁷ (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER, [1908-1909], p. 4)

Dessa forma, é no segundo curso que Saussure faz a delimitação da tripartição conceitual ‘linguagem, língua e fala’; aqui elas começam a se inter-relacionar, característica que as deixa interdependentes, como observamos em todo o *CLG* e como explica Joseph:

O primeiro curso considerou a díade *langue/langage* separadamente de *langue/parole*, deixando obscuro como eles se encaixavam. O segundo curso os une, definindo *parole* como ‘o ato de um indivíduo realizar sua faculdade [*langage*] a partir da convenção social que é a língua⁸⁸. (JOSEPH, 2012, p. 534).

Os conceitos de linguagem, língua e fala são prioritários na utilização do material do terceiro curso de linguística geral, mas simplesmente pelo fato de ser nesse

⁸⁶ Tradução nossa de: “Toujours dans la même dualité, > si on demande où est le siège le plus véritable, le plus essentiel de la langue, il faut faire la distinction entre: langage (= langue considérée dans l’individu; n’est qu’une puissance, faculté, l’organisation prête pour parler; mais l’individu laissé à lui-même n’arrivera jamais à la langue) et langue qui est une <chose> éminemment sociale; aucun fait n’existe linguistiquement qu’au moment où il est devenu le fait de tout le monde, quel que soit son point de départ”.

⁸⁷ Tradução nossa de: “<Definition.> Donc la langue est: un ensemble de conventions nécessaires adoptées par le corps social pour permettre l’usage de la faculté du langage chez les individus. La faculté du langage est un fait distinct de la langue mais qui ne peut s’exercer sans elle.<Definition.> Par la parole on désigne l’acte de l’individu réalisant sa faculté au moyen de la convention sociale qui est la langue. Dans la parole il y a une idée <de> réalisation de ce qui est permis par la convention sociale”.

⁸⁸ Tradução nossa de: “The first course considered the dyad *langue/langage* separately from *langue/parole*, leaving it unclear how the two fit together. The second course unites them, defining *parole* as ‘the act of an individual realizing his faculty [*langage*] by means of the social convention that is the language [*langue*]”.

curso o momento em que Saussure de fato elaborou uma delimitação e conceituação entre os termos de sua tripartição conceitual. O terceiro curso de linguística geral foi de acordo com Joseph:

O conteúdo do terceiro curso era mais sincronicamente orientado que o conteúdo dos dois cursos anteriores [...] ele [Saussure] presume que cada um dos campos acertadamente reivindica certos aspectos da língua por eles mesmos e tenta delimitar o que ficou para trás como o legítimo espaço de um linguista ou gramático.⁸⁹ (JOSEPH, 2012, p. 567)

Nesse contexto, Saussure critica as definições dadas ao “espaço de um linguista”; ele afirma que “um dos objetivos da linguística é definir a si mesma, reconhecer o que pertence ao seu domínio. Nesses casos ela se baseia na psicologia, ela irá indiretamente, permanecer independente”. (SAUSSURE *apud* CONSTANTIN, [1910-1911], p. 4).

O genebrino discorre sobre vários assuntos até chegar à segunda parte do curso que tem como título no caderno de Constantin: *La langue*. Segundo Joseph “ele [Saussure] refere-se à ‘Segunda parte: *la langue*’ e começa pelo capítulo 1 em vez de continuar a numeração do semestre anterior. Em 19 de maio ele se referia às aulas desse semestre como o ‘curso sobre *la langue*’⁹⁰ (JOSEPH, 2012, p. 575).

Identificamos, então, que definir a língua para Saussure tinha tanta importância que precisaria de um curso inteiro sobre esse assunto para as suas aulas de linguística geral. Assim como ele havia afirmado no começo do primeiro curso, falar sobre as questões da linguagem e da língua necessitaria de um outro momento para que o tema fosse bem explicado e é, portanto, o momento do terceiro curso de linguística geral.

Primeiramente, Saussure começa distinguindo linguagem de língua:

A faculdade de linguagem <será dito> nos aparece como uma faculdade que nos é dada pela natureza, onde a língua é, ao contrário, algo que é adquirido e convencional. Ela não pode preceder sobre um fenômeno natural, ou de instintos naturais.⁹¹ (SAUSSURE *apud* CONSTANTIN, [1910-1911], p. 66).

⁸⁹ Tradução nossa de: “the contents of the third course are more synchronically oriented than its two predecessors. [...] he assumes that each of these fields rightly claims certain aspects of language as its own, and tries to delimit what is left as the legitimate space for the linguist or grammarian.”.

⁹⁰ Tradução nossa de: “He headed it ‘Second part: *la langue*’, and started it from Chapter 1 rather than numbering continuously from the previous semester. On 19 May he would refer to this semester’s lectures as the course on *la langue*”.

⁹¹ Tradução nossa de: “La faculté de langage, (dirá-t-on) nous apparaît comme une faculté que nous tenons de la nature, la langue est au contraire une chose acquise et conventionnelle. Ce n’est pas elle qui peut avoir le pas sur les phénomènes naturels, les instincts naturels”.

Após a delimitação de linguagem e língua, Saussure examina onde a língua aparece exatamente no circuito da fala, e é essa a primeira vez em que fica clara a distinção entre língua e fala:

Neste ponto torna-se claro que *langue* é social, *fala* é individual – e essa perspectiva, o oposto do que ele havia ensinado no primeiro curso, é o que seria consagrado na publicação do *Curso de Linguística Geral*. (JOSEPH, 2012, p. 576)

Assim, em resumo, linguagem, língua e fala aparecem em todos os cursos de linguística geral. No primeiro curso, mesmo ao Saussure propor falar sobre a parte histórica da língua, ele recorre a alguns elementos da linguagem e da língua para justificar sua escolha. Entretanto, no primeiro curso a caracterização social/individual ainda aparece de forma diferente de como a encontramos no terceiro curso. No segundo curso, por sua vez, Saussure se dedica a delimitar a linguagem, a língua e a fala, relacionando a conceituação dos três termos, explicando as características de cada um e associando-as às características de outro termo. No terceiro curso, há uma grande semelhança com o capítulo III da primeira parte do curso de linguística geral; a distinção entre a tripartição conceitual é explicada mais aprofundadamente e língua e fala são distinguidas.

A partir dos cadernos dos alunos confirmamos que a conceituação da tripartição de Saussure foi discutida por ele em todos os cursos ministrados em Genebra; com as notas de alguns alunos o *CLG* foi editado e ao chegar às mãos dos linguistas, tornou-se um marco na história das ciências humanas.

De acordo com Hjelmslev, nas aulas do terceiro curso de linguística geral, a “tese primordial” para Saussure é a distinção entre língua e fala; vejamos com De Mauro:

Segundo Hjelmslev esta distinção (entre língua e fala) é a tese principal do CLG. Isso é provavelmente verdadeiro no sentido cronológico: desde Leipzig e da viagem à Lituânia, Saussure percebeu a distinção entre causa relacional de entidades linguísticas e causa fisiológica [...] A publicação das discussões com Riedlinger (SM 30) confirma que, para Saussure, em 1911, a distinção é, na verdade, a “primeira verdade” de seu sistema de linguística geral⁹² [...] (DE MAURO, [1967] 2005, p. 420)

⁹² Tradução nossa de: “Selon Hjelmslev cette distinction est la « thèse primordiale » du C.L.G. Ceci est probablement vrai au sens chronologique : dès les années de Leipzig et du voyage en Lituanie, Saussure a perçu la distinction entre considération relationnelle des entités linguistiques et considération physiologique [...] La publication des discussions avec Riedlinger (S.M. 30) confirme que pour Saussure, en 1911, la distinction est effectivement la « première vérité » de son système linguistique générale”.

Nas palavras de Normand “[...] renunciar à demarcação língua/fala e àquela que lhe está ligada, língua/linguagem, seria renunciar ao princípio de pertinência que permitiu o começo da linguística moderna”. (NORMAND, 2009, p. 131).

É notório que a tripartição conceitual saussuriana tem peso significativo na compreensão do *CLG*; ainda, segundo Normand: “é necessário distinguir o termo *linguagem* que recobre sempre alguma dualidade nocional (pensamento/som, social/individual) e se presta a uma multiplicidade de pontos de vista (psicológico, antropológico, etc.)” (NORMAND, 2009, p. 49). Desse modo, segundo a autora, uma vez que Saussure faz essa distinção ele afirma a necessidade de “se colocar, a princípio, sobre o terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE *apud* NORMAND, 2009, p. 50). Além disso, acompanhada a distinção língua/linguagem temos a delimitação língua-fala:

O termo *língua* designa, pois, um conjunto de elementos que só pode ser estudado em sincronia; mas é seu modo de funcionamento que interessa ao linguista-gramático e só pode ser apreendido por uma atitude de abstração: diante das produções concretas dos locutores, deve-se criar a hipótese de um sistema unitário de referência que permite produzir esses enunciados. Para compreender que há a fala, deve-se colocar a existência abstrata da língua, “sistema gramatical existente virtualmente em cada cérebro” (30) (NORMAND, 2009, p. 57).

Admitimos em todo este percurso de análise que há uma teia de conceitos que abrange esses três termos, uma vez que Saussure os conceitua incessantemente, talvez por saber da complexa definição de linguagem, língua e fala, que demonstram uma completa ligação entre cada um dos termos que os compõem.

Sanders também discute o quanto a distinção *langue/langage* é importante para Saussure, a saber: “a língua, essa palavra no singular, como justificá-la? Disso entendemos uma generalização, que será verdadeira para qualquer língua determinada, sem ter que especificar. Não se deve acreditar que esse termo geral língua equivalha à linguagem⁹³”. (SAUSSURE *apud* SANDERS, 2000, p. 352).

Apesar dos esforços de Saussure, linguagem, língua e fala ainda foram motivo de complicações na interpretação da teoria saussuriana, pois, como expõe Normand, “as escolhas metafóricas de Saussure nos esclarece sobre as dificuldades do objeto língua e

⁹³ Tradução nossa de : “La langue, ce mot au singulier, comment se justifie-t-il ? Nous entendons par là une généralisation, ce qui se trouvera vrai pour toute langue déterminée, sans être obligé de préciser. Il ne faut pas croire que ce terme général la langue équivaudra à langage”.

sobre o que poderíamos chamar de um “estilo” de pensamento de trabalho”⁹⁴ (NORMAND *apud* IVANOVA, 2000, p. 181), fato que confirma a difícil terminologia saussuriana, visto que sua teoria foi explicada por meio de metáforas e analogias, como as seguintes:

Língua é uma massa indistinta na qual só a atenção e o hábito nos podem fazer encontrar os elementos particulares (SAUSSURE, [1916], p. 120)
Nosso pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta (*Ibidem*, p. 130)

Essa forma diferente de tratar a língua é, na verdade, uma característica de Saussure e, conseqüentemente, da fundação da linguística moderna. Benveniste, por exemplo, destaca que “no que pertence à língua ele pressiona certas propriedades que não são encontradas em nenhum outro lugar. Aquilo que a ela comparamos, a língua aparece sempre como algo diferente”⁹⁵ (BENVENISTE, 1963, p. 8). Talvez seja por essa característica aplicada ao termo língua que a conceituação de Saussure toma essa configuração complexa; o novo objeto presente em suas milhares de folhas manuscritas, em seus cursos e em seu livro póstumo, apresenta algo tão diferente que é de difícil compreensão.

O novo em Saussure, segundo Normand, “está na teoria da língua como *sistema de valores*, isto é, de *diferenças*, o que poucos de seus contemporâneos haviam visto e que, na França dos anos 1970, não era muito salientado nos comentários correntes” (NORMAND, 2012, p. 98). É evidente, portanto, que por essa nova característica inserida nos estudos das ciências humanas, o objeto língua fosse difícil de compreender a partir de sua própria conceituação.

No entanto, a recepção comprometedora dos termos linguagem, língua e fala de Saussure não acontece somente para quem lê os textos em francês. Há uma infinidade de interpretações da tripartição conceitual ligada às traduções desses termos em outras línguas; dessa forma, concordamos com Ivanova quando ela identifica que “o problema da terminologia saussuriana existe no texto original em francês, o que torna ainda mais complexa sua tradução” (IVANOVA, 2000, p. 182).

Assim, ressaltamos que mesmo num *CLG* com linguagem, língua e fala, ou seja, aquele em que os linguistas tiveram acesso à tripartição conceitual no francês, houve

⁹⁴ Tradução nossa de: “les choix métaphoriques de Saussure nous éclairent sur les difficultés à l'objet langue et sur ce que l'on peut appeler un "style" de travail de pensée”.

⁹⁵ Tradução nossa de: “Dans ce qui appartient à la langue il pressent certaines propriétés qu'on ne retrouve nulle part ailleurs. A quoi qu'on la compare, la langue apparaît toujours comme quelque chose de différent.”

impasses na compreensão da tripartição conceitual. Nas traduções as complicações ainda eram maiores pelas dualidades presentes nos três termos - como apresentados no capítulo anterior. Vejamos como ficam as conceituações de Saussure e o que pode ser comprometido se a tradução não observar os limites conceituais entre linguagem, língua e fala.

3.3) Um CLG sem linguagem, língua e fala

Vimos, até então, que linguagem, língua e fala são consagrados como termos essenciais na obra saussuriana. O trabalho do genebrino para distinguir os três termos demonstrou a complexidade da relação e conceituação desses termos. Imaginemos que não possamos distingui-los e que a inter-relação entre os termos fique em xeque por falta dessa distinção. Deste modo, a seguir, veremos como é um *CLG* que não observa esses limites.

Notemos o capítulo III da primeira parte do *CLG* intitulado “Objeto da Linguística”. Nele, Saussure define o objeto que é ao mesmo tempo integral e concreto da linguística, ou seja, a língua. Uma das maiores características do capítulo é que cada termo da tripartição foi conceituado a partir da comparação com outro termo, como mostram os seguintes fragmentos:

Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem [...] (SAUSSURE, [1916], p. 17)
[...] poder-se-ia dizer que não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua (*Ibidem*, p. 18)
A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente (*Ibidem*, p. 22)

As definições de cada um desses três termos os deixa dependentes da definição de outro termo, isto é, se não compreendermos o que é língua, a partir do momento em que fala será caracterizada em oposição à língua não entenderemos também o conceito de fala. O mesmo acontece com o termo linguagem, que igualmente aparece interligado ao conceito de língua.

Essas inter-relações comprovam a necessidade de compreensão de cada um dos termos da tripartição conceitual, além de mostrar, no caso das traduções do *CLG* para o inglês as dificuldades em distinguir os termos linguagem e língua. Vejamos na tabela

abaixo como se apresentam as traduções de trechos em que há pelo menos dois termos da tripartição conceitual:

Tabela 3 – Traduções de linguagem, língua e fala de acordo com Saussure (1959, 1983)

Original em Francês	Baskin	Harris
Mais qu'est-ce que la langue? [...] c'est à la fois un produit social de la faculté du langage. (p. 25)	But what is language [langue]? It is not to be confused with human speech [langage]. (p. 9)	What, then is linguistic structure? It is not, in our opinion, simply the same thing as language. (p. 9)
On pourrait dire que c'est ne pas le langage parlé qui est naturel à l'homme, mais la faculté de constituer une langue. (p. 26)	We can say that what is natural to mankind is not oral speech but the faculty of constructing a language. (p. 10)	One may say that it is not spoken language which is natural to man, but the faculty of constructing a language. (p. 10)
La langue, distincte de la parole, est un objet qu'on peut étudier séparément. (p. 31)	Language, unlike speaking, is something that we can study separately. (p. 15)	A language system, as distinct from speech, is an object that may be studied independently. (p. 14)

Todas as três citações constam do terceiro capítulo da introdução do *CLG*, em que a distinção entre os termos língua e fala é feita configurando-se como um ponto estratégico na obra de Saussure; como aponta Normand:

Ao lermos o capítulo III (“Objeto da linguística”) da Introdução do *CLG*, observamos que a distinção entre *língua* e *fala* apresenta propósitos bem definidos: 1) o de mostrar sua intenção de fundar a ciência da linguagem; 2) o de enfatizar a necessidade de definição de um objeto único e classificável para essa ciência; 3) o de defender sua tese de que esse objeto é criado a partir de um ponto de vista; 4) o de demonstrar, apoiado em vários argumentos, que esse objeto só pode ser a *língua* como é por ele entendida. (NORMAND, 2012, p. 10)

Há quatro pontos chave a serem analisados nesse capítulo do *CLG*, contudo, nos excertos da tabela anterior há pelo menos dois dos termos da tripartição conceitual em cada trecho, o que pode comprometer a compreensão desses propósitos os quais Normand destaca. Já vimos que os termos linguagem, língua e fala não se coincidem de uma tradução para a outra, ademais esses três termos ainda são oscilantes na tradução de

Harris, pois, como anotado no capítulo anterior, o tradutor decide utilizar diferentes termos para *langue*.

Examinemos outros trechos presentes nesse e em outros capítulos do livro fundador da linguística moderna em que há, numa mesma frase, pelo menos dois dos termos da tripartição conceitual saussuriana, como segue a tabela:

Tabela 4 – Traduções de linguagem, língua e fala de acordo com Saussure (1959, 1983)

Original em Francês	Baskin	Harris
En séparant la langue de la parole, on sépare du même coup: 1° ce qui est social [...] (p. 30)	In separating language from speaking we are at the same time separating: (1) what is social [...] (p. 14)	By distinguishing between the language itself and speech, we distinguish at the same time: (1) what is social [...] (p. 13)
La langue n'est pas moins que la parole un objet de nature concrète. (p. 32)	Language is concrete, no less than speaking; and this is a help in our study. (p. 15)	Linguistic structure is no less real than speech, and no less amenable to study. (p. 15)
L'étude du langage comporte donc deux parties: l'une, essentielle, a pour objet la langue, qui est sociale [...]; l'autre, secondaire, a pour objet la partie individuelle du langage, c'est-à-dire la parole y compris la phonation [...] (p. 37)	The study of speech is then twofold: its basic part – having as its object language, which is purely social [...]; its secondary part – which has as its object the individual side of speech, i.e. speaking, including phonation [...] (p. 18)	The study of language this comprises two parts. The essential part takes for its object the language itself, which is social [...]. The subsidiary part takes as its object of study the individual part of language, which means speech, including phonation. (p. 19)
La langue est pour nous le langage moins la parole. (p. 112)	Language is speech less speaking. (p. 77)	Linguistic structure we take to be language minus speech. (p. 77)

Há no quadro várias diferenças entre as duas traduções do *CLG*; nessa última frase do quadro, por exemplo, não há correspondência entre nenhuma das palavras presentes na frase.

Ainda, de acordo com Normand,

As relações entre *língua* e *fala* também permitiram a Ferdinand de Saussure se ocupar da relação entre o campo da linguística e o da exterioridade. No

capítulo IV da Introdução do CLG, “Linguística da língua e linguística da fala”, Saussure afirma que “Com outorgar à ciência da língua seu verdadeiro lugar no conjunto do estudo da linguagem, situamos ao mesmo tempo toda a Linguística” (CLG, p. 26). E continua: “Todos os outros elementos da primeira ciência e é graças a tal subordinação que todas as partes da Linguística encontram seu lugar natural” (CLG, p. 26). Para ele, “[...] a língua pode ser comparada a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade” (CLG, p. 26). (NORMAND, 2012, p. 11)

Notamos que Saussure continua a definir a língua mesmo após o capítulo III da introdução, assim, no capítulo IV, abordado por Normand, há novamente o uso dos termos da tripartição conceitual para delimitar novas formulações da teoria saussuriana. Notemos como ficam os dois primeiros trechos do *CLG*, citados por Normand, nas traduções da obra em inglês:

Tabela 5 – Traduções de linguagem, língua e fala de acordo com Saussure (1959, 1983)

Original em Francês	Baskin	Harris
En accordant à la science de la langue sa vraie place dans l'ensemble de l'étude du langage, nous avons du même coup situé la linguistique tout entière. (p. 36)	In setting up the science of language within the overall study of speech, I have also outlined the whole of linguistics. (p. 17)	In allocating to a science of linguistic structure its essential role within the study of language in general, we have at the same time mapped out linguistics in its entirety. (p. 18)
Tous les autres éléments du langage, qui constituent la parole, viennent d'eux-mêmes se subordonner à cette première science, et c'est grâce à cette subordination que toutes les parties de la linguistique trouvent leur place naturelle. (p. 36)	All other elements of speech - those that constitute speaking - freely subordinate themselves to the first science, and it is by virtue of this subordination that the parts of linguistics find their natural place. (p. 18)	The other elements of language, which go to make up speech, are automatically subordinated to this first science. In this way all the parts of linguistics fall into their proper place. (p. 18)

No quadro, observamos que Harris, ao contrário da sugestão dada no prefácio de sua tradução – utilizar os artigos *a* e *the* antes da palavra *language* para fazer uma distinção entre *langue* e *langage* – na verdade, faz uso do termo *linguistic structure*. Para referir-se à *langage* ele cria uma nova forma de tratar o termo *language*, e, mais uma vez, de uma forma explicativa, isto é, em vez de simplesmente fazer uso do termo

language como ele utiliza em outros trechos da obra ele traduz como *language in general*.

Passemos agora para a análise do conceito de signo linguístico, que faz uso da compreensão da distinção entre os termos linguagem e língua em sua conceituação. Saussure o apresenta da seguinte forma:

Ao passo que a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: é um sistema de signos em que o essencial é a união do sentido e da imagem acústica e em que as duas partes do signo são igualmente psíquicas [...] A língua é um sistema de signos que exprimem ideias [...] Os signos linguísticos, por serem psíquicos, não são abstrações [...] (32) (SAUSSURE *apud* NORMAND, 2009, p. 62).

A conceituação de signo linguístico recolhe os conceitos de língua e linguagem para ser compreendida, pois como constata Normand “é logo após o trabalho de ajustar a posição da *língua* em relação à *linguagem* e à *fala* que se introduz o termo *signo*” (NORMAND, 2009, p. 61). Desse modo, ao termos uma compreensão falha das definições de linguagem, língua e fala, comprometemos também a definição de signo linguístico.

Além disso, a noção de signo recolhe a ideia da combinação entre significante e significado que serão, no *CLG*, comparados a uma folha de papel, como a seguir, e percebemos neste ponto também um comprometimento dessa conceituação. Observemos:

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é a frente e o som é o verso; na língua não se pode isolar nem o som do pensamento, nem o pensamento do som; isso só seria possível por uma abstração cujo resultado seria fazer a psicologia pura ou a fonologia pura. (SAUSSURE, [1916], p.131).

Uma das conceituações fundamentais do *CLG* está naquilo que fez Saussure se tornar um marco nos estudos linguísticos, ou seja, a definição de sistema. Ele afirma que “a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, [1916], p. 31). A língua, mais uma vez, tem uma definição, e aqui ela tem a característica de sistema. Essa conceituação aparece logo depois dessa afirmação de Saussure no *CLG*, e novamente exige do leitor que o conceito de língua seja compreendido e, principalmente, diferenciado do conceito de linguagem e de fala.

A *parole*, por sua vez, foi utilizada por Saussure para fazer reflexões sobre a conceituação de língua, como podemos ver:

Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental. (SAUSSURE, [1916], p. 22)

A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta (*Ibidem*, p. 23)

Nesses exemplos é possível notar, novamente, essa inter-relação entre os termos. No *CLG* é menos frequente a conceituação de *fala* que de *língua*, mas aquele também se mostra essencial para a tripartição conceitual. Desse modo, não compreender *parole* em Saussure provoca uma complicação na distinção entre língua e fala, além de criar difíceis comparações entre o que é individual e o que é social.

Ressaltamos também o fato dos termos língua e fala apresentarem uma complementaridade entre si, como verifica Gordon:

[...] langue / parole, definidos um em relação ao outro e ao termo abrangente langage, ilustram que as complementaridades saussurianas são necessariamente autotranscendentes. Tomados isoladamente, os termos langue/parole constituem os elementos de uma abreviação convenientemente analítica para o linguista; tomados em conjunto, eles constituem o funcionamento interativo de elementos como um sistema em estado e língua virtuais como amostras do sistema em uso para fins de comunicação.⁹⁶ (GORDON, 2004, p. 78)

Dessa forma, reafirmamos que é necessário entender tanto o conceito de língua quanto o conceito de fala, pois ambos se completam em suas definições e também por termos comparações, como essa acima, em que há a utilização de um termo para delimitar o outro, isto é, ao considerarmos somente um deles, podemos comprometer a compreensão do outro. Essa inter-relação entre o conceito de fala com os outros dois termos da tripartição conceitual saussuriana faz com que ela seja também um elemento chave da distinção entre os três.

Consideramos, desse modo, que é necessário fazer a distinção entre linguagem, língua e fala, pois, como notamos, o capítulo do *CLG* que trata sobre o objeto da linguística é exemplo de que os três termos necessitam serem bem delimitados. Contudo, na tradução do *CLG* em inglês notamos que essa distinção pode ser comprometida pela escolha de termos dos seus tradutores, o que pode acarretar a incompreensão de toda a obra de Saussure. Visto que esses três termos são parte do eixo

⁹⁶Tradução nossa de: “[...] langue/parole, defined in relation to each other and to the overarching term langage, illustrate that the Saussurean complementarities are necessarily self-transcending. Taken separately, the terms langue/parole constitute the elements of a convenient analytical shorthand for the linguist; taken together, they constitute the interactive functioning of elements as a system in virtual state and language as samples of the system in use for purposes of communication”.

central da elaboração saussuriana e que eles são essenciais para a definição da língua como sistema, ter uma tradução que não desempenhe, principalmente, o papel da distinção entre os termos, acarreta uma série de dificuldades na compreensão da teoria saussuriana. Elencamos exemplos desse tipo de complicação no capítulo 2, em que os linguistas ou estudiosos de Saussure procuram soluções para a tradução do *CLG* em inglês para que, sobretudo, a tripartição conceitual seja compreendida.

Notamos, por exemplo, que há no *CLG* uma caracterização da linguagem e dos seus dois lados – o individual e o social –, todavia, o que parece mais importante para Saussure é demarcar o que acaba se tornando imprescindível nos estudos da linguagem, o que se tornou o objeto integral e concreto da linguística, isto é, a língua. Neste aspecto, Normand examina:

O grande problema que ocupou a mente de Saussure, como visto em vários de seus documentos ao longo dos dez anos antes do seu empreendimento em linguística geral, foi esclarecer a natureza do que ele chamou *langue* em oposição a *langage* e *parole*.⁹⁷ (NORMAND, 2004, p. 89)

Esse trabalho de delimitação também é encontrado nos manuscritos saussurianos. A dificuldade encontrada pelo autor é apresentada ao longo de várias páginas que ele escreveu sobre linguística – exibidas aqui em três manuscritos – como ressaltamos em nosso primeiro capítulo ao considerarmos seus rascunhos e reescritas. Além disso, como vimos, o conceito de linguagem, língua e fala é necessário para a conceituação de outros termos posteriores à discussão deles. Assim como esclarecido por Normand, “a teoria de Saussure consiste em um conjunto de conceitos articulados que devem ser revelados um após o outro, embora sejam interdependentes. Primeiro alguns pontos gerais serão feitos, e depois a sincronia será abordada”⁹⁸. (NORMAND, 2006, p. 91).

Com Normand, esclarecemos que os conceitos ao longo do *CLG* aparecem no livro um após o outro, mas não deixam de ser interdependentes, logo, uma discussão sobre sincronia e diacronia é levantada, partindo do princípio de que os conceitos anteriores foram compreendidos. Contudo, ao analisarmos as duas versões do *CLG* na língua inglesa registramos outro fato controverso: há, novamente, complicações

⁹⁷ Tradução nossa de: “The major problem which occupied Saussure’s mind, as seen in his various papers throughout the ten years before his enterprise in general linguistics, was to clarify the nature of what he called *langue* as opposed to *langage* and *parole*”.

⁹⁸ Tradução nossa de: “Saussure’s theory consists of a set of dovetailed concepts which have to be unfolded one after the other, though they are interdependent. First, some general points will be made, and then synchrony will be addressed”.

relacionadas à tradução da terminologia saussuriana; o termo *língua* encontra-se mais uma vez abordado de forma diferente na tradução de Harris. Atentemo-nos ao quadro:

Tabela 6 – Traduções de *língua* e estado de *língua* de acordo com Saussure (1959, 1983)

Original em Francês	Baskin	Harris
Ainsi, dans un état de langue, tout repose sur des rapports. (p. 170)	In a language-state everything is based on relations. (p. 122)	In a linguistic state, then, everything depends on relations. (p. 121)
Ils correspondent à deux formes de notre activité mentale, toutes deux indispensables à la vie de la langue. (p.170)	They correspond to two forms of our mental activity, both indispensable to the life of language. (p. 123)	They correspond to two different forms of mental activity, both indispensable to the workings of a language. (p. 121)

Observamos que na tradução de Baskin encontramos *langue* como *language* como havíamos identificado em outros trechos, ou seja, o tradutor não muda seu termo; todavia, na tradução de Harris encontramos a expressão *état de langue* traduzido também de uma forma que modifica o termo, ou seja, *linguistic state*.

Voltemos a atenção para a primeira frase traduzida para o inglês de Harris “In a linguistic state, then, everything depends on relations”; há a expressão *état de langue* traduzido como *linguistic state*, isto é, estado linguístico, termo esse que pode comprometer a compreensão do referente que “depende das relações”; seria o estado linguístico ou o estado da língua?

Na segunda frase traduzida por Harris temos o seguinte: “They correspond to two different forms of mental activity, both indispensable to the workings of a language”. Essa frase representa uma complicação de tradução antes discutida, que é o fato da defesa de Harris em utilizar os artigos indefinido e definido do inglês para diferenciar *língua* de *linguagem*; entretanto, nesse momento o termo *língua* em francês está precedido de um artigo definido *la* do francês, enquanto a tradução utiliza o artigo indefinido *a* do inglês. Lembramos que, segundo Normand, essa distinção em francês em que há o uso do artigo definido *la* é uma forma de Saussure nomear uma entidade

distinta da faculdade geral que é a linguagem. Desse modo, a distinção precisa do genebrino perde uma característica importante na tradução de Harris nessas linhas em que Saussure aborda questões sobre a sincronia.

A segunda versão do livro para o inglês apresenta uma tradução da terminologia saussuriana bastante oscilante, pois, como vemos, o termo *língua* foi traduzido para cinco diferentes termos, são eles: *linguistic state*, *the language*, *a language*, *linguistic structure*, *language system*. Nesse momento do *CLG* em que o objetivo é falar sobre as relações sintagmáticas e associativas, há um problema relacionado à primeira frase “In a linguistic state, then, everything depends on relations”. Aqui, a teoria saussuriana encontra-se avançada na conceituação de *língua*, e o termo (no caso *linguistic state*) aparece pela primeira vez no livro, podendo acarretar mais um impasse teórico na tradução. Dessa forma, pode haver complicações no entendimento de um momento importante da obra saussuriana, como aponta De Mauro: “No desenvolvimento do capítulo, Saussure retoma as referências [...] da capacidade de “articular” a substância fônica e significativa, capacidade que é a base da linguagem”⁹⁹ (DE MAURO, 1967, p. 467).

Assim, o *CLG* em inglês começa com os termos da tripartição conceitual saussuriana de forma complicada no terceiro capítulo da primeira parte e, ao chegar à segunda parte do livro, em que há definições importantes para a abordagem da sincronia da *língua*, encontramos esse tipo de dificuldade (como o mencionado acima) em relação ao termo *língua*. Novamente, o texto fica com a compreensão comprometida, a terminologia incerta pode dificultar mais definições linguísticas a serem desenvolvidas.

No capítulo do valor linguístico da segunda parte, a definição de linguagem, *língua* e fala também é de suma importância para o desenvolvimento da teoria do valor. Como descrito por Silveira (2009), no capítulo do “Valor Linguístico” há uma busca de respostas sobre a natureza da *língua* e, assim, o capítulo se estrutura da seguinte forma:

No *Curso de Linguística Geral* encontramos o capítulo sobre a Teoria do Valor com a seguinte ordem: na primeira parte, é apresentada a teoria da *língua* enquanto sistema, na segunda parte a natureza do significado a partir da teoria do valor e, na terceira parte, temos a exposição do significante submetido ao sistema de *língua* e, na última parte, nos é apresentado o signo na sua totalidade funcionando a partir de relações puramente diferenciais constituindo o sistema da *língua*. (SILVEIRA, 2009, p. 48).

⁹⁹ Tradução nossa de: “Dans le développement du chapitre, Saussure reprend les mentions [...] de la capacité d' « articuler » la substance phonique et significative, capacité que est à la base du langage”.

Vale ressaltar que para a teoria do valor ser compreendida, o conceito de língua e sua delimitação a partir de linguagem e fala também devem ser entendidos. É nesse momento que a definição da natureza do objeto “língua” fica mais evidente na obra de Saussure:

A noção de sistema, ou a teoria do valor, elaborada por Saussure e presente no *Curso de Linguística Geral* segue o curso de reflexões sobre a língua procurando saber como é a organização/sistema/ estrutura da língua mas, pode-se dizer que, reelabora a relação entre pensamento e língua. Tal feito não havia ainda sido conseguido e é amplamente reconhecido a partir do *Curso de Linguística Geral*. (*Ibidem*, p. 50).

Ao se fazer crucial nos estudos saussurianos a teoria do valor implica conhecer a relação entre linguagem, língua e fala, uma vez que toma a língua como referência para analisar o que deve considerar um linguista em seus estudos. A conceituação de língua, portanto, é necessária para que possamos compreender a questão da teoria do valor de Saussure, assim como a teoria do valor é necessária para que a definição de língua seja melhor delimitada.

Na análise do capítulo da teoria do valor das duas traduções do *CLG* em inglês, não surgiram dificuldades em relação à tradução dos três termos. No entanto, há um momento em que a tradução da palavra idioma não parece adequada, como mostra o quadro a seguir:

Tabela 7 – Traduções de idioma de acordo com Saussure (1959, 1983)

Original em francês	Baskin	Harris
Ce principe est si essentiel qu'il s'applique à tous les éléments matériels de la langue, y compris les phonèmes. Chaque idiome compose ses mots sur la base d'un système d'éléments sonores dont [...] (p. 164)	The foregoing principle is so basic that it applies to all the material elements of language, including phonemes. Every language forms its words on the basis of a system of sonorous elements [...] (p.119)	This fundamental principle applies to every material element used by a language, even the basic speech sounds. Each language constructs its out of some fixed number of phonetic units [...] (p. 117)

Visualizamos no quadro que tanto a tradução de Baskin como a de Harris utilizam para o termo idioma a mesma palavra que ambos empregam em suas traduções para o termo linguagem, ou seja, *language*. Primeiro lembramos que, no capítulo anterior, para o termo *language* há, em ambos os dicionários utilizados nesta pesquisa, a possível tradução de *language* para “idioma”. Segundo, na teoria de Saussure “idioma” não tem a mesma definição de linguagem e, portanto, se faz necessário que o termo idioma seja diferenciado do termo linguagem.

Além disso, observemos a segunda crítica que Harris apresenta sobre a primeira tradução da obra póstuma de Saussure: “Ao abordar questões sobre Saussure têm sido feitas declarações descaradamente anti-saussurianas como ‘linguagem é uma forma, não uma substância’”.¹⁰⁰ (HARRIS, 1983, p.xiii). Notemos, portanto, no quadro a seguir, à esquerda, o trecho em que Saussure define forma e substância no *CLG* original e, à direita, nas duas traduções em inglês:

Tabela 8 – Traduções de língua de acordo com Saussure (1959, 1983)

Original em Francês	Baskin	Harris
Mais la langue étant ce qu'elle est, de quelque côté qu'on l'aborde, on n'y trouvera rien de simple ; partout et toujours ce même équilibre complexe de termes qui se conditionnent réciproquement. Autrement dit, <i>la langue est une forme et non une substance</i> . (p. 141)	But language being what it is, we shall find nothing simple in its regardless of our approach; everywhere and always there is the same complex equilibrium of terms that mutually condition each other. Putting in another way, <i>language is a forma and not a substance</i> . (p. 122)	But linguistic structure being what it is, however one approaches it, nothing is simple. Always and everywhere one finds this same complex equilibrium of terms holding one another in mutual juxtaposition. In other words, <i>the language itself is a form, not a substance</i> . (p. 120)

A diferença que encontramos em ambas as traduções nos parece simples. Primeiro, Harris acrescenta o artigo *the* antes de *language* (como observamos no quadro a palavra em negrito), que para ele é crucial na distinção entre língua e linguagem. Contudo, além de inserir o artigo, ele também insere a palavra *itself*, que se trata de um pronome que em inglês significa “a si mesmo, o próprio, a própria” (VALLANDRO, 1965, p. 266). A inserção desse pronome nos parece clarear a informação de que nesse momento tratamos da língua de acordo com a noção de sistema, ou seja, que reflete o que conhecemos como a ordem própria da língua.

Harris parece criar uma solução, porém não concordamos quando ele afirma que a tradução de Baskin nos faz inferir que linguagem (não língua) é forma e não substância. Em todo momento em seu livro, o autor da primeira tradução sempre usou para língua o termo *language*, não sendo diferente no capítulo que aborda a teoria do valor. Ao analisarmos o capítulo III da primeira parte do *CLG*, por exemplo, Baskin define língua várias vezes, e todas elas utilizando o termo *language*, enquanto linguagem também é sempre traduzido pelo termo *speech*, como vimos anteriormente.

¹⁰⁰ Tradução nossa de: “On crossing the Channel Saussure has been made to utter such blatantly unSaussurean pronouncements as ‘language is a form, not a substance’”.

Já Harris cria diferentes termos para língua; de acordo com nossas pesquisas, há cinco diferentes formas de apresentar esse mesmo termo, são elas: *a language*, *the language*, *linguistic structure*, *language system*, e *language itself*, enquanto para o termo linguagem, o autor usa o termo *language*.

Dessa forma, o termo língua é várias vezes modificado para que ele seja apresentado de uma forma mais clara aos leitores do livro. Entretanto, essas diferenciações podem deixar o texto com dificuldades na leitura uma vez que Saussure utilizou somente um termo (língua) para se referir ao termo que Harris apresenta nomeado de cinco maneiras diferentes. Sanders¹⁰¹ (2000) menciona que essa estratégia de Harris pode ser problemática pelo fato de o tradutor não utilizar os termos de forma consistente; vejamos com ela:

A pergunta é o que Saussure entende por um sistema até que o leitor chegue à segunda parte do livro, o próprio Saussure não usa a palavra *estrutura* que adquiriu uma boa quantidade de bagagem desde que o livro foi escrito, e assim por diante. No entanto "sistema" é tão perto do que Saussure entende por *langue* que essa poderia ser uma solução satisfatória, mas somente se ela fosse usada de forma consistente¹⁰². (SANDERS, 2000, p. 354).

No entanto, se pensarmos na teoria do valor em Saussure o fato de *langue* ter vários termos na tradução de Harris não implica uma não compreensão do conceito de língua; notemos como o genebrino aponta questões sobre o valor:

Tomemos um cavalo; será por si só um elemento do jogo [de xadrez]? [...] Suponhamos, no decorrer de uma partida, essa peça venha a ser destruída ou extraviada: pode-se substituí-la por outra equivalente? Decerto: não somente um cavalo, mas uma figura desprovida de qualquer aparência com ele será declarada idêntica, contando que se lhe atribua o mesmo valor. (SAUSSURE, [1916], p. 128).

Desse modo, quando temos a terminologia do termo *langue* oscilando entre cinco termos diferentes, em nada implica sua compreensão se ela tiver o mesmo valor de *langue*. Não deixamos de pensar que essa característica de oscilar entre diferentes termos para língua, empregados na tradução de Harris, pode deixar a leitura mais complicada, e esse, segundo Harris, não é o objetivo de sua tradução. Uma dificuldade que encontramos, talvez, pode estar vinculada ao fato de que o termo *language* utilizado

¹⁰¹ Na citação a autora trata de somente três termos diferentes por ela abordar somente o terceiro capítulo da primeira parte do *CLG*. Os outros termos que encontramos aparecem no livro depois deste capítulo.

¹⁰² Tradução nossa de: "The question is begged of what Saussure meant by a system until the reader reaches the second part of the book; Saussure himself did not use structure which has acquired a good deal of baggage since book was written, and so on. However "system" is so close to what Saussure means by *langue* that it could be a satisfactory solution, if only it were used consistently".

por Harris está também empregado ao termo idioma, como vimos acima, e *langage* para Saussure não tem nenhum valor de *idiome*.

No caso da tradução de Baskin não encontramos a oscilação de termos, mas a questão do termo *langage* vinculada a *idiome* também aparece, fato que lembra a questão de equivalência¹⁰³ de termos que, novamente, não existe para essas duas palavras no inglês. A palavra *language* do inglês abarca vários sentidos, um deles é o sentido de idioma, mas, da mesma forma que acontece com o termo francês *langue*, *idiome* deve ter um sentido diferente de *langage*.

Ao compararmos ambas as traduções entendemos que há dificuldades de compreensão relacionadas às duas. A tradução de Baskin demonstra complicações, principalmente, com a tradução dos termos *langue* e *langage*, além de apresentar uma linguagem arcaica, como descreve Sanders: “a tradução tinha uma impressão muito ligeiramente arcaica”¹⁰⁴ (SANDERS, 2000, p. 355); o que acabou levando a uma segunda tradução. A tradução de Harris, por sua vez, parece tentar resolver os impasses de compreensão da primeira tradução, e como afirma Sanders, o trabalho dele foi mais difícil que o trabalho de Baskin, pois

Sua tarefa era presumivelmente dupla; primeiramente, ele tinha que oferecer uma versão atualizada e legível que permitiria as notas dos cursos de 1900 conversarem diretamente ao leitor contemporâneo. Segundo, ele precisava levar em conta os debates (geralmente mal-informados) que ocorreram na década de 80, para tentar dar uma ideia do porque o *CLG* foi tão importante na metade e fim do pensamento do século XX.¹⁰⁵ (SANDERS, 2000, p. 355)

Percebemos, portanto, que há complicações em relação aos três termos saussurianos quando levamos em consideração as duas traduções disponíveis do *CLG* em inglês. As traduções disponíveis na língua inglesa, ao comprometerem a definição do objeto da linguística, prejudicam também outras questões referentes à língua, uma vez que vários conceitos de Saussure retomam a tripartição conceitual para que sejam conceituados, o que torna difícil a compreensão de várias conceituações em ambas as versões do livro na língua inglesa.

¹⁰³ Pressuposto teórico abordado no capítulo anterior.

¹⁰⁴ Tradução nossa de: “[...] the translation had a very slightly archaic feel [...]”.

¹⁰⁵ Tradução nossa de: “His task was presumably twofold; first, he needed to offer an updated and readable version which would enable the lecture notes of the 1900s to speak directly to the contemporary reader. Secondly, he needed to take account of the (often ill-informed) debates that had taken place by the 1980s in order to try and give an idea of why *CLG* was of such importance to mid and late 20th century thought”.

Dessa forma, fica claro que na elaboração de Saussure há uma cadeia de conceitos que dependem uns dos outros e, assim, há novas conceituações a partir das primeiras. Essa interdependência notada por Normand nos direciona a inferir que o próprio conceito de sincronia ficaria prejudicado sem a distinção da tripartição conceitual, pois, segundo a autora, primeiro Saussure conceitua alguns pontos gerais e depois o conceito de sincronia se torna seu foco de estudo. Portanto, o genebrino utiliza os três termos em todo o *CLG* para que seu novo jeito de estudar linguística seja ensinado. Esses três termos não são somente importantes, mas imprescindíveis nos estudos saussurianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de Ferdinand de Saussure é extenso e, além disso, há uma grande insatisfação com a terminologia corrente no século XIX, como podemos observar no trecho de uma carta que ele enviou à Meillet em 4 de janeiro de 1894:

Mas eu estou cansado de tudo isso e a dificuldade que geralmente há em escrever dez linhas com o senso comum de fatos da língua. Preocupado especialmente há muito tempo com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos pontos de vista sob os quais os tratamos, eu vejo cada vez mais a imensidão do trabalho que seria necessário para mostrar ao linguista o que ele faz¹⁰⁶. (SAUSSURE *apud* BENVENISTE, 1963, p. 13)

Essa insatisfação o levou a empreender uma busca que culminou em apresentar aos linguistas uma nova forma de trabalhar com a linguística; assim, o autor define a língua como objeto da linguística e, principalmente, distingue esse objeto de linguagem e fala.

Com base no trabalho de Silveira (2007), percebemos o movimento de fundação da linguística a partir de 1891, ou seja, momento em que Saussure trabalha bastante na elaboração de uma terminologia, que foi, enfim, apresentada aos alunos nos cursos ministrados em Genebra. Neste trabalho, conseguimos notar que esse movimento de fundação está intimamente ligado à definição do objeto da linguística e, foi a partir dele, que a linguística começou a tomar uma nova forma.

Assim, a tripartição conceitual torna-se de suma importância para os estudos saussurianos, como apontamos em todo o nosso trabalho e foi anteriormente afirmado por Silveira:

O efeito do CLG foi tão forte nos seus primeiros anos que a edição não foi colocada em xequê; as questões que o livro coloca sobre a língua, a fala e a linguagem marcam a linguística que, a partir daí, não está diante do mesmo objeto. (SILVEIRA, 2007, p. 20).

Os três termos teóricos de Saussure realmente marcaram os estudos linguísticos. A necessidade que o genebrino demonstrava em delinear o objeto da linguística – aquele que ele designou como “ao mesmo tempo integral e concreto” (SAUSSURE,

¹⁰⁶ Tradução nossa de : “Mais je suis bien dégoûté de tout cela et de la difficulté qu'il y a en général à écrire dix lignes ayant le sens commun en matière de faits de langage. Préoccupé surtout depuis longtemps de la classification logique de ces faits, de la classification des points de vue sous lesquels nous les traitons, je vois de plus en plus à la fois l'immensité du travail qu'il faudrait pour montrer au linguiste ce qu'il fait”.

[1916], p. 15) – determinou o que seria dos estudos linguísticos a partir daquele momento.

Tornou-se claro que esse objeto se tornara o ponto de partida da explicação de toda a teoria do sistema da língua como Saussure a concebe. Dessa forma, a língua, juntamente de dois outros termos que o autor demonstrou bastante cuidado em conceituar – linguagem e fala – formam uma tripartição conceitual que é o eixo da teoria saussuriana. A inter-relação entre os três termos fez com que eles se tornassem imprescindíveis um para o outro. Ademais, as definições posteriores a eles no *CLG* – que nos levam à compreensão de que a língua é um sistema – ao fazerem uso dessa tripartição conceitual, confirmam a necessidade de que os termos sejam compreendidos de forma elucidativa por aqueles que estudam Saussure.

Há, todavia, um grande número de linguistas estudiosos de Saussure, tradutores, comentaristas que enfrentam dificuldades com a tripartição conceitual saussuriana. Os termos linguagem, língua e fala apresentam uma conceituação complexa, repleta de relações de um termo com o outro e, ainda, por terem tanta relevância no trabalho de Saussure, os três termos foram questionados, traduzidos e retraduzidos de uma forma incessante. Assim, concordamos com De Mauro quando ele afirma:

[...] encontramos evidências de que Saussure nunca se liberará das palavras nas dificuldades, nas discussões, nos debates, nas polêmicas em torno da questão da tradução para outras línguas do trio *langue-parole-langage* (mas isso prova também que o trabalho científico pode reordenar, de uma maneira própria para certos fins técnicos, os usos da linguagem corrente)¹⁰⁷. (DE MAURO, [1967] 2005, p. 423)

Se as traduções comprometem a compreensão de linguagem, língua e fala, podemos pensar que todo o trabalho de Saussure pode apresentar impasses na compreensão dos três termos nas duas traduções do *CLG* em inglês. Baskin trabalha com uma tradução que consegue conservar os termos do começo do livro ao fim, mas que foi problemática em relação aos termos *langage* e *langue*; Harris, por outro lado, ao procurar fazer uma tradução mais voltada para um leitor não especialista, apresenta complicações na compreensão da terminologia, uma vez que a tradução oscila entre diferentes utilizações de um mesmo termo.

¹⁰⁷ Tradução nossa de : “on trouve d'ailleurs une preuve du fait que Saussure ne se libéra jamais des mots dans les difficultés, les discussions, les polémiques autour du problème de la traduction en d'autres langues du trio *langue-parole-langage* (mais cela même prouve aussi que le travail scientifique peut réordonner, d'une façon propre à certaines fins techniques, les usages linguistiques courants)”.

Notamos que a abrangência do termo *language*, que comporta várias definições imprescindíveis na obra de Saussure - como a definição de *langue*, *langage*, *idiome* – é um obstáculo para a compreensão da obra saussuriana. A imprecisão terminológica que a língua inglesa proporciona demonstra que o trabalho de ambos os tradutores do *CLG* em inglês está em um terreno instável, que foi repetido, contestado e que necessita de constante atenção na leitura. Fato que acontece, como aponta Saussure, em virtude de as palavras não estarem encarregadas “de representar os conceitos dados de antemão”, e se isso acontecesse “cada uma delas [das palavras] teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido” (SAUSSURE, [1916], p. 135). Assim, a correspondência não ocorre e, para o inglês, temos três termos que parecem não desempenhar o papel que deveriam na tradução do *CLG*.

Enfim, a tripartição conceitual saussuriana parece se perder em meio a essas duas versões inglesas do livro e, assim, retornamos ao ano de 1891 em que ainda não as tínhamos distinta como a conhecemos hoje. Dessa forma, essas traduções inadequadas do *CLG* podem retornar os conceitos de linguagem, língua e fala para aquele emaranhado indecifrável de princípios que não são explicados de forma clara nos manuscritos, comprometendo a teoria saussuriana.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Rodrigo da Costa. De textos e de paratextos. In: Palimpsestos. n. 10. 2010. p. 1 – 5. Disponível em: http://www.pglettras.uerj.br/palimpsesto/num10/resenhas/palimpsesto10_resenhas01.pdf
- ARROJO, Rosemary. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993. 212 p.
- _____. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. In: **Cadernos de tradução**. v. 1. n. 1. Florianópolis, 1996. p. 52 – 69. Disponível em : <https://www.journal.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5064/4567>
- AMACKER, René. Comptes Rendus. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**. Revue de linguistique générale, n. 50. Publicado por Cercle de Ferdinand de Saussure, Genève : Librairie Droz S.A., 1997. p. 210-234
- AZENHA JR, João. **Tradução técnica e condicionantes culturais**: primeiros passos para um estudo integrado. São Paulo: Humanitas, 1998. 158 p.
- BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert. Prefácio à primeira edição. In: **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 1 - 4
- BAKER, Mona. **In other words: a coursebook on translation**. Nova Iorque: Routledge, 1992. 304 p.
- BENVENISTE, Emile. Saussure après un demi-siècle. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**. Revue de linguistique générale, n. 20. Publicado por Cercle de Ferdinand de Saussure, Genève: Librairie Droz S.A., 1963. p. 7 - 21
- BOUISSAC, Paul. **Saussure**: um guia para os perplexos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 260 p.
- CHIDICHIMO, Alessandro. Phonétique du grec et latin cours de M Ferdinand de Saussure Université de Genève 1891-1892. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**. Revue de linguistique générale, n. 62. Publicado por Cercle de Ferdinand de Saussure, Genève : Librairie Droz S.A., 2009. p. 279-288
- CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, Massachussetts: MIT Press, 1964. p. 23
- CIULLA, Alena; FINATTO, Maria José Bocorny. O signo linguísticos em Saussure: algumas questões para o português brasileiro. In: **Traduzires**. v. 2. n. 1. Brasília: Universidade de Brasília, 2013. p. 65-73.
- COELHO, Micaela Pafume. O último curso de Ferdinand de Saussure e a sua presença no “Curso de Linguística Geral”. In: **Revista Entrepalavras**. v. 1, n. 1. Fortaleza, 2011.

CUDAKOVA, M. O.; TODDES, E. A. La première traduction russe du *Cours de Linguistique Générale* de F. de Saussure et L'activité du Cercle Linguistique de Moscou. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**: Revue de linguistique générale, n. 36. Publicado por Cercle de Ferdinand de Saussure, Genève : Librairie Droz S.A., 1982. p. 63-91

CULLER, Jonathan. **As ideias de Saussure**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: Cultrix, 1979. 105 p.

ENGLER, Rudolf. Théorie et critique d'un principe saussurien: l'arbitraire du signe. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**. Revue de linguistique générale, n. 19. Genebra: Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A., 1962. p. 5-65

_____. **Ferdinand de Saussure - Cours de Linguistique Générale: Édition critique** (Tome 1). Otto Harrassowitz: Wiébsaden, 1968. p. 515.

EVANS, Joseph Claude. **Strategies of deconstruction**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991, 208 p.

GADET, Françoise. **Saussure**. London : Century Hutchinson Ltd, 1989. 169 p.

GODEL, Robert. **Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale**: de F. de Saussure. 2. ed. Genebra: Librairie Droz, 1957. 282 p.

GORDON, W. Terrence. *Langue and parole*. In: SANDERS, Carol. **The Cambridge companion to Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 76 – 87.

_____. Le saussurisme en Angleterre et en Amérique du Nord. In : **Cahier Ferdinand de Saussure**. Revue de linguistique générale, n. 59. Genebra : Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A., 2006. p. 87 – 106

HARRIS, Roy. **Saussure and his interpreters**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001. 224p.

_____. Translator's Introduction. In: SAUSSURE, Ferdinand de. **Course in General Linguistics**. London: Open Court Classics, 1983. p. ix – xvi.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário folha weebster's inglês/português português/inglês**. Rio de Janeiro, 1997. 638 p.

IVANOVA, Ekaterina. Le problème de la traductibilité des termes linguistiques (l'interprétation de *langue-langage-parole* de Saussure en russe). In : **Cahier Ferdinand de Saussure**. v. 53. Genebra: Librairie Droz S.A., 2000. p. 177-196

KOMATSU, E. Foreword. In : SAUSSURE, Ferdinand de. **Première cours de linguistique generale (1907)**. Oxford : Pergamon, 1996. p. vii – x

_____. Foreword. SAUSSURE, Ferdinand de. **Deuxième cours de linguistique generale (1908-1909)**. Oxford : Pergamon, 1997. p. vii - viii

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972. p. 347

MOUNIN, Georges. **Os problemas teóricos da tradução**. São Paulo: Cultrix, 1963. 163 p.

NORMAND, Claudine. **Convite à linguística**. Tradução Cristina de Campos Velho. São Paulo: Contexto, 2012. 204 p.

_____. **Saussure**. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 183 p.

_____. System, arbitrariness, value. In: SANDERS, Carol. **The Cambridge companion to Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 88-104

SANDERS, Carol. Saussure Translated. In: **Historiographia Linguistica**, XXVII 2/3. 2000. p. 345-358.

_____. **The Cambridge Companion to Saussure**. Cambridge: Cambridge University, 2004. 309 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. Trois première Conférence. In: **Papiers Ferdinand de Saussure, 3951/1**: Notes de Linguistique Générale. Bibliothèque de Genève, 1891. 59 f.

_____. Caractères du Langage. In: **Papiers Ferdinand de Saussure, 3951/6**: Notes de Linguistique Générale. Bibliothèque de Genève, 1891. 1 f.

_____. Notes pour le cours II : Dualités. In: **Papiers Ferdinand de Saussure, 3951/22 – 22**. Bibliothèque de Genève, 1908. 2 f.

_____. **Premier Cours de Linguistique Générale (1907)**: d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1907): from the notebooks of Emile Constantin. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Inglaterra: Pergamon Press, 1996 [1907]. 166 p.

_____. **Deuxième Cours de Linguistique Générale (1908-1909)**: d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1908-1909): from the notebooks of Emile Constantin. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Inglaterra: Pergamon Press, 1997 [1908-1909]. 192 p.

_____. **Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911)**: d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Inglaterra: Pergamon Press, 1993 [1910-1911]. 173 p.

_____. **Course in General Linguistics**. Tradução de Wade Baskin. New York: Columbia University Press, 1959. 260 p.

_____. **Curso em Linguística Geral**. 27. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973. 279 p.

_____. **Course in General Linguistics**. Tradução de Roy Harris. London: Open Court Classics, 1983. 236 p.

SILVEIRA, Eliane Mara. A teoria do valor no *Curso de Linguística Geral*. In: **Revista Letras & Letras**. v. 25, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 39-54

_____. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística moderna**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. 168 p.

_____. Uma preliminar de dois manuscritos de Ferdinand de Saussure: ‘*Conférence à L’Université*’ e ‘*L’essence double du langage*’. In: Simpósio Internacional de Letras e Linguística, v. 2, 2011, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 1-16.

SOFIA, Estanislao; Quelques problèmes philologiques posés par l’oeuvre de Ferdinand de Saussure. In : **Langages** : L’apport des manuscrits de Ferdinand de Saussure, n. 185. França : Larousse, 2012. p. 35–50.

SUNGDO, Kim. Notes sur la traduction de la terminologie saussurienne em écriture chinoise. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**. Revue de linguistique générale, n. 44. Genebra: Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A., 1990. p. 73-93

VALLANDRO, Leonel. **Dicionário escolar inglês/português português/inglês**. 6. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1965. 981 p.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondon. Bauru, SP: EDUSC, 2002. 394 p.

_____. **The translator’s invisibility: a history of translation**. New York: Routledge, 2002 [1995]. 353 p.

_____. **The translation studies reader**. New York: Routledge, 2000. 541 p.

VINHAIS, Eminea. A. **A noção de fala em Ferdinand de Saussure**: Dos manuscritos ao Curso de Linguística Geral. In: Simpósio Internacional de Letras e Linguística, v. 2, 2011, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: EDUFU, 2011.

WEN, Pei. “Preface to the Chinese translation of the CLG” In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**. Revue de linguistique générale, n. 60. Genebra: Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A., 2007. p. 201-216

WOLF, George. Translator's note. In : SAUSSURE, Ferdinand de. **Deuxième cours de linguistique generale (1908-1909)**. Oxford : Pergamon, 1997. p. xv - xvi